

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

DIALOGANDO COM A ARTE DO CULTIVAR:

TERRAS, PALAVRAS, VIDAS

numa pequena cidade mineira imersa no mundo globalizante.

Rosângela das Dores Guedes de Paiva

Juiz de Fora - MG

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**DIALOGANDO COM A ARTE DO CULTIVAR:
TERRAS, PALAVRAS, VIDAS**
numa pequena cidade mineira imersa no mundo globalizante.

Rosângela das Dores Guedes de Paiva

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Paulo S. Pinto

Juiz de Fora – MG

2007

*Dedico esse trabalho a
homens, mulheres e
crianças do campo que,
pelos rincões desse Brasil,
dessas Minas, desse Piau,
vão afagando o solo,
aprendendo e ensinando a
arte de cultivar terras,
palavras, vidas.*

AGRADECIMENTOS

As palavras não são suficientes para expressar, o sentimento de profunda gratidão que tenho por todos que ao longo desse trabalho, estiveram presentes das mais diversas formas.

Alexandre pela compreensão de tantas ausências, o apoio constante e o afeto em todos os momentos, dialogando com minhas escritas, filosofando nas minhas viagens.

Matheus de Castro, que durante longos anos vem dedicando-se a um estimável trabalho pela memória de Piau, buscando fontes e mantendo um precioso arquivo, e que com incomensurável gentileza me apoiou nessa pesquisa.

Zélia Lopes, educadora admirável, sempre buscando evidenciar que evocar a memória do município, seria mais que um dever de gratidão, constituindo num imperativo e compromisso com as novas gerações.

Raquel, amiga de longa data, e que também esteve presente me ajudando a buscar fontes para realização desse estudo.

Vinícius pelas leituras e o bom-humor das críticas ao trabalho.

Márcio Lemgruber por me fazer acreditar que a universidade também pode ser um lugar para se aprender em parceria.

Mariângela por me ajudar com extraordinária habilidade, revisando e fazendo apontamentos sempre oportunos.

Regina pelas prosas filosóficas e contribuições ao trabalho.

Maria Teresa Freitas pelas leituras cuidadosas dos trabalhos, sugestões e críticas no decorrer dessa pesquisa.

Vicente Pinto por me receber como orientanda nesse programa de pós-graduação.

Gilberto Damiano pela criteriosa leitura, críticas e preciosas contribuições ao trabalho.

Jader Moreira por agregar forças às palavras dessa pesquisa.

Sonia Clareto por acreditar e apoiar sensivelmente a realização dessa pesquisa, sempre presente, indescritível na arte de combinar leveza, criticidade e sabedoria.

Aos colegas desse mestrado que juntos fomos aprendendo a caminhar.

Aos funcionários da universidade que sempre estavam prontos a nos ajudar.

A Getulio que com enorme dedicação nos acompanha.

Meus tios e estimáveis amigos Zé, Iria e Maria.

Pai, Mãe e Manos por se empenharem para que eu realizasse mais essa etapa da vida.

Meus alunos que todos os dias me fazem ressignificar teorias e educação. Construindo um cotidiano significativo de aprender a ensinar.

Aos bananeiros de Piau que inspirada em suas cotidianidades construí esse trabalho.
AA, João Quintino, Jucelio, Quintino, Lim, Egídio, Vavá, Wallace, Daniel, Zé Guedes, Ednei, Marquinho, Edmundo, Diogo, Tatana, Gilmar Rezende, Gilmar Ribeiro, Guta, Álvaro, Domingos, Cassimiro, Zé Maria, Vicente, Tiago, Dico, Zé Vicente, Neide, Márcio, Hélio, Marcos, Mazinho, Fernando, Paulo César, Rodolfo, Jorge Turco, Chiquinho, Luizinho, Sidnei, Joveli, Gisele, Pedro Maritaca, Pedro Sapo...e a todos que não tiveram seus nomes aqui citado mas que engrandecem o solo piauiense com seu trabalho e dedicação.
Uma terra é cultivada por muitas mãos, mãos que dia após dia lhe primam de valor e sabedoria, que lhe regam e que vibram com seus frutos.

*Nossas necessidades são poucas. Mas nossas
carências aumentam com as nossas posses.*

Provérbio Chinês

RESUMO

Esta dissertação narra uma pesquisa de caráter etnográfico, abordando o civilizar pela palavra empreendido por um mundo globalizante, calcado no jogo político de (re)criação das maneiras de existir. Pauta-se numa análise histórica das práticas de cultivos da banana e suas ressignificações ante as tecnologias, numa pequena cidade mineira, buscando compreender o ordinário dessa comunidade, aprofundando-se no cotidiano de bananeiros e na sistematização em rede desse cultivar, imbricados a uma avaliação mais contundente do discurso tecnicista, monologizante e mercadológico divulgados nos meios de comunicação social, voltados para essa prática agrícola. Através de uma estratégia teórico-metodológica construída principalmente a partir de conceitos de Mikhail Bakhtin, Michel de Certeau e Peter Pál Pelbart, buscam-se as narrativas, presentes no imaginário de homens e mulheres que lidam com o campo e, junto com essas vozes, compõem-se rizomáticas construções intersubjetivas que primam por uma educação política e popular.

PALAVRAS-CHAVE: Educação política; cultivo banana; biotecnologia; globalização; fetichismo; cultura popular.

ABSTRACT

This thesis relates an ethnographic research that focuses the civilizing through the word undertaken for a globalized world, treaded on the re-creation's politics play of the existence ways. Directed itself on the historical analysis by the banana cultivation practices and their re-signification facing the technologies in the Minas Gerais small ville and try to understand the customary of this community, deepening in the bananers' quotidian and in the systematization of this cultivate, imbricated to the more confusing avaluation of the technicism, monologicant and marketing speech published by social communication ways turned to this agricultural practices. Through the theoretic methodology strategy builded principally by the Mikhail Bakhtin, Michel de Certeau and Peter Pál Pelbart concepts, I am looking for the narratives presented on men and women's imaginary that work on the piece of ground plantation and, together with these voices, compound ourselves rizomatic intersubjective constructions that long for the politics and popular education.

KEY WORD: Politics Education; banana culture; biotechnology; globalization; fetichismo; popular culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Vista panorâmica da cidade de Piau/MG	14
Arquitetura	16
Escavações	29
Mapa conceitual 1.....	31
Entre montes e planícies verdejantes tu nascentes meu lindo rincão	34
Casas em torno da matriz	37
Retalhos fazenda	41
Primeiro Grupo Escolar da cidade	42
Anacrônico	44
Estrada que dá acesso a Piau	46
Igreja e bairro do Rosário	50
Cofrinhos protegidos por Nossa Senhora	53
Varanda da cozinha	57
Casa e depósito de um bananeiro	59
Burros com suporte para caixas	61
Cacho de banana coberto por jornais e saco plástico	62
Exposição artesanato de fibra de bananeiras em Piau	73
Detalhes de um desfile na Festa da Banana	74
Mapa conceitual 2	78
Principais países produtores, importadores e consumidores de banana	81
Comércio de banana prata na CEASA de Juiz de Fora/MG.....	89
A vida é bela	122
Distribuição de ocorrências registradas pelas policias civis	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 ANACRONIZANDO, SER PESQUISA	15
2 ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS	25
3 MUITAS VOZES E MAIS UMA HISTÓRIA DE PIAU	32
4 O ORDINÁRIO DE UMA CIDADE	45
4.1 Entre o olhar panorâmico e o aguçado: experiências diaspóricas e identidades	47
4.2 Demarcações de civilidade	48
4.3 A guerra política no município: mais de um século de batalhas	51
4.4 Entre o religioso e o profano	52
4.5 Algumas discussões de gênero	54
4.6 Lar doce lar	56
4.7 Quem és tu, piauiense?	58
5 O COTIDIANO DE BANANEIROS	59
5.1 Entre tradições e novas tecnologias: o dia-a-dia do produtor	61
5.2 Práticas de cultivo e comercialização: ontem e hoje	62
5.3 O mercado	67
5.4 Os caminhantes bananeiros e suas estradas vicinais	70
5.5 Da bananeira ao consumidor	70
5.6 As bananas se agregam a outros olhares de mercado	72
5.7 Uma educação muito além da escola, formada na prática do cotidiano	75
6 SISTEMATIZANDO EM REDE UM ADMIRÁVEL CULTIVAR	79
7 EDUCAÇÃO DO RISCO NUMA SOCIEDADE DE RISCOS	97
PARA ALÉM DE UMA CONCLUSÃO: Educação Política e Popular num mundo globalizante	129
REFERÊNCIAS	141
ANEXOS.....	151

INTRODUÇÃO

*Mudaram as estações e nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Está tudo assim tão diferente
Se lembra quando a gente
chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber
Que o pra sempre, sempre acaba*
RENATO RUSSO

O que é finalizar um mestrado? Lançar ponto final a um processo? Descrever o que não encontra em palavras. Perceber que o limite se impõe sobremaneira à vida. Encontrar, nas incertezas, certeza e que, na busca de se responder uma questão, depara-se com centenas de outras, num aprimorado processo das ciências abalando a própria Ciência, nos caminhos imbricados de pluralidade humana.

Pesquisa, como transcorrer seus caminhos e não se afetar profundamente pelas palavras, não se sentir insatisfeito por não ter encontrado o mestre? Não sentir insegurança em lidar com os “mortos¹” de uma longa jornada. O que fazer com eles? Enterrar, ressuscitar, cremar? Uma autópsia, que a sabedoria popular muito apropriadamente, contrariando dicionários, usa inapropriadamente no lugar de necropsia. O que de mais adequado podemos fazer diante de um “morto” a não ser um “exame de si mesmo” ou “ver com os próprios olhos”? Afinal temos que aceitar e lidar com o limite extremo da vida, coisas nascem para morrer, porque é isso que transforma o mundo, que dá movimento ao grande tempo.

¹ Os mortos a que me refiro neste momento são as transcrições de entrevistas, centenas de observações anotadas, enunciados deslocados de seu contexto. Nas palavras de Certeau (1995, p.241), a fronteira circunscreve aquilo que podemos dizer ou fazer do lugar onde falamos. Nada que pertença aos outros transpõe esse limite sem que nos cheque morto, pois nada que nos foge existe, inevitavelmente. Lembrando Pablo Simpson (2006, p.315) em sua tese “poderíamos lançar aos ventos as cinzas dos mortos, ceder ao desejo da natureza, dar realização a ruína daquilo que foi. Eis que com a tumba e no estouro da morte um mesmo gesto diz a ausência e nela mantém uma vida. Diz que a presença é indestrutível, eterna. Uma tal asserção, em sua essência dupla, é estranha ao conceito. Que conceito saberá reunir uma ética, uma liberdade? Eis a grande pedra servil, sem a qual tudo teria perecido na miséria e no horror. Eis a vida que não se assusta com a morte (aqui eu parodio Hegel) e que se recompõe na morte mesma. É preciso, para compreendê-las, uma outra linguagem que não seja o conceito, uma outra fé. O conceito se cala diante delas, como a razão na esperança.”

Há muitas coisas que não conseguimos sentir nas palavras. Aliás, são poucas as coisas que as palavras conseguem traduzir. Há um mundo de vida pulsante que se perde ao escrever sobre algo. Talvez a fotografia ajude nessa tarefa, mas também não é suficiente, assim como os vídeos, pois em ambos não se percebe o cheiro, o tato, uma edição do olho nu, do ouvido aguçado. Falta o movimento de um corpo completo em busca de acabamento. Não há nada capaz de substituir um ato de vida. O ser humano no ápice de racionalidade é capaz de fabricar formas, mas não é capaz de fabricar a vida. Talvez seja essa uma função da arte, salvar o homem na falta de vida. E quem sabe não seja essa uma boa proposta de acabamento de mestrado, fazer arte², não algo para ser admirado, mas algo que expresse um pouco o lidar com a falta de vida.

Como trabalhar com memórias, ruínas, se não pela arte? Como escavar seu solo e sair de um mergulho intenso sem arte? Como lidar com tudo que não consegue entender, com o que não consegue mudar, se não for pela arte? Como estar num mundo que consome vidas, que poda vontades, moraliza sentimentos, virtualiza as relações e sobreviver sem arte? Qual a ousadia das ciências se não experienciarem a arte, a estética do mundo?

O que são essas escritas senão um substancial de viagens? Viagens permeadas por encontros e desencontros de uma pesquisadora em formação, em busca de significados às ações de mergulhar em mundos e em si mesma, mediada pelo outro encontrado nos caminhos até então percorridos ou que se desejou percorrer. O que se pode propor nessas linhas senão

² Bakhtin elege o conteúdo da atividade estética, e não o material, como o objeto primordial de análise. Embora a discussão sobre forma/conteúdo já tenha sido superada, não podemos deixar de mostrar como Bakhtin enfrentou o problema na perspectiva de seu método dialógico. Ele entende o conteúdo como o elemento ético-cognitivo que evidencia a relação entre a ação humana e o mundo onde esta se desenvolve. É o conhecimento que revela a capacidade potencial de os seres vivos reagirem ao meio em que vivem. Essa reação tornou-se o centro das reflexões de Bakhtin sobre a resposta. Sem resposta não há vida, nem evolução e nem tampouco se pode definir o tipo de relação que o homem mantém com o mundo. Antes mesmo de o dialogismo ganhar a dimensão de unidade para a análise cultural e se transformar no conceito-chave de sua *Poética*, Bakhtin se dedicara ao estudo da resposta na relação dialógica do homem com o mundo. Suas reflexões nesse sentido constam do ensaio 'Arte e responsabilidade' de 1919. Foi pensando nesta ação responsiva que se irradia pelos vários níveis da vida biológica, social e cultural que Bakhtin afirma a impossibilidade da análise estética imanente. Ao contrário do que se pretende, 'a arte celebra, orna, evoca essa realidade preexistente do conhecimento e do ato'. É isso que faz da novidade o elemento vital da atividade estética. Para Bakhtin, arte é resposta, uma vez que ela cria uma nova relação axiológica com aquilo que já se tornou realidade para o conhecimento e para o ato. Estes sim são primordiais e não podem ser ignorados pela análise estética. (MACHADO, 2005)

narrar o quão tácito foi construir essas viagens, os sentidos incorporados, a tantos e tantos momentos vivenciados, seguindo os rastros da memória na tentativa de (re)significar e (re)construir os rumos que seguiram os caminhos nessa arte de narrar.



Fotografia 1: Vista panorâmica da cidade de Piau/MG

Quando se narra, têm-se muitas possibilidades, muitas perspectivas. Neste trabalho, o olhar voltou-se para os bananeiros de Piau, para a escuta das histórias de homens e mulheres que constroem e reconstróem o seu solo, para a própria memória nas memórias alheias, para a relação dialógica com o cotidiano e ordinário de uma pequena cidade mineira, imersa no mundo globalizante. Indo-se além das marcas de tempos e espaços, (re)visitando mundos, bailando entre contos e sentidos, em devires, no movimento constante, sentindo os pés em solos movediços, os ventos tocando a pele em direções diversas, os olhos enveredando-se nas (re)configurações de cores e luzes.

Configurando-se num incessante questionar e devir, compõem-se rizomáticos processos de construção, ao encontro dos quais, nesse momento proponho uma viagem.

1 ANACRONIZANDO, SER PESQUISA

*É claro que somos as mesmas pessoas
 Mas pare e perceba como seu dia-a-dia mudou
 Mudaram os horários, hábitos, lugares
 Inclusive as pessoas ao redor
 São outros rostos, outras vozes
 Interagindo e modificando você
 E aí surgem novos valores
 Vindos de outras vontades
 Alguns caindo por terra
 Pra outros poderem crescer
 PITY E GRACO*

Professora de uma escola pública e imersa numa instituição desmantelada no mundo que a cerca, em meio à consciência esfacelada da razão, os caminhos percorridos até aqui foram deixando questões. Estas, imbricadas às ações cotidianas, foram me construindo. Busco no meu discurso os resquícios da memória, da minha história e, seguindo os rastros de uma intersubjetividade hipertextual, vou compondo no grande tempo³ uma narrativa polifônica⁴ fecundada pela vivência de um ser em constante devir.

³ O termo 'cronotopo' é entendido em toda a sua relação com a teoria da relatividade de Einstein, onde foi introduzido para indicar a interdependência entre o tempo e o espaço, e com a biologia. Nos estudos literários, o cronotopo é entendido como uma 'categoria conteudístico-formal' para examinar o 'processo de assimilação do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real'. O cronotopo permite a materialização do tempo no espaço, como se o tempo se tornasse visível, transformando-se na quarta dimensão do espaço. Ou, para usar a notável metáfora bakhtiniana, 'o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos)'. O cronotopo tem um significado especial na caracterização do gênero, na medida em que a literatura é uma manifestação verbal totalmente articulada pela dimensão temporal. Particularmente no que se refere ao romance, o cronotopo tem a função de centro organizador dos principais acontecimentos temáticos; é arque os nós do enredo são atados e desatados. (MACHADO, 2005).

⁴ O plurilingüismo entra no romance 'em carne e osso' nas vozes das pessoas que falam. A língua no romance não só representa, mas ela própria é objeto de representação. A dialética da representação se configura pelo dimensionamento ideológico da palavra no romance: a palavra de um homem que fala em nome de uma visão de mundo ou de um sistema de idéias. A propósito lembra Bakhtin que o diálogo socrático é o primeiro documento que reflete o nascimento simultâneo do conceito científico e da nova personagem romanesca na arte literária em prosa: a figura central do gênero é uma pessoa que fala e que conversa. O sujeito que fala no romance é sempre um ideólogo e sua palavra é sempre um ideograma: representa um ponto de vista particular sobre o mundo. Entretanto, o romance não opera com a imagem do homem, mas com a imagem de sua linguagem, o que equivale dizer que a palavra do homem que fala não é apenas transmitida em seus constituintes verbais, mas é representação literária pelo discurso do autor. A palavra no romance é sempre palavra citada, representada; é discurso de outrem. Este é outro conceito fundamental da poética do discurso romanesco elaborada por Bakhtin. Por isso, estudar as formas de transmissão dessa palavra parece-lhe uma tarefa indispensável para compreender a dialética do plurilingüismo das enunciações. É aqui que a bivocalidade se revela em toda a sua plenitude. É aqui também que Bakhtin situa a derrocada da consciência ptolomaica da linguagem, imposta pelos gêneros elevados, e a progressiva formação de uma consciência galileana, sem a qual o romance não se sustentaria enquanto gênero multiforme. Tudo isto está na base do dialogismo literário e da conceptualização do romance polifônico que, de modo tão incisivo, tem identificado a Poética histórica de Bakhtin. (MACHADO, 2005) Buscando entender a origem desse conceito musical de "polifonia", observamos que segundo informações disponíveis na Wikipédia "a música oficial da Igreja na alta Idade Média, o canto gregoriano ou cantochão tinha como característica a monofonia, isto é, todas as vozes de um coro, por exemplo, cantam a mesma linha melódica. No entanto, no ambiente profano, desenvolveu-se a chamada música de caça (*chace*), ou cânone, onde vozes cantando uma mesma melodia entram sucessivamente, separadas por um ou mais compassos, como se cada voz 'caçasse', perseguisse a que começou a cantar antes. Provavelmente dessas músicas surgem as primeiras idéias para uma nova

Dessa maneira, não posso falar que vou responder a uma questão de pesquisa. Num emaranhado em rede, fez-se um caminho cheio de problematizações que se constitui nesta pesquisa⁵. Lembrando Clareto⁶

A investigação como interpretação é um processo dinâmico, um movimento. As interrogações vão se desdobrando ao longo deste processo. Talvez investigar seja mesmo um desdobrar de interrogações que ora estão mais claras, ora obscurecem... Por vezes parecem próximas, outras distantes... É um processo caótico, cheio de meandros, de avanços e retrocessos, de idas e vindas, no qual distante e próximo, claro e escuro são complementares entre si, não opostos: entram na composição do mesmo movimento, o movimento investigativo.

E na dinâmica dessas indagações fui arquitetando o meu trajeto neste mestrado, arquitetar que não significa, a meu ver, prever o que se quer construir, mas, sim, imaginar o que se quer.



Fotografia 2: Arquitetura

organização musical, o estilo polifônico, ou seja, vozes cantando melodias diferentes ao mesmo tempo. Com o passar dos anos seu antigo substrato, o contraponto, cede lugar a novas formas de arte baseadas na moderna tonalidade e no primado do acorde. Entra-se assim no período harmônico, historicamente contraposto ao período polifônico.” (2006)

⁵ Lembro-me nesse momento das reflexões de Pastre (2002, p.14) a respeito de que “a obra de Merleau-Ponty¹ é um exercício de interrogação, de reflexão radicais. Abertura ao problemático é o *tom* de sua filosofia. É, para ele, condição de um pensamento que se quer radical. É a condição própria ao pensar. A filosofia como *interrogação*. Para Merleau-Ponty a tarefa do filósofo é nos despertar ao que a existência do mundo e a nossa têm de problemáticas em si. A abertura ao problemático é abertura à vida, e ‘não meditação da morte’. O abrir-se à vida implica uma estrutura problemática que pode enunciar-se em: *há eu-outrem-mundo*.”

⁶ 2004, p.2

Pretendo nestas linhas narrar parte do trajeto que, digamos, tenha datado cronologicamente o início do curso de mestrado, mas que é impossível dizer como e por que começou, a menos que se façam incubações forçadas, passando a idéia de um caminho linear, perfeito e objetivo.

O mote inicial partia da percepção de que muitos habitantes da cidade de Piau deixaram de utilizar plantas na terapia e na higienização, o que me levava a questionar de que maneira uma proposta de educação ambiental, focalizando o uso de plantas medicinais, poderia auxiliar alunos de uma escola pública a resgatarem e a preservarem a cultura fitoterápica dessa comunidade. As inquietações foram tomando o lugar das certezas e os objetivos do trabalho constantemente se resignificaram. Como poderia predeterminar o que seria importante preservar para essa comunidade, sem antes escutar o que achavam importante preservar? Embora também faça parte dela, tornou-se necessário compreender o porquê das opções por esta ou aquela terapia.

Nas releituras desta proposta inicial, mais e mais questões iam surgindo. Questões que me fizeram refletir sobre a minha postura prescritiva às ações corretas em relação ao meio ambiente. Questões que me fizeram pensar em quanto mergulhar nesta pesquisa significaria um mergulhar em mim mesma. Comecei a buscar quais seriam os motivos mais intrínsecos que me levaram a esse mestrado, a esse assunto, a esses questionamentos. Nesse recordar, percebi que as buscas eram muito íntimas e revivi a minha história em frações descompassadas, mas significativas enquanto constitutivas de uma apreensão, pelo menos de uma melhor compreensão do lugar em que me encontrava.

A princípio, cheguei a entender que era a cultura fitoterápica que estava se perdendo. Mas em conversas casuais, com dois agricultores, um jovem de 25 anos e um senhor de 70 anos, abri o leque e comecei a compreender que era toda uma cultura que estava sendo deixada ou resignificada: uma cultura do diálogo, pois as pessoas já não conversam tanto na

comunidade ou em casa; uma cultura de tradições, de pequenos costumes coletivos; uma cultura de acreditar mais em suas próprias convicções do que nas de outrem, ou seja, calcada na experiência⁷.

Naquelas pequenas prosas, com o jovem e com o velho, percebi que o que imaginava ser uma questão de acreditar ou não na fitoterapia, em sua eficiência ou inocuidade, expandia-se para a maneira de se relacionar no e com o mundo.

Na fala do jovem: “[...]o *companheiro pode mentir, mas o médico não[...]*”. Percebi um pouco como a ciência infiltra no cotidiano das pessoas como a “dona do saber”, a que desbanca um companheiro. Também quando ele diz “[...]é *mais fácil ir na farmácia do que preparar um chá[...]*”, questiono-me até que ponto, em questão de tempo e custo, apresentar-se-ia essa facilidade e certamente me vi a questionar as prerrogativas da modernidade.

Na fala do velho: “[...]se eu estou morrendo, é que eu tenho que comer o que quero [...] adiando o que eu quero, eu não vou deixar de morrer, mas vou deixar de viver [...] a gente é que deve cuidar da gente mesmo[...]”], entendi que essa fala nos remetia a toda uma maneira de conceber a vida, de vivê-la.

Nesses dois diálogos, percebi que em nenhum momento apresentaram-se questões em relação à eficiência ou não da fitoterapia, mas, sim, questões relacionadas com um modo de vida. Só então compreendi o que poderia até ser o óbvio. E com as palavras de Jobim e Souza⁸ refleti a respeito de que “o homem cada vez mais se afasta de suas necessidades essenciais em troca das ‘fabricadas’ pela sociedade de consumo.”

⁷ Larrosa (2001) destaca que podemos encontrar nas “escritas de Martin Heidegger uma definição de experiência, que vem acrescentar as defendidas por ele em duas dimensões: de travessia e perigo ‘...fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em ‘fazer’ uma experiência isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, ‘fazer’ significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, a medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo’.”

⁸ apud Gusmão, 2004, p.13

Rememorar e imergir no cotidiano me pareceu uma maneira interessante de prosseguir. Nas palavras de Merleau-Ponty,⁹ “a racionalidade é exatamente proporcional às experiências nas quais ela se revela”. Começar pelo meu cotidiano foi então uma escolha que me reportou a um problematizar os rastros que insurgiam da memória. Nas palavras do autor

eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu ‘psiquismo’, eu não posso pensar-me como parte do mundo, como o simples objeto da Biologia, da Psicologia e da Sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência de mundo da qual ela é a expressão segunda¹⁰.

Rastros que escapam ao inteligível, com o auxílio da proposição de Ricoeur¹¹, “trata-se de avaliar a metáfora – a palavra literária – não como figura de discurso, mas como rastro, concebendo a constituição tensional do verbo ‘ser’ em sua afirmação ontológica mais radical.” E nessas problematizações encontrei as amarras que me prendiam a determinada cultura. E tentando entendê-las, percebi que eram muitas e minuciosamente articuladas. Entendi que somos levados a conhecer mais do mundo, como enfatiza Carneiro,¹² do que de nós mesmos. Embalamos-nos na correria do cotidiano sem ao menos saber justificar o porquê. Como diria Nietzsche,¹³ “cada um é para si mesmo o mais distante.” Compreender as teias que me atrelam a essa sociedade tornou-se, assim, uma questão permanente. Nas palavras de Larrosa¹⁴

O sujeito moderno está atravessado por um afã de mudar as coisas. E nisso coincidem os engenheiros, os políticos, os industrialistas, os médicos, os arquitetos, os sindicalistas, os jornalistas, os cientistas, os pedagogos e todos

⁹ apud Monteiro, 1998, p.8

¹⁰ idem

¹¹ apud Simpson, 2006, p.48

¹² 2002

¹³ apud Larrosa, 2005.

¹⁴ 2001

aqueles que põem no fazer coisas a sua existência. Nós não só somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e super-estimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiper-ativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece. A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Lembrei-me nessa busca, também, de quando trabalhava num departamento de Meio Ambiente onde defronte minha mesa ficava um cartaz distribuído pelo CREA (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia), em que se projetava uma cidade sustentável. Olhava para aquele cartaz todos os dias e não sabia dizer, mas sentia falta de alguma coisa para aquela cidade. Hoje faria a mesma pergunta que fiz ao meu projeto: e a cultura? Como fica a cultura nessa perspectiva da sustentabilidade? É só transferir o povo para uma cidade minuciosamente projetada? Até que ponto a arquitetura do espaço molda nossos hábitos? Quando as questões ambientais deixarão de ser primaziadamente tratadas como uma questão de engenharia, arquitetura e agronomia e passarão a questões políticas de primeira grandeza?

Voltando-me mais especificamente para a terapia e a higienização, reporte-me a Benjamim¹⁵ que afirma que a cura começa pela narrativa. Rememorando minha trajetória, revivi uma época em que trabalhava numa Secretaria de Saúde e todo o final de mês fazia as estatísticas das patologias, dos atendimentos. Sempre me questionava: “Alguns pacientes não mudam? Algumas doenças também não?” As prescrições eram as mesmas e os diagnósticos também. Lembrei-me das falas dos atendentes e dos médicos: “[...]as pessoas vêm aqui para

¹⁵ apud Gusmão, 2004, p.40

bater papo [...] acham que aqui é um clube[...]”. Hoje talvez tenha uma melhor compreensão daquelas estatísticas e de que a saúde pública precisa abrir os olhos e os ouvidos, num intenso exercício de escutar e olhar para um ser humano que precisa narrar sua vida, e não para um paciente somente.

Comecei, desse modo, a refletir: o que estava levando a comunidade a abandonar valores e costumes que marcavam sua identidade? Os diálogos estão diminuindo, mas as pessoas ainda conversam. O que teria mudado nesses diálogos? Os costumes coletivos e as tradições foram substituídos pela palavra da ciência, por atos individuais, ou foram extintos? Como as pessoas foram ressignificando suas práticas cotidianas? Aliado a essas questões, ter realizado uma pesquisa na especialização em Informática e Educação, possibilitou-me aproximar das reflexões realizadas por diversos teóricos, entre eles Levy¹⁶, que questiona se nossa utopia é a construção de uma sociedade inteligente ou uma sociedade inteligentemente conduzida?

Assim, ainda no início desta pesquisa, quando estava procurando me aprofundar nas questões levantadas acima, algo me chamou a atenção. Iniciara-se em Piau um enorme alarde de que a banana iria se extinguir devido à Sigatoka Negra¹⁷ que estava chegando. Os produtores da cidade sofriam (e continuam sofrendo) uma enorme pressão de órgãos técnicos do governo para se precaverem e se adaptarem a exigências¹⁸ que só foram aumentando e

¹⁶ 1998

¹⁷A sigatoka negra é uma doença que vem sendo apontada por muitos órgãos técnicos e pela mídia como a mais agressora praga provenientes de fungos que ataca os bananais em todo o planeta. Doença causada pelo fungo *Mycosphaerella fijiensis*, cuja fase assexuada é identificada como *Paracercospora fijiensis*. Doença que surgiu inicialmente, em 1963, na Ilhas Fiji, na Ásia, e, posteriormente, nas américas. Em Honduras, foi relatada em 1972; no Brasil, em 1998, no Estado do Amazonas. Em 2000, em algumas localidades dos Municípios de Almeirim e Porto de Moz, no Estado do Pará. É a doença mais destrutiva da bananeira, tanto que, dependendo das condições climáticas favoráveis e do material suscetível, geralmente supera a sigatoka amarela, podendo causar perda da produção de banana, em até 100%. É uma doença que eleva muito o custo de produção quando se emprega unicamente o controle químico, porque serão necessárias, em torno de 40 pulverizações durante o ano, elevando o custo para quatro a cinco vezes a mais que em relação à sigatoka amarela. (TRINDADE, 2002)

¹⁸ **Sistema de Mitigação de Risco** O Sistema de Mitigação é implantado em áreas onde há ocorrência da Sigatoka Negra e consiste no monitoramento das propriedades e na adoção de diferentes medidas de manejo, permitindo aos produtores a comercialização de seus produtos. **Cadastro da Unidade de Produção** O interessado em adotar o processo SMR deve procurar o escritório do IMA que procederá a identificação para posterior cadastro da propriedade e ainda, assinar o termo de adesão em que declara adotar todas as medidas previstas na instrução normativa nº17 do Ministério da Agricultura que estabelece o Sistema de Mitigação de Risco. **Práticas agrícolas:** - O engenheiro agrônomo credenciado para a certificação fitossanitária de origem deve inspecionar 5 plantas em florescimento por hectare, para definição das medidas de controle a

sufocando a produção da cidade. Em meio a essa desastrosa euforia, resolvi dedicar o meu estudo às histórias de uma única planta medicinal, a banana, que se constitui como parte da cultura dessa comunidade. Sendo assim, minha pesquisa se relaciona contundentemente com minha história e com o lugar de onde falo e foca a problemática que afeta diretamente a cidade onde nasci e me criei, ou seja, a previsão de ter sua principal renda desarticulada devido à praga que afeta os bananais em todo o mundo.

Inconformada, em meio a tantas antevisões catastróficas, vi-me num profundo refletir com os meus pares. Tais questionamentos foram se imbricando e incorporando-se às reflexões realizadas ao longo deste mestrado em educação, focando a problemática ambiental. Dessa forma, encontrei na constatação de Beck¹⁹ que “a desigualdade é o problema ‘ambiental’ mais importante do planeta; é também seu maior problema no rumo do desenvolvimento”, um turbilhão de demandas que traçaram um fio condutor no processo no qual estava imersa. Esta constatação convidou-me a aprofundar nas desigualdades existentes

serem adotadas. - Realizar poda da parte da folha que apresentar sintomas da Sigatoka Negra - Adotar o manejo integrado da Sigatoka Negra, incluindo, se necessário, controle químico com produtos registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e utilizar métodos alternativos de aplicação de agrotóxicos recomendados por entidades oficiais de pesquisa. - Plantar cultivares tolerantes recomendadas pela pesquisa. - Eliminar bananais abandonados na propriedade em que se encontra a UP cadastrada. **Cadastro da Casa de Embalagem:** As casas de embalagem deverão ser cadastradas no IMA. O IMA fará a vistoria da casa de embalagem que, não havendo nada em contrário, receberá o cadastramento. A casa de embalagem deve possuir no mínimo: piso de cimento, local coberto, pé direito de três metros e dois tanques para a higienização de alvenaria, fibra de vidro ou amianto. É proibido o cadastramento de casas de embalagem localizadas em Centrais de Abastecimento -CEASAs ou locais similares. **Cuidados no pós-colheita:** Identificar, com base no Certificado Fitossanitário de Origem - CFO ou Permissão de Trânsito de Vegetal – PTV, lotes de banana que entram na casa de embalagem. Os cachos devem ser previamente despencados na unidade de produção. As pencas devem ser higienizadas através da imersão em solução recomendada pela pesquisa. Utilizar caixas plásticas higienizadas com produto recomendado pela pesquisa acompanhadas de declaração de higienização emitida por empresa credenciada pelo IMA; caixas de madeira somente novas e não retornáveis ou caixas de papelão descartáveis. A emissão do CFO, Certificado Fitossanitário de Origem Consolidado – CFOC e PTV obedecerão à legislação vigente. Para as cargas que atenderem ao disposto na Instrução Normativa nº 17, de 21/05/05, os credenciados e fiscais estaduais, nos documentos de suas competências, farão constar a seguinte declaração adicional: “a partida é originária de unidade de produção onde foi implantado o Sistema de Mitigação de Risco para Sigatoka Negra”. Todos os procedimentos devem ser anotados, nos livros de registro, pelo responsável técnico credenciado. As bananas que não passarem por casas de embalagens, para serem comercializadas terão que obedecer a portaria do IMA que disciplina a matéria. **Inspeção e Fiscalização:** O IMA realizará as Inspeções nas Unidades de Produções e Casas de Embalagens cadastradas. **Controle e Relatório:** O credenciado responsável pelo acompanhamento da unidade de produção deve elaborar relatório trimestral, encaminhando-o ao IMA até o 5º dia útil. Os relatórios enviados pelos credenciados serão analisados pelo escritório do IMA, que determinará a necessidade ou não da implementação de ações corretivas. A Divisão de Defesa Sanitária Vegetal, de posse dos relatórios enviados pelos escritórios, encaminhará, trimestralmente, relatórios à Superintendência Federal de Agricultura. A Superintendência, após análise e consolidação das informações, enviará, trimestralmente, os relatórios ao Departamento de Sanidade Vegetal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, para acompanhamento, avaliação e parecer. **Penalidades:** A unidade de produção, a casa de embalagem ou o credenciado poderão ter os seus cadastros cancelados quando não forem atendidas as exigências e responsabilidades previstas, respectivamente, na Instrução Normativa nº 17, de 31 de maio de 2005. (IMA, 2006) Anexo está a portaria do IMA n.º 762 de 23.03.07.

¹⁹ apud Lima, 2002, p.124

entre os pequenos e os grandes produtores de bananas; entre as políticas que regem os grandes e pequenos mercados desse produto; às leis as quais estão sujeitas e o que se preconiza através dos órgãos técnicos de auxílio a esse produtor, em meio ao desenvolvimento de tantas tecnologias no setor, aprofundando-me nas forças dos discursos que perpassam por essa cultura. Obviamente, minhas interrogações foram bem mais amplas que a possibilidade de abarcá-las.

Acredito que os movimentos do questionar trazem elementos às vezes enigmáticos, porém é impossível de se abandoná-los, apenas por faltar elementos para melhor embasamento e entendimento de suas dúvidas. Como afirma Pastre²⁰, você se comunica com os filósofos de acordo com suas questões. Assim, alguns pensadores foram dialogando com minhas interrogações.

Certeau, quando questiona a racionalidade técnica, sobretudo quando coloca em cheque a crença que paira que é possível organizar do melhor modo possível, pessoas e coisas, a cada um atribuindo um lugar, um papel e produtos a consumir, deixando de lado a pluralidade cultural

Gadotti, ao interrogar-se a respeito dos valores da educação ambiental, inferindo se a mesma não estaria se propagando e sendo assimilada como uma cidadania de mercado e não como uma reflexão a respeito de nossas ações sobre o meio ambiente e nossa própria vida, ampliando o debate em torno das prerrogativas capitalistas, propondo uma Ecopedagogia.

Provavelmente, foi nas escritas de Pelbart que tenha encontrado as perguntas mais radicais em relação à nossa contemporaneidade, à nomadização do império capitalista numa conjunção de plugagem global e exclusão maciça e possíveis apontamentos de possibilidades de criarmos redes independentes do capital. Seguindo seus rastros, tive um breve contato com a teoria deleuziana.

²⁰ 2002

Lutzenberger, que fez de sua biografia a mais sublime das teorias da luta por um mundo diferente, principalmente no campo, ajudou-me a problematizar o que organismos geneticamente modificados (OGM), representam para a humanidade. O que os híbridos, criados em laboratórios, representam para o futuro da agricultura baseada nas sementes e mudas.

Freire, que fez de suas teorias uma luta política pela educação, problematizando a tecnologização em detrimento do ser gente, primando sempre por uma autonomia de educadores e educandos.

Bakhtin, no questionar a própria linguagem, aproximando-se assim, de Benjamin, com os quais me encantei e encontrei uma maneira de ressignificar: ciências, arte e vida. E tantos outros teóricos que contribuíram com suas palavras que já se tornaram minhas neste trabalho.

Lembrando Drummond ²¹

Não rimarei a palavra sono com a incorrespondente palavra outono. Rimarei com a palavra carne ou qualquer outra, que todas me convêm. As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam, se dissolvem, no céu livre por vezes um desenho, são puras, largas, autênticas, indevassáveis. Uma pedra no meio do caminho ou apenas um rastro, não importa. Estes poetas são meus. De todo o orgulho, de toda a precisão se incorporam ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinicius sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo. Que Neruda me dê sua gravata chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Maiakovski. São todos meus irmãos, não são jornais nem deslizar de lancha entre camélias: é toda a minha vida que joguei. Estes poemas são meus.

²¹ Drummond de Andrade, 2006

2 ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS

*Todo texto se constrói
como mosaico de citações,
todo texto é absorção e
transformação de um outro texto*
KRISTEVA

Andando por um caminho estreito, ligando a sede da propriedade ao moinho d'água, atrás da sitiante com uma câmera na mão, fui observando como ela dava nome a todas as plantinhas pelas quais passávamos. Qualificava-as, falava que estava esperando seu tempo de brotar, o tempo que estavam ali, suas utilizações e, numa caminhada de aproximadamente uns trezentos metros, percebi que aquele caminho era feito por muito mais do que o mato observado pelos meus olhos passageiros, aquele caminho realmente era propriedade daquela senhora.

Numa noite de lua cheia, caminhando por uma estrada enquanto voltava de uma visita, passei por um brejo e aquele coaxar dos sapos me chamou a atenção, era uma linda orquestra. Gravei por alguns minutos aqueles sons. Alguém que entendia de brejos se aproximou e começou a dar nome àqueles sons. Naquele momento percebi que o ouvido também tem suas especificidades.

No meio de um bananal, tirando fotos, um bananeiro foi me apresentando às belezas daquelas plantas, os seus verdes diversificados, o seu trato diferenciado, o tronco, as folhas, o solo, tudo era minuciosamente observado e analisado numa fração de segundos, e os meus olhos só viam bananeiras. A profundidade de um olhar é também uma questão de experiência.

Esses três episódios ajudaram muito na reflexão a respeito da especificidade do olhar e do escutar, dos limites de um estudo etnográfico. Assim como as possibilidades de interpretar o cotidiano de uma cidade, aliado a uma análise crítica de acontecimentos e do momento do qual você faz parte e em que desempenha um papel político e social.

Enquanto pesquisadora iniciante, as reflexões de Amorim²², sobre a alteridade nas ciências humanas, começou a ser entendida e problematizada, quanto ao

problema da relação com o outro na produção de conhecimentos. Sobre que um texto não é apenas uma transcrição dos conhecimentos produzidos em outra cena, mas constitui um lugar decisivo de produção, em função da maneira como se agencia a relação com o outro e com o seu dizer, e da maneira como se opera a passagem dessa relação, da situação de campo à situação da escrita. Como o lugar de circulação, trata-se de investigar o que o texto permite ao leitor, uma vez que esse outro vai reinterpretar a pesquisa e atribuir-lhe novo sentido.²³

Os diálogos estabelecidos com os outros, sejam eles co-cidadãos, colegas, professores, teóricos, ajudaram a construir e direcionar a pesquisa. Hoje tenho um entendimento melhor do que são ciências humanas, do que é lidar com as enunciações, com o “outro” num processo de pesquisa; o que escolhi para dizer, o como escrevi, a maneira como elaborei as enunciações, são muitas as produções estabelecidas, não relatos somente. E que, de uma forma bem peculiar, não deixa de se questionar sobre o que prescinde o meio no qual o texto vai circular. Afinal, como lembra Bakhtin,²⁴ destinatários são co-autores. Como me disse um agricultor, “*um escritor pega tudo, depois aumenta, reduz, vai fazeno a história.*” Portanto, como as escritas, as ciências também se constituem por atos políticos.

Assim, as questões de Amorim²⁵, de alguma maneira, foram também me tocando. Tanto as questões relativas à enunciação da pesquisa: de que lugares se pesquisam? De que lugar se fala? A quem se fala e de quem se fala? Como esses lugares aparecem no texto? Bem como questões relativas ao enunciado da pesquisa — o que é dito sobre o outro tomaram significado no processo em que me encontrava (e encontro) como estrangeira na própria casa.

Nessas reflexões, o conceito de alteridade precisou ser mais bem entendido. Aprofundando esse conceito, cheguei, dentre tantas questões, a — o que seria autoria? Como

²² 1996

²³ Amorim, 1996, p. 109

²⁴ 2003, p.301

²⁵ 1996

pautar o conhecimento com autoria numa sociedade em que os enunciados estão envolvidos numa complexa rede? Na definição de Bakhtin,

todo o falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.²⁶

Nesse momento me perguntei: por que autoria? Como surgiu esse conceito em nossa sociedade? E para essas questões ainda busco respostas. Lembrando Schneider,²⁷

‘se todo texto é só uma série de citações anônimas, não susceptíveis de atribuições, por que então assinar um texto defendendo essa intertextualidade absoluta? Se o texto moderno, segundo Barthes, essa ‘citação sem aspas’, por que deveria ficar ligado a um nome, uma vez que esse nome não poderia, de modo algum, atestar ou indicar a origem?’

Assim, criou-se um nó sobre o que seria o sentido desta pesquisa, onde estaria minha autoria. Nesse sentido, reporte-me a Bakhtin e suas reflexões a respeito da ação responsiva da arte.

Parece um caminho ambíguo, mas foi o que percorri. De cultura fitoterápica, vi-me tentando entender a propriedade privada em nossa sociedade. Principalmente em relação ao conhecimento. Por que não há a circulação livre do conhecimento em nossa sociedade? No que tange aos medicamentos, por exemplo, é extremamente complexa a lógica de patentes, pois o conhecimento se transforma em mercadoria, propriedade privada. Propriedade pautada na distorção do original, mostrando de outra forma algo que já se conhece, apropriando-se

²⁶ Bakhtin, 2003, p.272

²⁷ apud Walty; Cury, 2005.

muitas vezes do conhecimento de comunidades tradicionais. Não pude deixar de me questionar: o que significa traduzir? Qual a complexa violência desse ato? Lembrando Cullen²⁸

Estamos demasiadamente identificados com Odisseu, com Ulisses. Sempre estamos *retornando a nós mesmos*, a essa Ítaca, que faz de nossa viagem, de nossa aventura, de nossa saída para o diferente, sempre uma nostalgia do regresso. Simplesmente uma *nostalgia*, que quer sempre dizer a dor que nos produz o mesmo retorno, a dor da distância. Mas é aqui onde, ilusoriamente, não somos vulneráveis. Somos ou nos acreditamos, *astutos*, como Ulisses. Sempre encontraremos o recurso para que o outro não interrompa a viagem de retorno a nós mesmos. Porque somos astutos, os outros, menos astutos, são os vulneráveis. E esta é a violência. Se, por outro lado, nos soubéssemos radicalmente vulneráveis, no sentido de responsáveis pelo outro, não necessitaríamos de astúcia para destruir ou encurralar o outro, senão, simplesmente, *palavra* para responder seu chamado e dialogar com ele. Quer dizer, pressentiríamos a paz. A violência é sempre astuta, porque se supõe invulnerável, porque crê que pode ouvir o canto das sereias, sem tornar-se presa da sedução. A vulnerabilidade, ao contrário, sempre é responsável, porque se sabe exposta à exterioridade do outro, que não ameaça sua mesmidade, mas antes *a salva* de seu refúgio, de sua totalidade ilusória ou angustiante, e a convoca. A violência é “morte” do outro e de mim mesmo. A responsabilidade é “vida” do outro e de mim mesmo.

Refletindo sobre o processo de construção de pesquisa, fui revendo conceitos e passando por uma árdua (re)significação de teorias e do mundo acadêmico, que entendo se constituir no caminhar, constantemente em campo, numa aprendizagem contínua sobre o fazer pesquisa. Aprendizado este intermediado, o tempo todo, pelo outro que questionou, silenciou, direcionou, que contou seus casos, que dialogou comigo, sabendo ou não, que eu estava fazendo uma pesquisa. Percebendo isso, remeti-me a uma inferência de Hammersley e Atkinson²⁹ de que o etnógrafo participa pública e secretamente da vida diária das pessoas por um período prolongado de tempo, observando o que acontece, escutando o que é dito, fazendo perguntas. Na verdade coletando qualquer dado que esteja disponível, iluminando as questões com as quais ele se ocupa.

²⁸ 2005, p.13

²⁹ apud Flick, 2004

Nesse sentido, entendo que recolhi dados dialogando com os outros que se apresentaram e observando o cotidiano dessa comunidade e, à medida que essas informações foram se agrupando, inter-relacionando, fui construindo minhas abstrações, minhas inferências. A “teoria fundamentada” que vai ganhando forma, segundo Bogdan e Biklen,³⁰ “à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início e vão se tornando mais fechadas e específicas no extremo”. Assim, minhas indagações serviram de pulsos e na sua dinâmica fui arquitetando esse processo que, como destacam os autores acima, procura “o investigador qualitativo planejar, utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes. Não presume que se sabe o suficiente para conhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação”³¹.

Encarar a mim, pesquisadora, enquanto sujeito da experiência, como o instrumento mais importante, parece uma instigante e arriscada aventura, interagir com o campo, dialogando, tendo sensibilidade para me deixar tocar por esse outro e junto com ele ir construindo significados.



Fotografia 3: Escavações

³⁰ 1994, p.50

³¹ idem

O tema do meu estudo está muito ligado à escavação da história, da cultura dessa comunidade. Escavações que, num dia de campo, traduziram-se nessa imagem, dos produtores escavando terras nas encostas da estrada para espalhá-las sobre as lamas, constituindo assim, não uma nova estrada, mas tornando o terreno mais firme com a terra nova, que não veio de tão longe. Construindo-se, dessa maneira, uma possibilidade para prosseguir. Esse é um trabalho humano com seus instrumentos de agora, tentando aprimorar a estrada traçada há tempos atrás, mas que muda constantemente pelas atuações de seus caminhantes. Mudar o rumo de uma estrada é uma negociação política e social das mais difíceis de se empreender, no entanto, quando é tida como necessária, é uma luta que não pode ser abandonada, mesmo que se tenha que começar por pequenos trilhos. O que faz a estrada é seus caminhantes e não a sua estrutura. Um trilho muito usado ganha ares de estrada, o mato não cresce. É possível que, analogamente, neste trabalho, em alguns momentos, esteja empenhada numa busca de escavações em outros trilhos.

Observações etnográficas, entrevistas não estruturadas com produtores rurais, composição de vídeos e material fotográfico do cotidiano da cidade, bem como análise documental. Servi-me de todos esses instrumentos no intuito de mergulhar profundamente no cotidiano dessa comunidade e descrevê-la densamente, como destaca Geertz,³² “uma boa interpretação do que quer que seja [...] conduz-nos ao coração daquilo que pretende interpretar”. Ou como enfatiza Bakthin,³³ “o critério não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração”.

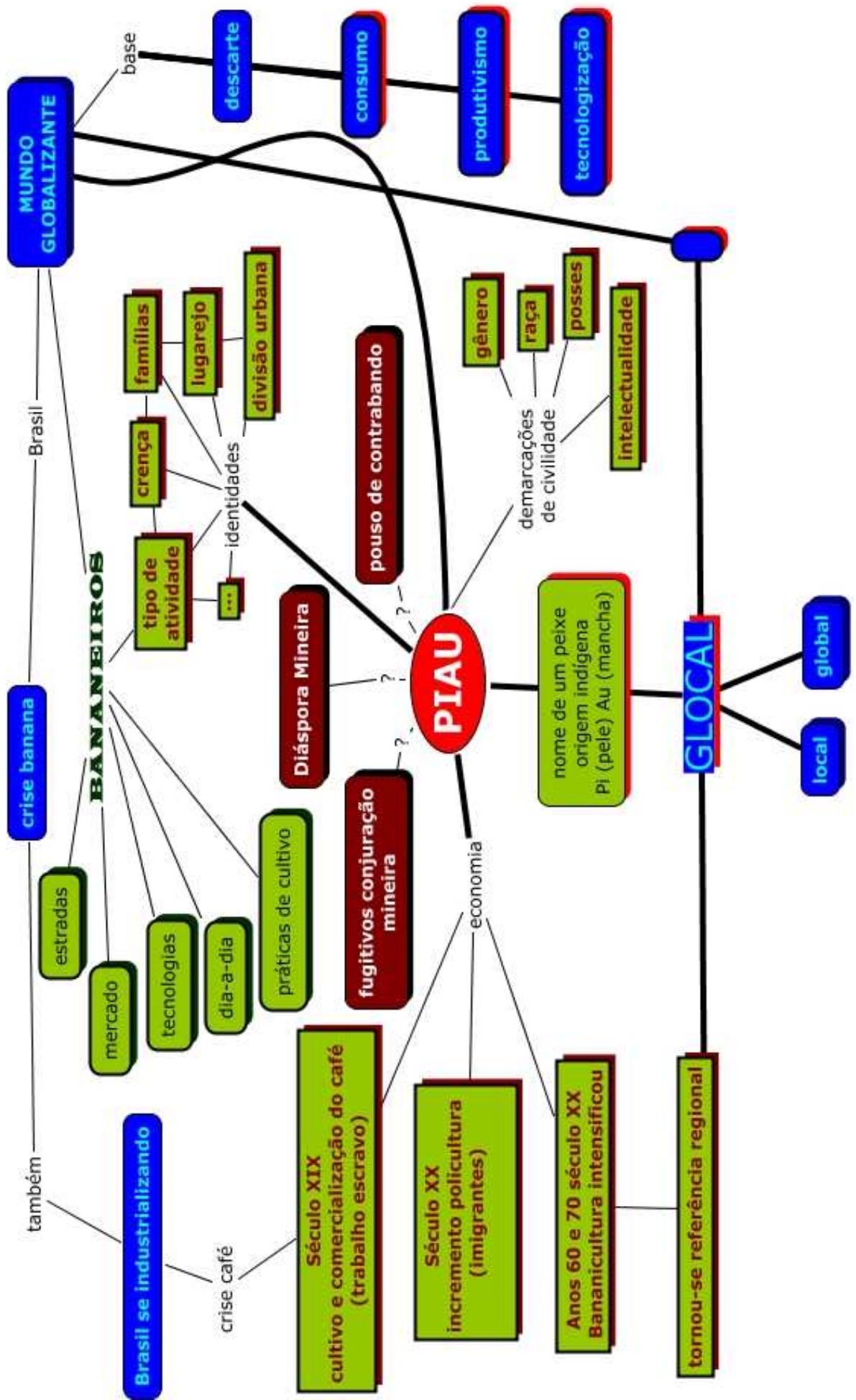
O objeto das ciências humanas, como lembra Bakthin,³⁴ “é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”. A interpretação do símbolo, nas suas inferências, permanece ela mesma símbolo, só que um tanto racionalizado, isto é, um tanto aproximado do conceito.

³² apud Bokdan e Biklen, 1994, p. 48

³³ 1994, p.394

³⁴ 2003, p.395

MAPA CONCEITUAL 1



3 MUITAS VOZES E MAIS UMA HISTÓRIA DE PIAU

*Eu guardo muito essas histórias que contam,
as histórias que contam a gente guarda,
e do que a gente lembra também,
as histórias que a gente conta,
são as histórias que a gente sabe
e que a gente ouve contar.*
DOMINGOS PRESTO

Constituir uma pesquisa não é algo fácil, muito menos quando se trata de pesquisar o que lhe parece tão familiar, a cidade onde nasceu e viveu boa parte de sua vida, o seu solo; as pessoas com as quais conviveu longos anos e com as quais construiu uma maneira de se relacionar com e no mundo. Mas, por outro lado, é essa familiaridade que impulsiona, abre caminhos.

A história por si só é complexa, jamais poderemos repeti-la tal qual de fato ocorreu. Inicialmente, mesmo que fôssemos testemunha ocular, o nosso narrar já seria precário. De um lado, a falta de palavras para expressar a totalidade dos acontecimentos, e, de outro, o próprio olhar que difere de pessoa para pessoa. Assim, as possibilidades de estudos históricos talvez não estejam na busca de verdades, mas na possibilidade de acrescentar pontos de vistas ao tempo. Lembrando Clareto,³⁵ “o conhecimento não é uma busca de adequações de verdades a realidades, mas uma interpretação. O conhecimento é sempre perspectival...” Assim, poderíamos refletir com as palavras de Certeau,³⁶ quando destaca que

para o historiador, assim como para o etnólogo, o objetivo é fazer funcionar um conjunto cultural, fazer com que apareçam suas leis, ouvir seus silêncios, estruturar uma paisagem que não poderia ser um simples reflexo, sob a pena de nada ser. Mas seria um erro acreditar que esses instrumentos sejam neutros e seu olhar, inerte: nada se oferece, tudo deve ser tomado, e a mesma violência da interpretação pode aqui criar ou suprimir. A mais ambiciosa das nossas obras, a mais audaciosa é também a menos histórica e aquela que certamente mais deixa escapar seu objeto quando pretende submetê-lo ao fogo convergente de uma série de interrogações (literária, folclorista, lingüística, histórica, psicanalítica etc.)

³⁵ 2004, p. 2

³⁶ 1995, p. 79-80

Como diria Benjamin, não vou narrar “uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu”³⁷. A história é narrada³⁸, a arte de narrar³⁹ interpretando, dando sentido ao vivido, ao experimentado. Assim, este estudo se orienta no resgate daquilo que está no imaginário que sustenta as ações cotidianas, abrindo novas perspectivas a respeito da cidade de Piau e suas histórias, numa relação dialógica com moradores e registros diversos, criando narrativas dessa comunidade encravada nas montanhas de Minas Gerais.

Nesse sentido, minha voz fora se misturando a de tantos e as aspas utilizadas no decorrer desse texto avivam vozes que ecoam no meu dissertar, são aquelas palavras que precisam de tempo para se ruminar. Os nomes dos moradores, em especial dos bananeiros, com os quais dialoguei durante a pesquisa, foram resguardados no intuito de preservar suas identidades e assumir a responsividade do ato de interpretar. Assim, as demarcações, as categorizações, as inferências são frutos de uma relação dialógica, sem a qual seria impossível construir essa rizomática⁴⁰ narrativa.

³⁷ apud Montauray, 2005

³⁸ É importante recordar aqui a questão levantada por Walter Benjamin quanto a narrar devidamente. Este trecho é categórico. Disse Benjamin: “A arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Benjamin analisa um tempo em que as Grandes Narrativas estavam a serviço das ideologias. Em relação a este tempo, Benjamin diz que “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras, quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações.[...] a narrativa consiste em uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como a informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (apud Montauray, 2005)

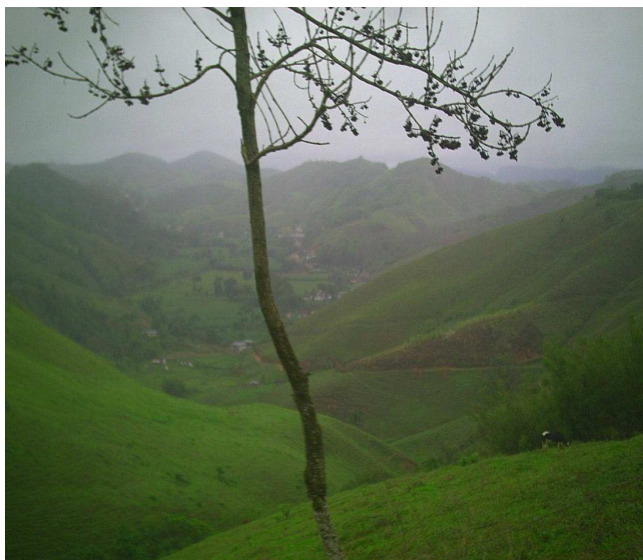
³⁹ Na abordagem do tema, Lukács contrapõe o predomínio da postura narrativa ao predomínio da postura meramente descritiva [...] Para ele, o escritor que privilegia a descrição de certo modo se acumplicia com o existente, legitimando-o, “eternizando-o”, fazendo crer que a realidade é e será sempre aquilo que ela está sendo no momento em que é descrita, já que ficam enfraquecidas a percepção e a representação do que está mudando, do processo pelo qual a realidade está sempre se tornando aquilo que ela ainda não é. Segundo Lukács, a perspectiva do narrador, ao contrário, independentemente das convicções particulares do escritor, estimula a compreensão da realidade como um processo de transformação incessante, isto é, como um movimento que está permanentemente engendrando o novo.[...] Tolstói, para Lukács, é um mestre narrador. Seu método lhe permite inserir, com grande eficiência, o quadro do hipódromo na dinâmica da práxis de sujeitos que agem sobre o mundo fazendo escolhas, tomando decisões, assumindo riscos, optando por prioridades, por hierarquizações. O procedimento no qual predomina a descrição nivela todas as coisas e abre caminho para a proliferação insensata dos pormenores. A supremacia da narrativa estimula a imaginação em outra direção, desafia o escritor a se defrontar com aquilo que ele mesmo e seus personagens podem vir a se tornar. Lukács relaciona a contraposição narrar ou descrever à contraposição entre a atitude de quem vive os acontecimentos e a atitude de quem se limita a observar contemplativamente as situações. (KONDER, 2005)

⁴⁰ Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. [...] A árvore lingüística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de

Todavia, como lembra Clareto⁴¹

tomando o conhecimento como proposto por Nietzsche, como perspectival (não há conhecimento universal, objetivo e desinteressado) e mais ainda, como interpretação [...] O pesquisador assume definitivamente sua posição de interpretador, de 'mestre de alguma coisa'. É ele, com sua racionalidade, mas também – e talvez principalmente – com seus instintos, seus inconscientes, seus sentimentos e sensações, com sua vida, enfim, que vai 'impor um sentido'.

Escrever com luzes foi a intenção da inserção de algumas fotografias no decorrer do trabalho, uma maneira que encontrei de dar mais contraste, brilho, intensidade, reconfigurar tons no ato de cristalizar momentos vivenciados.



Fotografia 4: Entre montes e planícies verdejantes tu nascentes meu lindo rincão

Com aproximadamente 3000 habitantes⁴², Piau traz no seu nome a lembrança de um peixe que já foi abundante nas águas do rio que a banha, de origem indígena, *PI que significa pele e AU que se traduz por mancha*⁴³. Nome que nos remete a uma cultura milenar,

toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. Os "Agenciamentos coletivos de enunciação" funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos*, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. [...] A língua é, segundo uma fórmula de Weinreich, "uma realidade essencialmente heterogênea". Não existe uma língua-mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política. (DELEUZE; GUATTARRI, 1995)

⁴¹ 2004, p.9

⁴² IBGE - População Censo 2000 com Divisão Territorial 2001: 3008. População estimada 2005: 2.999, 56% da população em área urbana e 43% em área rural. Área da unidade territorial: 191,38km².

⁴³Pontes, 1970. p.250

praticamente dizimada em nome do civilizar. Dos povos indígenas que um dia viveram por essas terras só nos restaram retalhos das lembranças de algumas senhoras da comunidade que transmitiram oralmente para seus descendentes suas venturas, “*capturadas no mato e obrigadas a casar com os homens brancos*”, os demais índios provavelmente foram massacrados. De seus descendentes temos algumas inferências do que poderia ter ocorrido. Assim, para que fosse construída a “História”, muitas vozes foram caladas para que poucas falassem.

Nas palavras de Benjamin, "a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores"⁴⁴. Neste texto procurarei, de forma polifônica,⁴⁵ trazer alguns olhares dessa comunidade. E como começou o Piauí⁴⁶ “civilizado”? Essa é outra pergunta com diversas possibilidades correntes. Uma é a do surgimento do povoado a partir da “diáspora mineira”.

[...] por onde chegam os ex-mineradores já transformados em agropecuaristas, vão empurrando as linhas divisórias da Província de Minas. No dizer de Carrato, uma verdadeira diáspora. Os migrantes partiram em massa na busca de novas aventuras, encontrando imensas florestas e terras desabitadas. Às vezes ainda tentavam a mineração de ouro ou de gemas, mas acabavam abrindo currais, fazendas e pequenos negócios; começam as ereções de capelas, criação de freguesias ou vilas.⁴⁷

Porém, a mais difundida oralmente entre a população, e também por algumas fontes históricas escritas, é anterior ao movimento citado acima

⁴⁴ apud Belas, 2004.

⁴⁵ Segundo Bakhtin, a especificidade das ciências humanas reside no fato de que seu objeto é, ele próprio, um sujeito falante e, portanto, produtor de texto. Ao contrário do que se poderia pensar, não é o fato de tomar o homem como objeto que constitui uma ciência como humana. O homem pode ser estudado de várias maneiras sem que, por isso, a especificidade humana seja tomada como objeto de investigação. Na medida em que não se leve em conta o caráter enunciativo das produções humanas, trata-se de ciência do comportamento, enquanto toda ciência que se pretenda humana interroga-se sobre a significação e o sentido. A significação e o sentido constituem exatamente os dois pólos do texto das ciências humanas. Do lado da significação, temos o trabalho da conceitualização e da explicação que tendem para o universal e para a idéia de sistema; do lado do sentido, temos um inacabamento permanente onde o sentido é algo sempre a construir, entre a palavra do pesquisador e a palavra de todos os que intervêm em seu texto. Entre o *lógico* e o *dialógico*, se estabelece a tensão de base geradora de conhecimentos. Nesse sentido, Bakhtin enfatiza que um texto é polifônico quando há muitas vozes que falam no mesmo lugar, ma mesma enunciação, sem que haja resolução, sem que haja síntese lógica ou dialética. (AMORIM, 1998, p.80)

⁴⁶ Piauí pertenceu sucessivamente, até 1868, a Ouro Preto, Barbacena, Mar de Espanha, Rio Pomba, Juiz de Fora. Em 1868 foi criado o Distrito de Piauí, com a elevação da Capela do Espírito Santo de Piauí, à condição de Freguesia, através da Lei Provincial de nº 1571, de 22 e Julho de 1868 e por Lei Estadual nº 02 de 14 de Setembro de 1891. Entre 1868 e 1870, Piauí, desligado de Juiz de Fora, passou a pertencer a São João Nepomuceno e a partir de 1870 a Rio Novo. Passou a categoria de Município pela Lei nº 1039, em 12 de dezembro de 1954, e continuou subordinado judicialmente a comarca de Rio Novo. Convém destacar que até o 50º aniversário do município, comemorou-se essa data no dia 12 de outubro.

⁴⁷ Moura, 2005.

O terrorismo policial e político, que se seguiu às brutais medidas régias contra os Inconfidentes e suas famílias promove a migração. Vários envolvidos na Conjuração Mineira desceram pelas serras de Ouro Preto e Mariana, embrenhando-se mata adentro por terras proibidas, na busca de um lugar onde pudessem sobreviver. Integrando este grupo estavam, dentre outros, Francisco José da Silva⁴⁸, João Eduardo Rodrigues Vale, João Lopes de Faria, João Pinto Cardoso, José Coelho de Oliveira, José Rodrigues Vale e Antônio Fernandes de São José. Encontram, após algum tempo, um lugar ideal numa extensa região de floresta virgem banhada por um rio. Instalados naquelas terras, edificaram uma capela em honra do Divino Espírito Santo, dando início ao povoado, que passou a ser conhecido pelo nome de Divino Espírito Santo do Piau. Deste episódio, até a sua emancipação como município, são decorridos quase cento e cinquenta anos. Esta é a história do surgimento de Piau. Diferente de tantos outros municípios que se criaram a partir da chamada "diáspora mineira", de acordo com José Ferreira Carrato, em que a busca por terras férteis frente à crise aurífera, e o espírito de aventura de tantos outros mineiros, Piau surgiu como refúgio de gente de alma libertária.⁴⁹

Uma origem anterior ao aludido nas duas fontes acima é apontada por um morador que enfatiza que *“os primeiros moradores que vieram para Piau faziam parte da corrida do ouro, mas como não encontraram, foram ficando”*. Nessa direção, também são as inferências de Gomide⁵⁰ que lança Piau como uma interrogação histórica.

Piau merece pesquisas mais acuradas em sua história, pois trata-se de um burgo característico da época setecentista, encravado em plena Zona da Mata de Minas Gerais, região que floresceu muito depois, ou seja, há apenas cem anos. A capela de Nossa Senhora do Rosário, apesar de desfigurada em suas formas primitivas, ainda possui resquícios do barroco tardio. Na sua rua principal, restos de um calçamento de pedras marroadas tal qual em Tiradentes, Congonhas, São João Del Rei e Mariana. Casas e sobrados no estilo de Ouro Preto e uma topografia muito semelhante à de Vila Rica. Existe em Piau um lugar denominado “Sesmaria”, palavra em desuso e até mesmo inexistente no vocabulário da Zona da Mata, região onde o povoamento surgiu muito depois das cidades históricas. A história de Piau remonta a 1750, quando o contrabando de ouro procedente das cidades históricas se fazia através de picadas na mata, em direção ao litoral. Tanto assim que existe uma estrada – não constante dos mapas – interligando Piau a região de Santos Dumont, no rumo a Barbacena e das cidades históricas. Piau teria sido nos seus primórdios, um pouso de contrabandista de ouro. Aliás, afirma-se que naquela época procurou-se ouro – encontrado em ínfimas quantidades – em nascentes de seus rios, nos contrafortes da Serra da Mantiqueira, onde se localiza a simpática e tradicional cidade mineira.

⁴⁸ Segundo informações disponíveis na revista “O Brasil Industrial, Agrícola, Comercial e Político” (Junho de 1927) a área onde está situada o Piau foi doada por ele.

⁴⁹ As Minas Gerais, 2005.

⁵⁰ Gomide, 1983.

Cristãos-novos fugindo da Inquisição, travestidos de desbravadores e até mesmo recebendo sesmarias das autoridades coloniais portuguesas também ali se estabeleceram, do que se conclui pelos sobrenomes de seus primeiros habitantes: Silva, Pinto, Coelho, Oliveira, Paiva, Rodrigues Vale, Fernandes. Esses mesmos sobrenomes – além de outros, constam do livro “Marranos Brasileiros”, página 123, autoria de Isaac Izecksohn, como sendo de pessoas denunciadas aos visitantes do Tribunal do Santo Ofício – Inquisidores – que os condenavam à morte, na fogueira. A endocultura dos habitantes de Piau, transmitida de geração a geração, também contrasta, de certa forma, com os demais núcleos similares da Zona da Mata, surgidos tempos depois. Os piauenses sempre gostaram de estudar e cultivar música na Vila e nas fazendas, onde existiam pianos, violinos, violoncelos e pequenos conjuntos orquestrais para diletandismo da comunidade, tudo no estilo barroco. São desconfiados a princípio, mas quando adquirem a confiança de seu interlocutor, os piauenses revelam-se receptivos, bons proseadores com argumentos inteligentes, vivos e de bom raciocínio. Fica aí, a interrogação histórica sobre Piau.

Com tantas versões, há que se procurar a verdade? Qual a que melhor convém ao tempo: “diáspora”, “alma libertária” ou “interrogação”?



Fotografia 5: Casas em torno da matriz

As casas do povoado foram edificadas, primeiramente em torno da matriz,⁵¹ estendendo-se, seguindo o traçado da estrada, às margens do rio, por onde passava a produção de café, conjuntura que fez com que a parte urbana da cidade se constituísse praticamente numa “única rua”. Somente na década de setenta do século passado, com construções de casas populares em locais mais afastados, começou-se a mudar essa configuração.

No século XIX, encontraram nas terras roxas de Piau um terreno muito propício, formando-se grandes fazendas, impulsionadas pelo cultivo e comercialização do café, dos tipos denominados na época por Creoulo e Bourdon. As fazendas em geral não praticavam a monocultura. Digamos que havia uma cultura que desse mais lucro.⁵² Lucro este alargado pelo trabalho escravo de homens, mulheres e crianças. Como me disse uma senhora certa vez, *“naquela fazenda padeceram mais de 700 almas [...] dizem que um dia mataram o mandante dos escravos, que também era negro, enterrando-o no esteio da porteira de tanta revolta”*. Lembranças de um povo que teve suas palavras cortadas para que pudesse ser mais bem domesticado, como nos lembra Certeau, a “idealização do ‘popular’ é tanto mais fácil quanto se efetua sob a forma do monólogo.”⁵³

O café era todo levado para o Rio de Janeiro, segundo um morador, *“o transporte era feito por meio de burros. O burro saía do Piau e levava a carga no Rio, saía uma carga daqui, os nego matava e robava as carga. Pra se ter uma idéia, um burro ia só arma, mas mesmo assim era pego nas tocaia. Outro levava o cumê: toicinho, sargado, café, carne e trazia querosene, sabão, roupa.”*

No início do século XX, começou-se a incrementar a policultura, surgindo assim o cultivo da cana-de-açúcar, que propiciou a implantação de diversos engenhos na cidade para a produção de açúcar, rapadura e cachaça. O cultivo de diversos cereais, com destaque para

⁵¹ A narrativa mais comumente difundida entre os moradores é que o local da igreja fora escolhido por dois fazendeiros ricos que moravam em lados opostos do povoado. Fizeram um acordo de que sairiam juntos de suas propriedades, no mesmo dia e horário, e o local em que se encontrassem seria onde construiriam a igreja.

⁵² As informações tratadas nesse parágrafo foram pesquisadas na Revista “O Brasil Industrial, Agrícola, Comercial e Político” (Junho de 1927)

⁵³ 1995, p. 59

milho, arroz, feijão, era muito comum nas terras das propriedades. A criação de gados das raças Zebu, Creoulo, Caracu, Symenthal, Guzerat, Nelore, também representava boa parte da renda dos Coronéis, que dedicavam mais de sessenta por cento de suas terras ao cultivo de pastagem, geralmente compostas de capim gordura, embora também plantassem jaraguá e elefante. A produção de leite da cidade era encaminhada para São João Nepomuceno onde se localizava o Laticínio Sarmento.⁵⁴

A criação de porcos também era costumeira na maioria das fazendas, uma vez que representava excelente renda. Eram comuns também as pequenas usinas⁵⁵, que aproveitavam as quedas d'águas de até 50 metros para gerar energia para as sedes, consorciadas com um moinho d'água para o beneficiamento do fubá. Os fazendeiros começaram a adquirir seus caminhões, sendo Ford e Chevrolet as marcas preferidas, para facilitar o escoamento da produção, bem como seus carros de passeios, sendo poucas as grandes fazendas que não possuíam um automóvel. Em geral, a maioria das propriedades tinha uma grande reserva de mata virgem, onde se podiam encontrar diversas espécies como cedro, peroba, ipês, jalapas, garapa, jequitibá rosa e brauna.⁵⁶

A crise do café levou os grandes fazendeiros ao desespero. Segundo me informou um morador, com aproximadamente 75 anos, *“Getulio mandô queimá os café e acabá com os engenhô, queimá pra dá preço, dizem que se pagava 500 cruzeiro por pé de café arrancado.”* Outro senhor, mais jovem, que estava próximo e também participava da entrevista, retrucou *“imagine que bestera, rancô a lavoura e queimô o café arrumado [...] ai né veio o açúcar cristal, que eles colocá um tal de clarito, pra clareá o açuca, é acabou com tudo memo, hoje é que tá voltano esse açuca mascavo”*.

⁵⁴ As informações tratadas nesse parágrafo foram pesquisadas na Revista “O Brasil Industrial, Agrícola, Comercial e Político” (Junho de 1927)

⁵⁵ Em 1954 instalou-se Central Elétrica do Piau – empreendimento particular, de que o Estado passou a participar com 50% do capital, sem exercer controle – inaugurada em fevereiro de 1955; com capacidade, 18 MW. (PAULA, 2001,p.151)

⁵⁶ As informações tratadas nesse parágrafo foram pesquisadas na Revista “O Brasil Industrial, Agrícola, Comercial e Político” (Junho de 1927)

Muitos, sem saber o que fazer, começaram a vender suas tachas de cobre; alguns foram perdendo interesse por suas terras; outros a perderam em demandas. Mas muitas das terras não mudaram de mãos. Por muito tempo correu no imaginário popular, crença que ainda sobrevive numa parte da população que, para tais circunstâncias, não havia nada mais justificável do que “praga de padre”.

Exmo e Revmo Monsenhor >>>>.

Informou-me o Sr. [...], zeloso administrador desta minha igreja de Nossa Senhora da [...], na qual ocupo indignamente o cargo de pro-comissário, que ele nasceu e cresceu no Piau, sendo filho do falecido [...], bem conhecido de V.EXCIA. Revma. quando vigário daquela paróquia.

Contou-me outrossim que corre no Piau a notícia que V.Revma. há cerca de 30 anos atrás, por motivos graves, teria amaldiçoado e excomungado a paróquia e todos os seus moradores, até a quinta geração e que, desde então, o Piau tem decaído assustadoramente sofrendo as famílias os efeitos da maldição e excomunhão lançada por V.Revma.

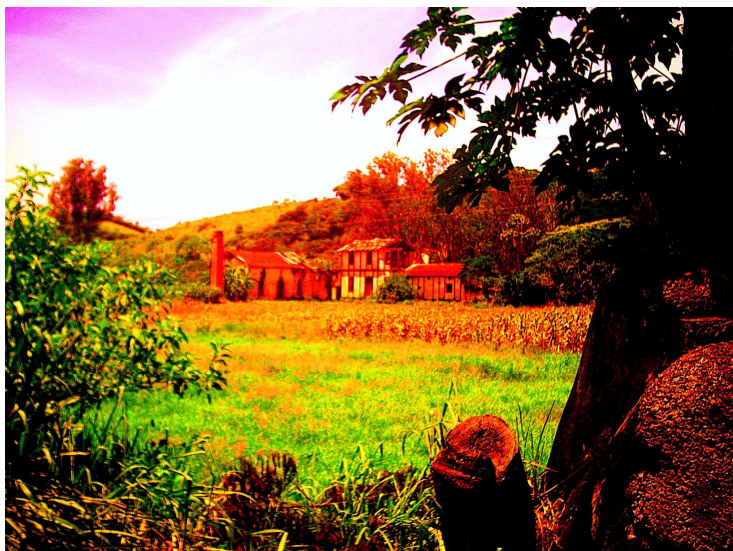
Pediu-me o senhor [...] que eu venha, por escrito rogar a V. Revma que, pelas entranhas da caridade de Cristo, se digne levantar aquela maldição indo V.Revma ao Piau a celebrar uma santa missa e comunicar ao povo que V.Revma perdoa de boa mente todas as ofensas recebidas e pede ao Bom Deus se digne perdoar proteger e abençoar todas as famílias de Piau, para que volte a prosperidade aos moradores e às terras do Piau.

Rogo V.Revma desculpar este meu humilde e fervoroso pedido que faço In Caritate Cristi.

De V.Excia., servo em N.Senhor Jesus Cristo[...] Mosenhor [...] Cônego do Cabido Metropolitano do [...] e Pro-Comissário da [...] 22/03/67⁵⁷

Sentimentos como os impressos nessa carta revelam como os ideais católicos impregnavam a comunidade, talvez essa característica ainda tenha seu lugar, nesta comunidade e em outras, onde as mudanças trazidas pela locomotiva do “progresso” encontram resistência, “graças” à couraça de tradicionalidades. Há ainda resquícios que podem ser traduzidos de uma era quando as comemorações e rituais religiosos conduziam o cotidiano da comunidade. As devoções aos santos, as promessas, as rezas, as tradicionais procissões e confissões e tantas outras manifestações do catolicismo, são muito presentes em Piau.

⁵⁷ Carta transcrita de cópia de original do qual retirei os nomes dos envolvidos para preservar suas respectivas identidades.



Fotografia 6: Retalhos Fazenda

No final do século XIX e início do século XX, com o advento da abolição, alguns imigrantes europeus foram cooptados para suprir a mão-de-obra escrava, entre eles os italianos, que vieram em maior número, além dos espanhóis. Surgia o labor calcado na esperança, o trabalho agora era exercido por pessoas que desejavam vencer na vida, ao contrário dos escravos que depositavam nas atividades uma contínua atmosfera de sofrimento e traziam na pele as cicatrizes indelévels da vergonha humana, criando riquezas para seus algozes.⁵⁸

De certa maneira, o roçado se tornou mais diversificado, começaram a vigorar outras formas de contrato social em que a exploração da terra foi aos poucos sendo compartilhada entre donos e meeiros. Geralmente as fazendas dispunham de casas para os colonos, o que não significou justiça social, já que muitas vezes esses imigrantes e seus descendentes, bem como os negros que continuavam nas fazendas, eram ludibriados pelos coronéis, recebendo pelo seu trabalho através de “ordem”, ou seja, nos armazéns de coronéis ou apadrinhados compravam de tudo e tinham seus vencimentos “trocados por mercadorias”. Como me disse um senhor, “*Nossa!!![suspirou profundamente] Antigamente era uma miséria sem igual[seus olhos por alguns segundos se mantiveram imóveis] não corria dinheiro, naquela época o fazendeiro*

⁵⁸ As informações tratadas nesse parágrafo se baseiam em relatos colhidos durante este estudo e pesquisadas realizadas na Revista “O Brasil Industrial, Agrícola, Comercial e Político”(Junho de 1927)

não dava dinheiro ao empregado, dava ordem pra comprar nos armazéns e depois descontava era tudo [...] o fazendeiro roubava um muncado, o comerciante outro, pra se ter uma idéia, pra comprar um quilo de toicinho, tinha que trabalhar uns dois dias, hoje trabalha um dia compra uma roupa”.

Certamente fugidos desse massacre, encontro, no meu caso, enquanto professora das zonas mais periféricas de um grande centro urbano, homens e mulheres que viveram na roça, das pequenas cidades da zona da mata, e que tiveram suas vidas destinadas a servir a um senhor, geralmente sem nenhuma remuneração. Uma aluna um dia me disse *“que tristeza, professora, nós era oito irmão, todo mundo trabaiava na fazenda, de sole a sole e ninguém tinha direito a nada, minha mãe morreu sem saber o que é ter uma casinha, um pedacinho de chão.”* O relato dessa senhora se traduz no de muitos dos alunos que já tive na Educação de Jovens e Adultos, o que, a meu ver, aproxima, de forma peculiar, as periferias de grandes centros ao rural das cidadezinhas. Nesse assunto voltarei mais especificamente nas derradeiras páginas deste trabalho.



Fotografia 7: Primeiro Grupo Escolar da cidade

As mudanças geralmente trazem certas gasturas. As análises realizadas por um jornalista⁵⁹ a respeito dos que advogavam nos anos vinte e trinta do século passado apontavam que, pela nossa necessidade de industrialização, o Brasil poderia tornar-se um país industrial e nada agrícola, mas também deixaria de ser brasileiro

Porque, o que é verdade é que o Brasil, o verdadeiro Brasil, o Brasil Brasileiro, não se encontra absolutamente nas grandes cidades industriais, onde domina o cosmopolitismo dissolvente e desnacionalizador. O Brasil brasileiro, o Brasil verdadeiramente nacional, é aquele que está nos campos, onde brasileiros legítimos e autênticos aram as terras e as fazem produzir bastante, garantindo a supremacia dos nossos produtos nos mercados consumidores do mundo e assegurando a nossa supremacia financeira no continente, a despeito de quantos baixos caracteres vendidos se encontrem pelas cidades. O homem dos campos, esse, conserva sempre o traço do carácter brasileiro, através de quantas angústias étnicas e do quanto caldeamento possa haver.

Assim, em Piau as montanhas já não eram tão somente cafezais, aos poucos foram se desenvolvendo outras formas de renda, como cereais, cana-de-açúcar e pecuária que coloriu morros e vales com o verde das pastagens. O cultivo de pomar parece que não era muito comum no início do século XX, somente uma fazenda, segundo informações colhidas na revista “O Brasil industrial, agrícola, comercial e político”, dedicara-se a plantar uvas, mamão, laranjas e principalmente bananeiras, mais de mil pés, que fora apontada pelo repórter da revista, como podendo vir a ser uma colossal fonte de renda. Interessante fora sua observação, no entanto, somente por volta das décadas de sessenta e setenta do século passado, iniciou-se o cultivo de bananas de maneira mais comercial. Provavelmente esse cultivo deve ter seguido uma demanda instaurada pela comercialização de frutas frescas, que são alimentos perecíveis, e que carecem de uma logística bem desenvolvida.⁶⁰ Nesse novo

⁵⁹ Essa análise consta na página da revista, “O Brasil Industrial, Agrícola, Comercial e Político (Junho de 1927), em que fora descrita a característica da Fazenda São José, pertencente ao município de Piau, de propriedade do Coronel Antônio Ribeiro de Castro.

⁶⁰ Filho; Ormond e Paula (2005) em seus estudos, a respeito da fruticultura brasileira, faz uma análise bem detalhada dos entraves que o comércio de frutas frescas tem encontrado no Brasil e no mundo. Fazendo inferências em relação ao projeto brasileiro que priorizam os grãos em detrimento das frutas, bem como a logística necessária a esse comércio que se tem mantido nas mãos de grandes corporações.

nicho de mercado, o município constitui-se como uma referência regional, criando-se uma cultura em torno do cultivo da banana.



Fotografia 8: Anacrônico

Nesse sentido, este estudo se constituiu a partir de um exercício de compreensão do cotidiano dos produtores rurais de Piau, em especial aqueles que estão envolvidos com a cultura da banana. Assim, os desejos de escavações foram se agregando às reflexões históricas a respeito da bananicultura, confrontando-os com os problemas ambientais advindos de um processo de exploração e crise ecológica num mundo globalizante, interligando a uma nova crise instaurada na cidade de Piau.

Deste modo, nas próximas páginas, faço incursões no ordinário dessa cidade, trazendo alguns elementos que possam propiciar ao leitor uma visão mais profunda das relações estabelecidas no seu interior, ressaltando-se que são lampejos de um mundo reinventado dia após dia.

4 O ORDINÁRIO DE UMA CIDADE

*Vida
Tudo que souber saber compartilhar
O homem mais sábio é o que ensina o que sabe
Não é aquele que sabe e fica pra ele
Não é aquele que advinha às coisas.*
JUCELIO MOREIRA

Chegando a Piau, algumas coisas se podem sentir como o cheiro do mato e a orquestra de pássaros, cigarras e grilos, atravessada pelos sons de alguns carros. Os sete quilômetros que ligam a MG 133 (conhecida antigamente como estrada que ligava a União Indústria a Rio Branco), à parte mais urbana da cidade são feitos por uma estrada já asfaltada, mas bem estreita e sinuosa. De certa maneira sinaliza: “aqui o ritmo é um pouco diferente, vale o cuidado, não se deve correr como nas MGs e BRs, não há espaço para a frenética corrida. Na paisagem vêem-se algumas casas. Ora mais perto, ora mais distante um rio vai seguindo seu curso de forma mansa, vão aparecendo criações de gados, mandiocais, hortas, de quando em quando se é surpreendido por animais silvestres que cruzam a estrada e aos poucos, as bananeiras dominam o cenário. Há outras alternativas, estradas vicinais que ligam a cidade a Santos Dumont, Tabuleiro, Juiz de Fora e certamente seus caminhantes encontram outras paisagens e interagem com a cidade de maneira muito diferente do que quem chega pelo asfalto.

Próximo à entrada da cidade, numa placa lê-se “Piau”. Os mais diversos sentimentos podem brotar, conservar-se, e por essa estrada seguir cultivando-os. Para alguns, por exemplo, gera suspiros reconfortantes do retorno ao lar, para outros, certos agastamentos, uma sensação perturbadora de derrota por ainda não ter conseguido cortar as amarras que o prendem ali, além das imbricações de ambos que também é costumeira.



Fotografia 9: Estrada que dá acesso a Piau

Atualmente existem políticas públicas voltadas para introduzir o turismo na cidade, impulsionadas pela estrutura da Estrada Real e Caminhos Verdes. Muitos já procuram Piau para descansar, mas como a cidade não tem pousada, a movimentação de pessoas com esse intuito permanece entre aqueles que mantêm vínculo com alguém que possa abrigá-los na cidade, ou entre aqueles que vão e voltam no mesmo dia.

Lembrando Certeau, quando nos fala da capacidade que existe na ação do homem ordinário, recriam-se no cotidiano, práticas de vida, entendidas como modo de fazer que implicam estratégias e táticas de pessoas e grupos em determinados contextos. A isso chamou de reinvenção do cotidiano que “é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo [...] se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas na maneira de empregar os produtos impostos por uma ordem dominante.”⁶¹ Proponho dessa maneira, um olhar para as práticas de vida desses ordinários homens e mulheres piauienses.

⁶¹ 1994, p.39

4.1 Entre o olhar panorâmico e o aguçado: experiências diaspóricas e identidades.

Numa visão panorâmica, podemos, dentre tantas coisas, avistar uma enorme igreja e algumas casas cercadas por verdes montanhas. Passar pelas ruas da cidade é algo que parece não trazer nada de extraordinário para um olhar apressado. No entanto, um olhar mais atento, coisa que os moradores têm, percebe-se que a cidade tem seu ritmo, modificado rapidamente, por exemplo, por um velório, com aqueles homens apressados e grupos de mulheres com “roupas de domingo”. Ou até mesmo por um casamento, todo mundo enfeitado, com saltos, brilhos e homens com gola apertada. Relevantes mudanças que até mesmo os animais parecem perceber. Segundo alguns moradores, havia na cidade um cachorro andarilho que não perdia sequer um enterro. Até o horário de as pessoas estarem andando na rua é observado, caso típico é ver o Matheus ou a Zezé em direção à igreja, quando não é hora de missa. Todo mundo fica esperando o aviso que, de acordo com a música ou o badalar do sino, já se sabe se é de tristeza, alegria, ou uma simples informação. Passar correndo também, seja a pé ou automatizado, dá asas a imaginações e várias indagações surgem a respeito do que terá ocorrido. E logo começa o “zumzumzum”.

Engraçado de tudo isso é que muitos piauienses, e certamente vários moradores de cidades pequenas, reclamam é dos outros tomando conta de sua vida e de repente, quando se vai morar em outra cidade, o que lhe pode fazer falta é justamente isto, “os outros tomando conta de sua vida”. O drama aumenta quando se muda para uma cidade maior, onde mal se conhecem os vizinhos, onde o individualismo se mostra numa eterna competição. Há carência de ombros confiáveis. Solto no mundo, à procura do que não consegue ter mais, uma identidade. Na cidade grande, muitas vezes se tem a sensação de não ser ninguém. Sua

existência se limita a um mero número, os tratamentos são despendidos no máximo quando se torna potencial consumidor. Lembrando Hall,⁶² ao destacar sua origem caribenha

não sou nem nunca serei um inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada.

Provavelmente sejam muitos os solidários aos sentimentos de Hall. Nesse sentido, podemos refletir com as palavras de Heidegger,⁶³ quando discute que, na modernidade, teríamos sempre a sensação de nunca estarmos em casa.

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio [between]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da ‘floresta de signos’ (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (‘reliquias seculares’, como Benjamin, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos.⁶⁴

4.2 Demarcações da civilidade

Como em muitas outras, a sociedade de Piau, por muito tempo, foi dividida entre ricos e pobres, entre negros e brancos. Nas falas de um senhor “*antigamente sapato era só pra rico, olha pro meu pé, ele só viu sapato quando eu fui pro exército, a gente não tinha nada não, o que eu fiz ganhei desses dois braços magros*”.

⁶² 2003, p.415

⁶³ apud Hall 2003 p. 27

⁶⁴ Chambers apud Hall (2003 p. 27)

Nas festas da cidade, por exemplo, os lugares eram bem demarcados. No início do século passado havia três clubes: um para os brancos ricos, outro para os brancos pobres e outro para os negros. Mais recentemente, os ricos freqüentavam um clube e os pobres, outro. O acesso dos negros nas instituições da cidade também era muito delimitado. Nesse clube dos ricos, até aproximadamente vinte anos atrás, negro não entrava. Dois negros se têm notícia de que entraram no clube primeiro, um, por ser jogador de futebol e o outro, por ser músico de carnaval, mostrando que também nessa sociedade o esporte e a arte foram as primeiras portas a se abrirem para a comunidade negra. Como me disse uma senhora, “*agora tá tudo mudado, pagô entra.*” É o capital global, desprendido, reconstruindo as maneiras de se relacionar.

A própria igreja matriz da cidade também contribuiu para ressaltar “diferenças”, lugares para homens e mulheres, o que ainda hoje é praticado por muitos, mulheres sentam do lado direito de frente para o altar e homens, do lado esquerdo. Houve um tempo que a divisão se estendia a lugares reservados para brancos ricos, brancos pobres e negros escravos. O lado onde hoje sentam os homens destinava-se aos ricos, o das mulheres, aos pobres. Até depois da morte tentavam separar as almas, haja vista a presença, no pátio dessa igreja, do cemitério dos ricos.

A outra igreja da parte urbana da cidade, chamada de “Igrejinha” ou “Igreja do Rosário”, edificada pelos escravos, também durante muito tempo fora “discriminada” na cidade. Sua localização é no chamado “logradouro”, “morro” ou “bairro do Rosário”, lugar onde moravam as pessoas mais pobres da cidade, em sua maioria negra. Segundo informações de alguns moradores a formação desse loteamento, se fizera no intuito de abrigar os antigos empregados das fazendas. Para se conseguir celebrar uma missa nessa comunidade, era motivo de muita discussão na igreja, as pessoas achavam que era distante, que era pequeno, as mais variadas desculpas. Assim, o que geralmente acabava acontecendo era cultos ou uma

festa anual. Era também nesse morro que ficava o cemitério dos pobres. Com o passar dos anos, desativaram esses dois cemitérios e construíram um único, em outro local.



Fotografia 10: Igreja e bairro do Rosário

As divisões se estendiam por diversas instituições, na escola não era diferente. No meu tempo de estudante, há 20 anos aproximadamente, as turmas eram divididas entre “crianças adiantadas” e “crianças atrasadas”, e quando não faziam essa divisão por sala, provavelmente por não haver alunos suficientes, utilizavam as filas das carteiras. Para muitos cidadãos piauienses, essas divisões parece que nem existiram, simplesmente não a vêem assim, mas, em muitos outros, isso deixou marcas profundas. Segregar os alunos parece que continua uma prática corrente em algumas escolas, não só de Piau, mas como também na região. Nas minhas andanças, cheguei a uma escola em que um vendedor de livros questionara a professora por que as salas eram divididas entre negros e brancos, ao que ela respondeu não

ser proposital tal divisão. A naturalização de certas práticas parece perdurar muito mais que os questionamentos que delas advêm. Nas falas de uma professora *“eu acho que nas últimas décadas se separa mais que antigamente, pois mais pessoas estudam e nem todo mundo consegue aprender, assim, muitos acham que é melhor uma sala com poucos alunos com dificuldade para ajudá-los.”* Realmente é notório que poucos estudavam, visto que minha realidade de professora mostra-me dia após dia, que o número de analfabetos parece bem maior do que os apontados nas estatísticas. É um mundo de gente que sobreviveu sem a escola. Questiono-me muito a respeito dessas situações de estratificação, são problematizações inferidas diante das descentralizações e das fronteiras deslizando. Lembrando Certeau⁶⁵,

ao mesmo tempo que o gosto do risco, perdem-se as razões de viver. Nada controla também interiormente o doce e monstruoso inchamento do possuir. A acumulação do lucro e do saber, o chauvinismo hexagonal, a repressão do estranho se engendram reciprocamente, indefinidamente. Por trás do instinto possessivo, aparece a mais ignóbil das faces do homem: o racismo.

4.3 A guerra política no município: mais de um século de batalhas.

A “guerra política” de Piau sempre foi intensa, em geral bem polarizada, não diria entre esquerda e direita, mas provavelmente entre duas alianças, notadamente de elite. No início do século XX, havia grupos bem distintos, um comandado por Cel. Antônio Braga, do partido dominante e outro comandado pelo médico Joaquim Marciano Loures, do partido republicano que compôs a numerosa e aguerrida oposição local. Desde sua emancipação, que ocorrera em 1954, até o ano de 1965, os mandatos do executivo eram exercidos por

⁶⁵ 1995, p.236

representantes da UDN. Na eleição de 1966, foi eleito o primeiro representante pelo MDB⁶⁶. A partir de então, foram se alterando os mandatos entre ARENA e PMDB, até as eleições de 1988, em que foi eleito um representante do PDS,⁶⁷ na eleição seguinte volta o PMDB. Com o passar dos anos, esses grupos foram se reestruturando e antigos aliados tornaram-se inimigos e antigos inimigos foram se agrupando. A partir de 1998, um representante do PFL comanda o executivo. Sempre houve relatos de acirradas disputas eleitorais, que dividiam o município e ainda o fazem, ainda que de uma forma menos agressiva do que nos primórdios. As intensidades dessas disputas nos deixam a questão a respeito dos poderes que estavam em jogo a cada eleição.

4.4 Entre o religioso e o profano

Obviamente as questões políticas invadiam também a religiosidade e o conflito entre padres e população era freqüente. Em geral a igreja não se mantinha neutra nas questões políticas da cidade. Caso que ilustra essa situação é a propriedade do local onde hoje está

⁶⁶ O Movimento Democrático Brasileiro (MDB), inicialmente descrito como MODEBRAS, foi fundado em 24 de março de 1966, sendo um dos dois partidos políticos brasileiros durante o período do Regime Militar quando estava em vigor o bipartidarismo. Opunha-se ao partido governista, a Aliança Renovadora Nacional ARENA. Inicialmente acorreram ao novo partido militantes do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que detinha o governo deposto. Também acorreram um pequeno contingente de descontentes do Partido Social Democrata (PSD) e menor ainda da União Democrática Nacional (UDN) onde estavam opositores tenazes aos trabalhistas, com os quais teriam difícil convivência como correligionários. Correntes socialistas e comunistas ao lado de correntes democratizantes não ligadas ao socialismo também abrigaram-se no MDB. O Movimento Democrático Brasileiro, não obstante as restrições a que era submetido, decorrentes do regime autoritário, obteve importantes vitórias na Câmara dos Deputados e no Senado na década de 1970. Por trás da cena política aparente, desdobrava-se nos bastidores um clima de suspeitas que levavam a atitudes arbitrárias e constrangimentos. Considera-se como pano de fundo, a guerra fria. A América Latina, de posição geográfica estratégica, não poderia ficar de fora. Diversos regimes militares se instalaram ao sul da linha equatorial, como o do General Pinochet no Chile e o Regime Militar Argentino. Os militares brasileiros da *linha dura* não concordavam com a abertura da política, pois consideravam-na uma ameaça à segurança nacional. Para eles, haviam agentes comunistas na oposição, na imprensa e nos sindicatos. Em busca de tais agentes, prenderam o jornalista Vladimir Herzog e o operário Manuel Fiel Filho. A morte dos dois em condições suspeitas nas dependências do II Exército, em São Paulo, provocou enorme protesto público e levou o presidente a afastar o comandante dessa região militar. A extinção do MDB deu-se em 27 de novembro de 1979, juntamente com o fim do sistema bipartidário. Nesta ocasião, surgiram novas lendas e reestabeleceu-se a antiga legenda do PTB. Nomes expressivos do MDB (como o ex-petebista Pedro Simon e o ex-libertador Paulo Brossard de Souza Pinto) foram para o PMDB, cujo nome sugeria uma continuação programática. Alguns voltaram para o PTB (entregue estrategicamente pelo General Golbery do Couto e Silva a Ivete Vargas). Descontente com este fato, Leonel Brizola, chegado do exílio, fundou o PDT, mais próximo do trabalhismo do antigo PTB. Miguel Arraes foi para o PSB. A partir daí, o MDB, que era uma vertente de redemocratização, deu origem - direta ou indiretamente - a novos ramos (como o PSDB, de Franco Montoro), e inspirou surgimento de novos partidos (como o PT, de Lula) que sofreram o mesmo processo de fragmentação, gerando o singular e dinâmico pluripartidarismo brasileiro do final do século XX. (Wikipédia, 2006b)

⁶⁷ Na realidade só houve uma mudança de sigla, pois o que ocorreu nesse ano foi a reeleição do prefeito, que já havia comandado o município pela ARENA, eleito no ano de 1976.

localizado o bairro do Rosário. Segundo informações de alguns moradores, há uma discussão mal resolvida de quem teria recebido a doação. Nos relatos de um senhor “*o cara comprou o terreno não sei de quem pra doar pro município, o pessoal tem uma lenda aí que foi doado para a Igrejinha para o santo, mas doou pro município. Essa gente aí não aceita de jeito nenhum.*” Outra situação é em relação aos batizados que ocorriam na cidade. Antigamente relatou-me uma moradora, era costume da população “*quando ia batizar quem era o padrinho era um santo. Mais aí o padre chegou aí e falou que tinha que ser uma pessoa, o santo era o Bom Jesus. Ficava no batistério afighado de Bom Jesus representado por fulano de tal. Por exemplo: se você tivesse um filho pra batizar e escolhesse Bom Jesus, o padre ia pedir pra eu representar, mais o padrinho certo era Bom Jesus*”. Esse costume da cidade fora modificado por um padre que, segundo relato de um morador, “*o padre não deixou mais por causa do dinheiro, pra receber o dinheiro do batizado. Como que o Senhor Bom Jesus ia pagar*”?

Os casos relatados acima são uns entre tantos, no entanto, é interessante ressaltar que os desentendimentos entre partes religiosas e a população não fez com que a fé esmorecesse, como me afirma um produtor “*tudo que faz, pensa primeiro em Deus. Deus sem a gente é Deus, a gente sem Deus é nada.*”



Fotografia 11: Cofrinhos protegidos por Nossa Senhora

4.5 Algumas discussões de gênero

Um senhor precisava fazer caminhadas, por recomendações médicas, mas se sentia embaraçado. Assim, saía todos os dias de casa com um cabresto na mão e, caso encontrasse com as pessoas, imaginava passar a idéia que estava a buscar burro no pasto. Há também alguns senhores que todos os dias preferem dizer que irão visitar o sítio a pé.

Situações como as relatadas acima evidenciam um pouco que a discussão a respeito de gênero e identidade no município de Piau é complexa. Alguns ainda seguem à risca a moda dos gêneros, homens com camisas e calças com botões do lado direito e mulheres do lado esquerdo. A casimira ainda é um tecido que está na preferência de alguns senhores, o “*jeans*”, nem pensar. As calças devem seguir os mais tradicionais cortes, inclusive o bolso de relógio. O uso de bermuda, para alguns, é impraticável. As mulheres, em geral, são mais soltas em relação ao vestuário. No entanto, há aquelas que só usam saías, não conseguem se ver dentro de uma calça comprida ou bermuda. Entretanto, a maioria já foi cedendo, ao “*jeans*”, a bermudas, a calça comprida.

Os chapéus vagarosamente estão sendo substituídos por bonés. Um morador avalia essa situação com bom humor, enfatizando que “*antigamente quando via um homem sem chapéu todo mundo corria que era doido, hoje tá todo mundo doido, tá tudo sem chapéu. Hoje não usa chapéu mais não, só aqui na roça, pra não andá ai com a cabeça no sol.*”

Como me disse uma senhora “*antigamente tinha uma diferença muito grande entre homem e mulher, hoje não, qualquer um usa brinco, cabelo grande, as roupa são unissex, até as pessoas criadas na roça vão pro salão, faz sobancelha, raspa peito, pinta cabelo.*”

Provavelmente, as construções de gênero sejam (re)criadas diariamente num embate de forças masculinas e femininas, tradicionalidades e traduções de uma sociedade em constante devir e ressignificar de suas práticas, onde o questionar é uma constante, embora

muitas vezes se faça silêncio diante da cotidianidade. Certo dia, uma senhora me relatou a revolta em ter que entregar duas frangas em troca de um galo *“é um absurdo, a gente sabe que vale, mais não é certo, né? Porque o macho tem que valer mais que fêmea? Eu só fiz isso porque eu tava precisando de um galo, se não, eu não faria”*.

As divisões de tarefas, embora não se possa generalizar, ocorrem de maneira bem distinta entre homem e mulher, geralmente as mulheres trabalham em casa com as prendas do lar e os homens, na roça. Todavia isso não é estanque, há homens que cozinham, que se viram dentro de uma casa, assim como há mulheres que trabalham na roça. No caso das práticas agrícolas que envolvem o cultivo de bananas, há algumas mulheres que trabalham na venda do produto, enquanto, no bananal e no encaixotamento, o trabalho é exclusivamente masculino.

Algo interessante que vem ocorrendo com os homens, diz respeito ao comprimento de suas roupas. Há alguns anos costumávamos ver aqueles homens com shorts curtos, e hoje ao olhar para alguns adolescentes, percebemos aquelas bermudas compridas, que ultrapassam os joelhos. Muitos adolescentes sentem-se intimidados em andar sem camisa, algo que era comum algum tempo atrás. O uso de cinto não é uma opção comum entre a maioria dos jovens. Também podemos perceber essa insatisfação com o corpo nas adolescentes. A imagem de um corpo idealizado parece espalhar-se em Piau.

Um jovem bananeiro, ao analisar o uso de adubo químico nas bananas, faz uma analogia interessante, *“quanto menos produto químico, eu usar melhor pra ela (adubo químico), melhor é pra produção. Com o adubo eu faço a bananeira ficá mais viçosa e mais bonita, mas perde a resistêcia e a sigatoka amarela ataca mais. Se tratá com esterco, camada de mato, menos doença pega. Por exemplo, é igual esses caras que aplica bomba no corpo, vão ganhar aquele corpão, mas ele vai ter menos resistêcia, o cara acha que tá perdeno de um jeito, tá perdeno de outro.”*

Cabe aqui uma pequena reflexão sobre os corpos, a maneira como tentamos moldar nossos corpos. Uma frase que um dia me chamou muita atenção foi a de um rapaz ao receber uma massagem “[...] *quando sentia o toque na pele eu fui pensando que eu tinha um corpo, parece engraçado, mas às vezes a gente esquece que tem um corpo.*” Todos os aparatos da modernidade parecem que se traduzem numa perspectiva de nos fazer esquecer de que temos um corpo. Temos um blusa, uma calça, uma barriga, compartimentamo-nos em vestuários e partes, mas talvez a primeira totalidade de que nos esquecemos é a de nosso corpo.

4.6 Lar doce lar

De todas as minhas vivências como moradora de Piau e agora como visitante de final de semana, acho o entardecer o mais interessante, bem como os domingos. São nesses momentos que alguns moradores vão sentar-se na varanda da sala, ou em frente de casa, para conversar, “jogar conversa fora” e olhar o movimento da rua. Embora nem todas as famílias tenham mais esse costume, talvez sejam as novelas que já venham minando esses bate-papos no decorrer dos anos, bem como os computadores. Esse hábito, como também de ir passear na esquina, ou na praça, ainda é corriqueiro na cidade.

São interessantes as configurações de muitas casas em Piau, ter a varanda da sala e a varanda da cozinha. Antigamente, como as casas eram mais altas, falava-se alpendre. Não é área ou garagem. Geralmente nas varandas das salas se tem cadeira ou banco e muitas flores; nas varandas das cozinhas, tanque, fogão a lenha, varal, cachorro e mais um “punhado de trem”. Nos quintais podemos encontrar galinhas, horta, varanda de lenha, um quartinho de bagunça. Dependendo do grau de intimidade é que se vai conhecendo mais um pouquinho da casa.



Fotografia 12: Varanda da cozinha

Num apartamento pode até se ter uma vista, mas não se tem o quintal, o que para muitos, é uma adaptação difícil, “viver sem um terreiro”. Até o barulho da chuva parece ficar mais distante. Criar-se dentro de uma selva de concretos invisíveis, às vezes tenho essa sensação da cidade. Colocar o pé no chão de terra, não se sentir sujo com a poeira, são sensações que constroem significados bem diferentes para o dia-a-dia. Os clubes são substituídos pela minha granja, meu sítio. Os bate-papos, por *orkut*. Nesse sentido, reporto-me as construções de Soares⁶⁸ a respeito das imbricações entre cidade, cotidiano e cidadania, quando destaca que,

Para o homem comum, o Mundo, mundo concreto, imediato, é a Cidade, sobretudo a Metrópole. Despindo a roupa da Natureza e vestindo a roupa da Técnica, a Cidade, é objeto inteiramente histórico, impondo a idéia de um tempo humano, um tempo fabricado pelo homem, tornando-se possível tratá-la de forma empírica, contábil, concreta [...]Na cidade a natureza está oculta. Como um produto fugaz do território a natureza torna-se fator de consumo, em conseqüência originando sua marginalidade, ou quando resta, por exemplo, como floresta urbana, sendo apreciada enquanto paisagem ou lugar para o ecoturismo. A natureza, vista como aquilo que não é produzido aparece como um valor de uso e, sob o capital, como valor de troca largamente explorado. [...]Assim, quando o natural cede lugar ao artefato criado pela técnica, quando a racionalidade triunfante se revela através da natureza instrumentalizada, é a cidade a área preme de ciência, tecnologia. Entretanto, a vida não é produto da técnica, mas da política enquanto ação que dá sentido à materialidade. Um olhar ambiental sobre o cotidiano citadino impõe-se então, como desafio de cidadania na elucidação das metamorfoses da sociedade contemporânea e das contradições sociais urbanas, não somente para interpretá-las, mas fundamentalmente para transformá-las. Como conseqüência, será possível socializar o ethos de uma sociedade ambiental no reverso da ambientalização da dimensão comportamental da sociedade industrial como se faz hoje?

⁶⁸ 2006

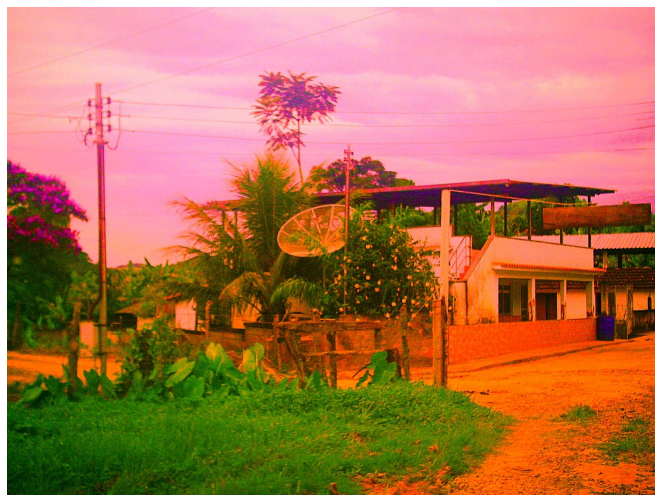
4.7 Quem és tu, piauiense?

As identidades piauienses se decompõem em muitas como: famílias - Os Coelhos, Os Beijo, Os Moreira, Os Guedes, Os Gréggio, Os Capadô, Os Paiva, Os Presto, Os Condé, Os Lopes, Os Cezar, Os Castro, Os Mafaldo, Os Alvim, Os Carolino, Os Custódio, Os Mourão, Os Lima, Os Silva, Os Estropa, Os Procópio, Os Rezende, Os Issac, Os Loures, Os Neves, Os Belizário, Os Calderário, Os Pedrosa...; lugarejo - O pessoal dos Mirandas, do Paiolino, do Segredo, da Alagoa, do Córrego, do Serrote, de Dois Irmãos, do Carangueijo, da Cemig, da Boa Vista, do Boiadeiro... e os que freqüentam ou que recebem os moradores de Piau também têm sua identidade, como o pessoal da Serra, do Ribeirão, do Formoso, da Pedra de Chifre, do Botafogo, a divisão urbana da cidade entre “rua de baixo”, “rua de cima”, “morro ou bairro do Rosário”, “bairro do Guta ou bairro dos Paivas”, rua do Sapo, e talvez o Centro. E assim, poderíamos continuar dividindo pelas turmas de finais de semana - a turma de cachaceiro, os motoqueiros, os jogadores de futebol, os calangueiros,..., pelas religiões - os católicos, os evangélicos, os macumbeiros, os benzedores, ..., pelo tipo de atividade - os bananeiros, o pessoal do inhame, os trabalhadores da roça, as doceiras, os leiteiros, os professores, as cantineiras, os pedreiros, os marceneiros,..., que certamente encontraríamos mais e mais divisões possíveis. Embora seja difícil definir por palavras um morador de Piau, cada um, intuitivamente, tem um conceito quando diz, por exemplo, o pessoal dos Mirandas, sabe de suas identificações e de suas empatias, construídas historicamente. Como podemos perceber, os bananeiros têm uma divisão no coletivo da cidade e é um pouco dessa identidade imbricada em todas as outras citadas, bem como, o mundo bem maior que Piau, em que este estudo irá se aprofundar no próximo capítulo.

5 O COTIDIANO DE BANANEIROS

*"É devolvendo o direito à palavra
e na nossa sociedade isto inclui
o direito à palavra escrita,
que talvez um dia possamos
ler a história contada,
e não contada,
da grande maioria que hoje
ocupa os bancos das
escolas públicas."
GERALDI*

As histórias dos bananeiros são tantas quanto os números de trabalhadores do ramo. O que tentarei é apresentar algumas e ir construindo reflexões que possam dialogar com o cotidiano desses homens e mulheres atuantes no mercado e que, em sua maioria, sabem bem o que são os limites da pobreza e da discriminação. E como conseguiram sobrepujar a essa pobreza e discriminação? Talvez tenha sido através de uma boa negociação, cultural, social e econômica. Para tanto, apresento considerações a respeito de como esses produtores vêm trabalhando com a tecnologização do setor, as práticas de cultivo e comercialização, fazendo uma breve análise do mercado no qual estão inseridos e das práticas cotidianas desse cultivar. Lanço proposições no intuito de problematizar e evidenciar o dia-a-dia desses bananeiros, personificando-os, para que, seguindo os rastros de suas histórias, possamos nos embrenhar em prerrogativas mais globais nos próximos capítulos.



Fotografia 13: Casa e depósito de um bananeiro

A plantação de bananas começou a se expandir em Piau, aos poucos, com o consentimento dos grandes fazendeiros que sempre cediam pequenos espaços aos meeiros para plantio de milho, feijão, mamão e, posteriormente, a banana. Com o declínio do gado leiteiro e a gradativa ascensão do comércio da banana, o fluxo de fazendeiros procurando meeiros bananeiros foi aumentando. Dessa maneira, as terras mais uma vez foram mudando de mãos. Obviamente não foi um cultivo implantado da noite para o dia, como me relatou um produtor *“o pai passou um sufoco danado, ele era sócio nas terras com o fulano e ele queria plantar banana e o fulano falava que ele tava estragando os pastos, demorou um bom tempo pra ele ver que a banana dava lucro e aí os pastos começou a ser trocado por bananal.”*

Os bananeiros em Piau estão na sua terceira geração, os avós, filhos e os netos trabalham ou trabalharam com o cultivo e a comercialização desse produto. Interessante, e cabe aqui uma analogia, o atual quadro histórico segue a máxima desse cultivo. Segundo técnicas adotadas, o agricultor deve retirar o excesso de brotos da bananeira de tal forma que permaneçam três mudas por cova plantada (mãe, filha e neta). Em relação a escolaridade, na primeira e segunda geração predominam os estudos até a 4ª série. Na terceira, a maioria já cursou o ensino médio ou a 8ª série, ainda que alguns tenham levado vários anos para concluir seus estudos. Como conciliar trabalho e escola foi uma árdua tarefa para muitos, acabaram por abandonar a escola.

O trabalho na roça e nos pontos de vendas é predominantemente exercido por homens maduros ou jovens. No entanto, pude observar que o trabalho feminino na roça é presente, as mulheres em geral são conhecedoras das artes do cultivar e em menor número também trabalham nos pontos de vendas, num jogo de parceria com os seus companheiros. Roupas de bananeiro são reconhecidas por serem cheias de nódoas, característica que inspirou as alegorias do “bloco dos bananeiros” no carnaval da cidade.

5.1 Entre tradições e novas tecnologias: o dia-a-dia do produtor

Ingressar no mundo da bananicultura não é nada romântico, é uma luta que tem início bem cedo, a maioria dos bananeiros começaram na lida por volta dos dez anos de idade. A rotina de trabalho é intensa, perfazendo certamente mais de dez horas diárias. Certos dias da semana se iniciam às duas horas da madrugada e terminam as dezoito, dezenove horas. Dificilmente conseguem tirar uns dias de férias durante o ano.

A maioria tem um meio de transporte motorizado, o caminhão, que é o sonho e objetivo de muitos. Embora tenha aumentado aos poucos o número de caminhões o que domina o cenário ainda são as caminhonetas, tobatas⁶⁹ e jipes. A tradição sobrevive naqueles que ainda por algum motivo, seja financeiro ou imposto pela geografia, permanecem utilizando a tração animal com burros, que carregam nos lombos os balaios cheios de bananas. Aliás, pode-se considerar que esses balaios estão fadados a virarem peça de museu, já que estão sendo substituídos por caixas adaptadas ao animal, que resvalam menos e por isso não deixam marcas escuras na fruta, impedindo-as de se tornarem inúteis para o comércio. Com isso, mais uma arte se perde com o tempo, a de tecer taquara. Nem as cercas de bambu são mais comuns, os arames, mourões e muros estão dominando o cenário, bem como as casas de pau-a-pique que estão sendo substituídas por alvenaria.



Fotografia 14: Burros com suporte para caixa

⁶⁹ Tobata é a marca de uns micro tratores muito úteis no campo, alguns usam no arado, outros para carregar produtos numa carroceria adaptada. Há, ainda, a possibilidade de lhes adaptar aparadores de grama e roçado.

O cultivo da banana foi considerado, em seus primórdios, de fácil manejo, era uma fruta que não exigia manutenção intensa e se adaptou muito bem ao clima e às terras de Piau. Atualmente, com as exigências do mercado e com a introdução de novas tecnologias, os bananais são constantemente monitorados e, por isso, maior dedicação é necessária. Muitos até cobrem os cachos ainda na bananeira com plásticos para evitar manchas nas frutas. Os produtores consideram que a bananeira é benéfica para o solo, pois se retira apenas o fruto, uma vez que a folha e o caule retornam em forma de adubo natural.



Fotografia 15: Cacho de banana coberto por jornais e saco plástico

5.2 Práticas de cultivo e comercialização: ontem e hoje

As práticas desse cultivo e as maneiras de comercialização perfazem caminhos imbricados entre o tradicional e o moderno. O tradicional, com tênues mudanças, praticado por uma minoria, cujo motivo da escolha impossível de ser identificado, provavelmente seja uma combinação de situação financeira e falta de credibilidade nas inovações; e o moderno, que se caracteriza por transformações significativas e contínuas, geralmente geradoras de

outras transformações que se constituem num “efeito cascata”, afetando o movimento de capital, máquinas e pessoas num curto espaço de tempo.

Nos relatos dos bananeiros temos indicação de que o cultivo da banana no município é muito antigo. Nos seus primórdios se limitava a pequenos plantios que atendiam exclusivamente ao consumo próprio dos fazendeiros e empregados. O comércio se iniciou timidamente com um único comprador que percorria as fazendas reunindo a produção num caminhão e levando para ser revendida nas feiras de Juiz de Fora ou no comércio varejista. Um produtor relatou que *“antigamente vendia pro fulano, depois começou a vende pro beltrano, cicrano e depois veio um punhado de compradô. De uns 30 ano pra cá, começou a esparramar pra todo lado.”* Como indicado na fala anterior, não se sabe bem o que originou a mudança, questões financeiras poderiam ser a fonte principal de tanta motivação, ou talvez seja uma nova geração com uma visão mais aguçada para o comércio. O certo é que, nas décadas de 1960 e 1970, as bananas passaram a ser comercializadas por um número maior de produtores mesclados com alguns atravessadores.

É interessante ressaltar que as bananas eram contadas e vendidas em centos para os atravessadores e em dúzias nas feiras. O transporte também era bem diferente, os cachos não eram seccionados em pencas, ou seja, retirava-se o cacho da bananeira e amontoava-se no caminhão, sem qualquer tipo de embalagem. Pesar os produtos é uma exigência mais recente, vendia-se sacos, litros, duzias. Como disse um produtor *“antigamente a banana era levada no cacho e em Juiz de Fora tinha uma estufa para madurar no carbureto, Piau nem sabia. Depois começou a madura em Piau memo, até 87, mas tem uns que madura até hoje no carbureto[...]depois quando veio a cooperativa, apesar de não ter dado muito certo, foi bom, pois veio a câmara de climatização e aí o pessoal aprendeu a trabalhá com banana e hoje tem mais de dez câmeras, aperfeiçoa na tecnologia, né.”*

Num único caminhão levavam-se as bananas de diversos produtores, os lotes de cada proprietário eram separados por folhas de bananeiras. Com o tempo começaram a transportar em caixotes, e para empilhar esses nos caminhões e manter a segurança de que não iriam cair, os bananeiros, desenvolveram uma engenhosa prática com cordas e inúmeras maneiras de manipulá-las e de realizar nós.

Houve uma época em que os bananeiros iam para a feira no meio das caixas, em cima do caminhão. Aliás, era muito comum, pessoas trafegarem nas carrocerias de caminhões. Anualmente, no dia doze de outubro, carreatas homenageavam Nossa Senhora Aparecida. Cada ano a carreata seguia para uma cidade vizinha, com várias caminhonetas e caminhões apinhados de gente, percorriam dezenas de quilômetros dessa forma, mas o tempo, que trouxe novas regulamentações de trânsito, acabou com essa tradição. Felizmente para os comerciantes a lei surgiu numa época em que já era significativo o número de transportes destinado à Ceasa (Central de Abastecimento S/A) e à feira, o que não trouxe maiores problemas, pois já havia maneiras de todos os produtores viajarem nas cabines ou nos carros particulares que alguns já possuíam.

Na década de 1980, os produtores criaram a Associação dos Produtores Rurais de Piau, com uma boa adesão de produtores. Aproximadamente três anos mais tarde, implantou-se a Cooperativa de Produtores Rurais de Piau, a prefeitura doou o terreno para se fazer o prédio, o Banco do Brasil emprestou o dinheiro, através de um plano do governo de implantação de cooperativas, conforme me relatou o representante do executivo na época.

Os relatos dos produtores evidenciam que essa cooperativa não funcionou como deveria. Primeiramente o número de cooperados não foi muito significativo, além de diversas discordâncias em relação à compra e comercialização de bananas. Segundo inferências de um produtor, *“todo mundo queria ganhar a mesma coisa, e assim não dá certo, quem produz mais, tem que ganhar mais.”* Até hoje a cooperativa funciona, mas apenas oferecendo

climatização de bananas e uma balança para pesagem de animais. A loja, que repassava produtos a preço de custo para produtores, a compra e venda de mercadoria foram abandonados. Na época de sua implantação, era a única loja da cidade com produtos voltados para a prática agrícola, hoje já há uma rurícola que certamente contribuiu para o fechamento dessa loja.

Muitos produtores avaliam como positiva a construção da câmara de maturação, visto que, com essa nova tecnologia, dispensou-se o uso do carbureto, proporcionando também um dilatamento na duração das bananas, ou seja, anteriormente a fruta amadurecia mais rápido, o que deixava pouco tempo para melhores negociações. A aquisição de um caminhão e de um trator agrícola, realizada por essa cooperativa, também foi muito significativo para o trabalho dos produtores de um modo geral.

Ante tais circunstâncias, os próprios produtores avaliam que é muito difícil trabalhar em grupo, sabem do potencial que representaria se todos se unissem para realizar as negociações, das possibilidades que poderiam abrir em questão de investimentos mais facilitados, bem como do maior poder que teriam para reivindicar suas necessidades. No entanto, eles percebem que geralmente *“o ruim é isso um produtor só corre atrás, se der certo, vai todo mundo atrás.[...] Piau precisa com urgência de uma secretaria de agricultura, com apoio técnico, ou seja, alguém que esteja lá pra ajudar o produtor, vê o que tá precisano. Troca o prefeito, morre a idéia. Que cidade pequena vai viver sem o apoio da prefeitura?[...]O produtor produzir e ele mesmo vendê é muito difícil, precisa de alguém pra ajudar, é difícil para o produtor. Se a cooperativa e a Associação funcionasse, Piau seria uma potência. Poderia suprir mais mercados. Ser um pólo de produção orgânica. Já penso, o pessoal tomar banho pra entrá dentro da cidade, tem lugar que é assim, fazeno dedetização na entrada do bananal, nem o motorista pode entrá, já existe fazenda que é assim, mesmo não sendo orgânica.[...] Não acho que vai conseguir investimento baixando o juro não, não é*

suficiente. Ensinar técnico em cada setor do país, ver o que produz e mandar pra lá. O produtor quebra a cabeça, é muito difícil. Tinha que criar o pesquisador. No Piau não tinha que ninguém sair de lá, por exemplo, poderia formar veterinário, agrônomo, administrador.”

Essa idéia da “esterilidade” parece já estar chegando a Piau. Aliás, desenvolvemos toda uma subjetividade antes de empreendermos práticas. Esterilizar parece uma ação que impossibilita inúmeras relações, não só subjetivas como práticas. Já cheguei a imaginar que, de uma hora para outra, um produto entra no mercado, mas na realidade há uma moldagem de percepção até que se chegue à determinada mudança. Imagine o que essa idéia de “tomar banho na entrada da cidade” constrói na mentalidade, na maneira de se restabelecer o contato com a terra, com as pessoas, com o mundo. A pessoa, sem perceber, começa a imaginar um mundo “estéril”. Por exemplo, podemos não querer mais uma natureza fecunda, mas uma fecundação laboratorial totalmente estéril.

Há muitos anos a Emater mantém um escritório em Piau, todavia nem sempre os produtores acreditam muito nas orientações de alguns técnicos. Em geral, os produtores que procuram os serviços ficam satisfeitos. Nas falas de um senhor “*é só procura eles lá que eles ajuda, eles têm tudo. Puxa na internet, dá toda orientação pro produtor aí, basta o cara querê, tudo que procura tem*”, outro já indica que “*a Emater tem servido muito bem, se eu tô certificado, tem que agradecer a ela.*” Todavia há aqueles que avaliam as orientações como de quem não entende do campo, eles acreditam que embora sejam bons técnicos, não entendem direito de banana. Nas falas de um produtor “*é técnico agrônomo e não sabe plantá um pé de nada, como pode?*”

Em geral, os próprios produtores foram desenvolvendo com a prática maneiras de lidar com as principais pragas que vêm atacando os bananais em Piau. Como me relatou um produtor, “*para cuidar da Sigatoka Amarela, quanto menos produto químico eu usar melhor para ela (adubo químico), melhor é a produção. Com o adubo eu faço a bananeira ficá mais*

viçosa e mais bonita, mais perde a resistência e a sigatoka ataca mais. Se tratá com esterco, camada de mato, menos doença pega..[...] O mal do panamá não tem cura, tem que eliminá as bananeiras que estão aparecendo e não utilizar as ferramentas. [...] Moleque de bananeira é só fazê uma isca, racha o caule no meio e depois fecha, no outro dia tem uns dez, quinze, aí você elimina.”

Podemos inferir, diante das observações e relatos, que a prática diária, geralmente, encontra soluções muito distantes das industrializadas para resolver os problemas que surgem dia após dia. São as exigências “de fora” que geralmente obrigam mudanças mais profundas, não sendo, necessariamente, uma demanda que brota no cotidiano.

5.3 O mercado

O mercado de banana poderia dizer que se trata de um mercado fechado. Como ressalta um produtor, *“ficaria fácil de outro comprar se encontrasse tudo amontoado, agora esse negócio de ir juntano vinte caxinha aqui, trinta caxinha ali, tem que sê quem conhece. E não é qualquer um que se arrisca nas estrada, quando está escorregano, é perigoso.”* Nessa fala, podemos perceber que a diversificação é sempre uma maneira de resistência de pequenos mercados à homogeneização de grandes corporações.

Como qualquer mercado, os “pontos” já estão demarcados e para um produtor entrar nesse comércio, deverá negociar esses pontos, seja na feira, na Ceasa, em mercados, ou em novos fornecedores da mercadoria. Nesse sentido, percebi que há um contrato social, não lavrado, mas que todos respeitam. Percebe-se que o tempo dá vantagem aos antigos negociadores de banana, desde que saibam se comportar no mercado. Como disse um produtor, *“ninguém pode arreventar a linha.”*

É um mercado de família, demarcado e hierarquizado. Quem vende na Ceasa são considerados os maiores produtores e, mesmo dentro da Ceasa, há divisões entre “pedras” e “lojas”, sendo a última mais valorizada, ainda que o número de pedras e de lojas funcione também como um fator de hierarquização. No entanto, não ter mais que sujeitar-se às desventuras (calotes, que chegam aproximadamente a 12% do volume negociado nas avaliações dos produtores, falta de organização do setor e união dos vendedores, as humilhações que se tem que passar para conseguir vender a mercadoria, etc) que esse comércio na Ceasa traz, é o sonho de alguns. Todavia há aqueles que apontam a Ceasa como um lugar bom, por reunir num local, comerciantes e produtores. A cidade de Piau é responsável por, aproximadamente, uns dez por cento do volume negociado na Central de Juiz de Fora. Nesse setor praticamente todos os produtores têm o seu caminhão ou sua caminhoneta, o que significa uma economia muito grande no frete. O único caminhão coletivo é o da cooperativa. É interessante observarmos que a maioria também tem sua câmara de climatização, embora a da cooperativa também trabalhe com um grande volume de climatizações.

Trabalhar nas feiras-livres, também é um comércio importante. Apesar do fato de o volume de vendas ser menor, é nesses locais que podemos observar a escoamento de uma produção mais diversificada da cidade, como guloseimas caseiras, verduras, legumes, ovos, mel e derivados, etc. Nesse caso, o transporte é mais coletivo, caminhões levam a mercadoria de vários produtores. Há também os que levam a mercadoria para revender aos barraqueiros da feira. Para alguns, a feira representa uma grande vantagem pelos pagamentos serem à vista, geralmente em dinheiro, evitando um enorme acúmulo de cheques sem fundos. No entanto, há quem aponte que o alargamento do horário de funcionamento dos grandes mercados, inclusive aos domingos, representou uma diminuição considerável das negociações realizadas nas feiras. Nesse sentido, para quem tem um volume maior de mercadoria, a feira não se torna

viável. De certa maneira, essa reestruturação tornou mais distante a negociação direta entre consumidor e produtor, passando o comércio, cada vez mais, a ser intermediado por inúmeros atravessadores.

A produção de orgânicos sempre existiu no município, todavia, para ser qualificada como tal, é necessário passar por um processo de “certificação” bem custoso, nas mãos de certificadoras profissionais. Embora o IMA (Instituto Mineiro de Agropecuária) também realize esse processo, como costuma ser demorado, os que têm interesse e condições de alçar vôos mais altos estão visionando-o como um mercado promissor: *“ o mercado orgânico é uma mercado novo que tá aí pra ser disputado e eu quero fazer parte desse mercado. Eu vendo num preço melhor o que não é orgânico é convencional, com o orgânico pode-se ganhar 50% ou 100% a mais.[...]As dificuldades é a falta de conhecimento dos funcionários, eles pensam mais negativo, eles te ouve porque você paga e eles têm que fazer o que manda, pra eles, eles não fazia. É mais trabalhoso que o convencional, tem que ter registro diário do sítio. É um processo caro o de certificação.”*

É interessante o modo como desenvolvemos em nossa cultura em que o “selinho” vale mais que o “olho” do consumidor. Estamos tão ocupados com outras coisas que não conseguimos mais avaliar os produtos que comemos a olho nu, ou num paladar apurado, precisamos de alguém fazendo isso para nós. No caso da banana a situação é típica. Muitos consumidores antigos percebem as diferenças entre bananas, principalmente as geneticamente modificadas, mas para a maioria isso é totalmente imperceptível. O mesmo se poderia falar do feijão, analisando-se se é ou não novo; das verduras... Sem dúvida, há uma longa lista de produtos dos quais não conseguimos perceber as características mais básicas.

5.4 Os caminhantes bananeiros e suas estradas vicinais

No trabalho de campo percebi a verdadeira aventura por que passam todos os dias, principalmente os chuvosos, os produtores que necessitam das estradas vicinais para escoar produção ou buscar mercadoria. Um produtor, ao receber convite para participar de um *rally*, respondeu com muita sabedoria. “*Rally pra quê? Rally eu pratico todos os dias*”.

O que para uns é competição esportiva, para o transporte de bananas se resume em trabalho árduo e perigoso. No entanto, por mais desafios e riscos iminentes, nada parece ser capaz de lhes tirar a admiração pela harmonia gratuita da natureza, enquanto conduzem o veículo, em condições tão adversas, com experiência e visão tácita.

Num dia de campo, chuvoso, tremia, porém, de desespero. A pior estrada que se pode imaginar parecia desenhar-se a nossa frente. A caminhoneta derrapando para todos os lados, a chuva que não dava trégua, terríveis aclives e declives a serem vencidos, enfim onde só se via lama para todos os lados, literalmente, registrei sorrisos satisfeitos, olhos admirando a chuva, o verde das bananeiras, o fruto graúdo, a colheita realizada. Conseguiram encontrar brilho num dia que, para mim, estava para lá de nebuloso.

5.5 Da bananeira ao consumidor

Debaixo de uma neblina suave, enquanto encaixotavam as bananas numa bandeira⁷⁰, um trabalhador rural mostrava-se admirado pelo palpite certo que dera acerca de quantas caixas de bananas a colheita daria, “*viu, eu sei das coisas, ontem enquanto a gente cortava as bananas, debaixo daquela chuva o dia inteiro, eu falei com ele vai dá umas 32 caixa, viu, acertei [...] Hé, o pessoal lá na cidade não sabe o trabalho que dá pra colocar essa banana*

⁷⁰ Bandeira é a denominação dos locais localizados nos bananais destinado ao despencar, encaixotar e lavagem das bananas.

bonitinha lá na casa deles.” Aliás, o encaixotar bananas é uma verdadeira arte, poucos desenvolvem essa prática, exige-se anos de experiência para que fique um serviço bem realizado aos olhos dos bananeiros.

O depósito é algo primordial para os bananeiros. Muito próximo de casa ou em locais alugados, arrumam suas bananas. Despencam, encaixotam, climatizam, carregam os caminhões. Com o advento das caminhonetes e caminhões, esse processo vem mudando, boa parte já é feito nas “bandeiras”, onde se monta uma caixa com água para lavar as bananas e, ali mesmo, despencam e encaixam. Deixam para os depósitos o conserto de caixinhas e a climatização dos produtos. Essa dinâmica de depósito é bem intensa, as bananas são acompanhadas diariamente para não saírem do ponto. Um produtor descreve esse processo *“Corta, carrega nas costas, dois cachos no máximo, até na bandeira aonde vai encaixá. Põe elas tudo empezinha, do jeito que não rela. Despensa dentro de uma caixa d’água e encaixa ela. Depois disso, põe na caminhonete e traz pro depósito pra madurá. Põe ela na câmara. Tira ela, carrega o caminhão e leva pro Ceasa e descarrega ela na pedra e vende pros fregueses. Não recebe, e volta pra casa ... (risos).”*

Quanto à exploração de mão-de-obra, não tenho dados para dizer se houve ou não muita modificação na cidade, principalmente entre os empregados que são “fichados”, ou seja, aqueles que trabalham por mês, em algumas fazendas e sítios, o que não significa que recebam, necessariamente, pelo menos um salário mínimo. A mão-de-obra feminina é bem desvalorizada, há maior parte das empregadas domésticas não ganham sequer meio salário. As diaristas femininas conseguem ter uma remuneração melhor, entre R\$ 15,00 à R\$ 25,00. A mão-de-obra temporária, masculina, ou os diaristas, principalmente os que trabalham com o ramo da banana, recebem entre R\$ 15,00 à R\$ 25,00 por dia, tendo conseqüentemente um rendimento melhor. Embasados nesse preço, considerado caro por muitos produtores, ressaltam *“veja só, é muito difícil dá um jeito no mato, por exemplo, um homem cobra aí uns*

R\$ 20,00 por dia para roçar e capinar, já uma bomba de roundap custa R\$ 2,00 e até o meio dia um homem consegue bater 15 bombas, cobrando R\$ 2,00 por bomba. O preço da mão-de-obra tá ficando muito caro. No Roundap rapidinho você faz o trabalho de 20 homens. Pois tem que capinar (rançar o mato com terra) de forma que o mato fica batido sem terra na raiz e sem tá encoberto pelo outro. E o roundap é só batê com a bomba em cima das folhagem, o máximo que exige é roçar, abaixar o mato com a foice uns dia antes.”

A tecnologização no campo talvez seja um dos motivos mais peculiares causadores de sua desertificação tanto humana, quanto da biodiversidade e das paisagens, como avalia um produtor “o fulano mandou o empregado embora, daqui a pouco as banana tá tudo miudinha, é gente que não precisa, não tá nem aí, eu preciso tô correndo atrás.” Aqui se cria um nó entre campo e tecnologia, entre ambientalistas e produtores, entre o certo e o errado, entre homem e máquina mediados pelo capital. A exploração do trabalho de homens e mulheres é mais perspicaz e antiga do que podemos imaginar e dar conta de discutir nesse estudo

5.6 As bananas se agregam a outros olhares de mercado

Nos últimos anos, o artesanato ganhou apoio e, gradativamente, várias artesãs vêm se destacando com diversos objetos trabalhados com a fibra retirada da bananeira: móveis, luminárias, porta-retratos, sapatos, roupas, etc. Esse aproveitamento da fibra de bananeira foi uma tecnologia introduzida no município recentemente, com apoio técnico e de desenvolvimento comercial. No entanto, começaram a surgir barreiras, primeiro pela dificuldade de se conseguir trabalhar em associação e segundo pelo comprometimento da matéria prima. Os bananeiros não querem mais deixar tirar as fibras, alegando que isso está prejudicando as bananeiras e causando um impacto negativo no bananal. As problemáticas em

torno desse impasse podem ter diversas análises, uma primando pela questão ambiental, outra pela luta de gêneros, além da questão econômica que também não pode ser descartada. Segundo um produtor, *“isso é o maior atraso do povo, não deixa tirar as imbiras, uma bananeira dá muita imbira. E com uma caminhonete por mês elas faz muito trabalho.”*



Fotografia 16: Exposição artesanato de fibra de bananeiras em Piau

A banana também trouxe para o município a primeira fábrica da região na produção de bananas passas. Nos primeiros anos era necessário trabalhar em três turnos para atender aos clientes. Além desse produto, que foi realmente inovador para o setor, a fábrica produz doces de banana *diet* e outras variedades que agregam valor a banana. Recentemente grandes corporações surgiram no mesmo nicho de mercado, o que vem proporcionando uma concorrência cada vez mais acirrada e limitando a atuação da fábrica local.

A festa da banana certamente foi uma das criações dos piauienses que muito divulgaram essa associação comumente feita na região entre “Piau” e “terra da banana”. Nessas festas, que já fizeram o município receber mais de dez vezes sua população, foi se divulgando a cultura da cidade. Nas exposições realizadas durante o evento, por exemplo, mostra-se toda a produção da cidade. Há também o desfile em que são apresentadas as práticas e culturas agrícolas do município, em que geralmente, chamam muita atenção dos visitantes as tropas de burros, os carros de boi, as charretes, carroças, em que cada

propriedade vai divulgando sua produção. Interessante observarmos que, pela análise da estrutura desse desfile, que já perdura por aproximadamente vinte anos, podemos acompanhar como ocorreram mudanças tecnológicas introduzidas no município. A cada ano, o produtor ia trazendo as novidades de seus sítios e fazendas e aos poucos o desfile ganhou cara nova. Hoje embora se tenha a oportunidade de se ver carros de boi, burros e cavalos, tobatas, o que predomina são os tratores, caminhonetes, caminhões, motos.

Piau está mudando, não podemos nem mais usar a metáfora “abrindo as porteiras”, pois do lado da maioria das porteiras certamente encontraremos um “mata-burro”.



Fotografia 17: Detalhes de um desfile na Festa da Banana.

5.7 Uma educação muito além da escola formada na prática do cotidiano.

Os produtores em geral imaginam uma educação para seus filhos que possa interligar o seu mundo a um mundo mais global, nas falas de um produtor *“eu sonho pro meu filho uma escola que ele entre 7h e saia às 17h, uma educação que ele ou ela aprenda a plantar, colher, que tenha informática, que ensine o que o município tem.”* Aliás, a imagem que fazem do poder de um computador e das possibilidades de uso da *internet* é interessante, muitos os “endeusam” e não se vêem como interlocutores das máquinas, todavia esperam que as gerações futuras tenham a oportunidade que não tiveram. Assim como, anseiam por uma interligação entre técnicos e a vivência do dia-a-dia do município, como enfatizou um jovem *“seria bom se a universidade e os produtor conseguisse trabaiá junto.”* Certamente esse é um ponto crucial para a ciência de um modo geral, a comunidade científica precisa aprender a olhar para outras formas de entender e se relacionar com o mundo, que não sejam seus olhos, que não tenha suas regras, mas que merecem respeito e mais que isso, direito ao diálogo, de maneira que suas observações não sejam analisadas como coisa de quem não entende, mas pelo contrário, de alguém que enxerga o mundo por outra perspectiva.

A vivência feira e Ceasa é algo muito interessante. Primeiro pela movimentação, o circular de pessoas para todos os lados, aquelas conversas que ecoam de todos os cantos. O “preço de mercado” é acompanhado a todo instante, se um abaixa rapidamente todos o seguem o máximo possível. As avaliações têm que ser feitas muito rapidamente, o processo leva em conta vários parâmetros, tais como: o número e tipo de compradores que estão circulando; a mercadoria que ainda se tem para vender; o horário; a quantia e a qualidade da mercadoria da concorrência; as despesas correntes para aquela mercadoria estar ali e tantos outros dados que se articulam de forma tácita numa matemática do dia-a-dia. Dificilmente se consegue sistematizar tal operação sem cair numa intrincada rede de gráficos e programas de

softwares, aliás, teria que se absorver o máximo da experiência adquirida ao longo dos anos pelo comerciante para se tentar criar um *software* que desse conta dessa operação, o que se tornaria inviável no processo diário, já que a experiência de cada comerciante adquirida ao longo dos anos é que faz a diferença. Enquanto aprendizado é algo completo, desde a produção à comercialização, todos os produtores acompanham o processo por inteiro, seja com maior ou menor intensidade. Conhecendo as estruturas de todas as etapas.

Saber trabalhar endividado ou superar os “calotes” devem ser características fundamentais de um negociador. Esses são dois problemas enfrentados com muita frequência pelos produtores. “*se você não for capaz de se endividar você também não consegue fazer seu negócio crescer [...] se você não estiver preparado para os calotes, você quebra no primeiro*”. Como analisa Deleuze, “o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado”.⁷¹

Os preços são negociados com muita cautela. “*afinal todos estamos no mesmo barco, se vender barato demais, você não vai ter muito lucro e se vender caro, ninguém vai comprar de você.*” Assim, faz-se tudo para não desequilibrar o mercado, visto que se vislumbra que haverá situações em que um comerciante deverá precisar do outro. Daí, a importância de se resguardar as relações.

Entretanto, nesse sentido, um produtor avalia que “*falta união, é um sacaneano o outro, por exemplo, se o cara compra um carro quem é que tem coragem de emprestar um dinheiro pra ajudar o cara a pagar. ‘Toma cara paga lá e quando tu folga me devolve’.* Isso é do ser humano o cara não pode crescer um pouquinho que pisa no outro. Um produtor quer passá em cima do outro[...]. Nas cidades pequenas, se todos têm união, todo mundo ganha dinheiro, por exemplo, união na hora de comprá mercadoria consegue um preço diferenciado[...]. Segundo o cara do Banco do Brasil, Piau tem um milhão e meio de

⁷¹ Deleuze, 2005

empréstimo. A gente era pra ser uma potência. O problema pra muita gente é que tem que investir hoje pra ganhá daqui a dois ano. A cooperativa, por exemplo, poderia dá certo, é tirá dinheiro do bolso e investi, mas quem vai querê tirar dinheiro do bolso para investi e aguardar uns dois ano?”

Certamente, contando com esse “informalização” dos pequenos mercados, grandes corporações conseguem se estruturar de maneira que suas práticas passem a vigorar como lei. Encontram um campo aberto para prosseguir, pois quem representa os pequenos produtores na avaliação técnica de uma lei? As políticas públicas são criadas a partir de quais necessidades? São questões como essas em que procurarei aprofundar-me no próximo capítulo, analisando a sistematização em rede do cultivo da banana e a importância de aliarmos os discursos tecnológicos às discussões políticas. Nesse sentido, esse estudo dedica-se a educação das subjetividades empreendidas pelas grandes corporações mundiais e problematiza as resistências incorporadas nesse jogo de interesses. A escolarização não é o foco principal desse trabalho. A educabilidade cotidiana é o viés que guiou a constituição dessa pesquisa.

6 SISTEMATIZANDO EM REDE UM ADMIRÁVEL CULTIVAR

*Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo
Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado,
Mas lá vêm eles novamente e eu sei o que vão fazer:
Reinstalar o sistema
PITTY*

Originária da Índia, a banana é uma das frutas há mais tempo consumidas pelo homem, além de ser a mais popular de todas, sendo consumida no mundo inteiro. Rica em açúcares e vitamina C, foi chamada "o alimento dos sábios", sendo inúmeras suas virtudes nutritivas e terapêuticas.⁷²

O cultivo de bananas pelo homem teve início no sudeste da Ásia. Existem ainda muitas espécies de banana selvagem na Nova Guiné, na Malásia, Indonésia e Filipinas. Indícios arqueológicos e paleoambientais recentemente revelados em Kuk Swamp, na província das Terras Altas Ocidentais da Papua Nova Guiné, sugerem que essa atividade remonta pelo menos até 5000 a.C., ou mesmo até 8000 a.C.. Tais dados tornam esse local o berço do cultivo de bananas. É provável, contudo, que outras espécies de banana selvagem tenham sido objeto de cultivo posteriormente, noutros locais do sudeste asiático.⁷³

A banana é mencionada em documentos escritos, pela primeira vez na história, em textos budistas de cerca de 600 a.C.. Sabe-se que Alexandre, o Grande, comeu bananas nos vales da Índia em 327 a.C.. Só encontramos, porém, plantações de banana organizadas a partir do século III d.C. na China. Em 650, os conquistadores islâmicos trouxeram a banana para a Palestina. Foram, provavelmente, os mercadores árabes quem divulgou a banana por grande parte da África, provavelmente até a Gâmbia. A palavra *banana* teve origem na África

⁷² Falloniwebsite, 2005.

⁷³ Wikipedia, 2005.

Ocidental e, adotada pelos portugueses e espanhóis, passou também a ser usada, por exemplo, na língua inglesa.⁷⁴ Foram os árabes que lhe deram o nome pelo qual é conhecida em quase todos os idiomas: *banan* significa "dedo" em árabe.⁷⁵

Nos séculos XV e XVI, colonizadores portugueses começaram a plantação sistemática de bananais nas ilhas Atlânticas, no Brasil e na costa ocidental africana⁷⁶. Mas as bananas mantiveram-se, durante muito tempo, desconhecidas da maior parte da população europeia. Note-se, por exemplo, que Júlio Verne, na "A volta ao mundo em oitenta dias" (1872), descreve o fruto detalhadamente porque sabe que grande parte dos seus leitores o desconhece.⁷⁷

Entretanto, essa planta bastante útil só conquistou o planeta quando o missionário Tomás de Berlanga, no início do século XVI, decidiu levar alguns rizomas das Canárias para o Novo Mundo. A partir de então, extensos bananais começaram a avançar sobre as selvas do Caribe e das regiões tropicais da América, dando origem a enormes fortunas e criando acirradas disputas entre os comerciantes dessas "repúblicas das Bananas"^{78,, 79}.

Atualmente, a presciência de extinção da banana, divulgada pela mídia e por técnicos diversos, exagerada ou não, traz consigo uma discussão bem peculiar, do que é global e do que é local, do problema de uns que acaba por interferir na vida de muitos ou vice-versa.

⁷⁴ idem

⁷⁵ Falloniwebsite, 2005.

⁷⁶ Vale aqui lembrar a dissertação de Lima (2005), quando destaca que "a história da banana no Brasil é narrada por Moreira em 1987. Embora a grande maioria dos autores considere que a banana foi introduzida nas Américas pelos portugueses, O citado autor afirma que, apesar de os primeiros registros escritos a respeito da fruta no território brasileiro datarem de 1570, existiriam fortes evidências de que os índios já a cultivavam mesmo antes da chegada dos portugueses. Entretanto, foi somente com a vinda dos europeus que os plantios se estenderam desde as frias encostas rio-grandenses até a foz do Amazonas. A primeira coleção de bananeiras no Brasil data de 1925, quando o agrônomo Felisberto Cardoso de Camargo a inicia com 12 variedades, no Instituto Agronômico de Campinas (IAC). Em 1931 ocorrem os primeiros experimentos de fertilizantes em bananeiras, e em 1948 surge o primeiro híbrido de bananeiras no país."

⁷⁷ Wikipedia, 2005.

⁷⁸ República das Bananas é um termo pejorativo utilizado para descrever um país com um governo não-democrático, fantoche ou instável, onde reina a corrupção e forte influência estrangeira. É muitas vezes aplicado em relação a pequenos países da América Central e das Caraíbas. A "República das Bananas" original era Honduras, onde o termo apareceu devido à forte presença das empresas *United Fruit Company* e *Standard Fruit*, que dominavam o importante sector da exportação de bananas. A United Fruit Company, por exemplo, nunca escondeu que queria se imiscuir na política - mesmo através do uso da força. Exemplo disso foi quando em 1910 um barco partiu de Nova Orleães rumo a Honduras com o objectivo de instalar um novo presidente pela força, pois o governo daquele país não tinha desejado facultar cortes nos impostos à companhia em causa. Resultado disso foi que o novo presidente empossado permitiu que a empresa ficasse livre de pagar impostos durante 25 anos. (WIKIPEDIA, 2005b)

⁷⁹ Falloniwebsite, 2005.

Como afirma Gadotti,⁸⁰ “o global e o local se fundem numa nova realidade: o ‘glocal’”. Nesse sentido, podemos inferir que a problemática em torno da produção e comercialização da banana afeta diretamente um contingente significativo da população mundial, que tem nesta fruta uma rica fonte protéica alimentar, bem como tem no seu cultivar a renda mestra e a estrutura de boa parte da cultura, como é o caso da cidade de Piau.

Podemos ter uma breve noção da dimensão e função social dessa fruta a partir das informações disponíveis no *site Tierramerica*⁸¹, com expressivos 500 milhões de pessoas dependentes da banana - especialmente na África e Ásia – como sua principal fonte de proteínas⁸². É interessante também observarmos os dados divulgados pelo informativo eletrônico FrutiSéries⁸³ que, em suas páginas, destaca o potencial dessa fruta, como sendo a de maior produção e comercialização mundial, responsável por 37% do volume total de frutas transacionadas no mercado internacional.

Principais países Produtores, Importadores, Exportadores e Consumidores de Banana							
País Produtor	Produção (mt)	País Importador	Quantidade Importada (U\$1000)	País Exportador	Quantidade Exportada	País Consumidor	Consumo aparente (mt) *
Índia	11.000.000	EUA	1.387.194	Equador	1.058.729	Brasil	5.437.561
Brasil	5.506.080	Alemanha	686.452	Bélgica **	747.078	China	4.200.017
Equador	4.563.442	Reino Unido	577.874	Costa Rica	588.029	EUA	3.506.324
China	3.733.814	Bélgica **	574.648	Colômbia	476.102	Indonésia	3.099.332
Filipinas	3.560.800	Japão	469.913	Filipinas	217.040	Filipinas	2.411.289
Indonésia	3.176.749	Itália	376.793	Guatemala	191.372	México	1.280.868
Costa Rica	2.098.333	França	223.259	EUA	177.013	Honduras	819.313
Tailândia	1.720.000	China	163.151	França	174.377	Egito	667.167
México	1.525.836	Canadá	161.246	Itália	139.351	Malásia	505.160
Colômbia	1.516.640	Suécia	159.079	Panamá	138.748	Espanha	421.811

Fonte: FAO (1998)

*Consumo aparente=Produção + importação – Exportação

** Inclui-se Luxemburgo

No *site* da FAO⁸⁴ os EUA (Estados Unidos da América) são apontados como o maior importador de bananas, oriundas da América latina, do mundo. Calcula-se que no ano

⁸⁰ 2004, p.83

⁸¹ TIERRAMERICA (2005) é um *site* que traz informações diversas sobre as pragas da banana, bem como manipulações genéticas, críticas e indicações de sites que versam a respeito do assunto.

⁸² Nas terras altas de Uganda, o consumo *per capita* de banana chega a 200kg por ano. A fruta serve como fonte de uma parte significativa das necessidades diárias de carboidratos, vitaminas A, B6 e C, Potássio, Fósforo e Cálcio. No Brasil, especialmente no Estado do Amazonas, a banana é a fruta de maior consumo, constituindo-se em um alimento básico da população carente (FIORAVANÇO, 2003, p.1)

⁸³ FrutiSéries é um boletim eletrônico distribuído pelo Ministério da Integração Nacional SIH/DPE disponível em: <http://www.integracao.gov.br/publicacoes/index.asp>.

⁸⁴ FAO, 2004.

de 2002 foram 3,91 milhões de toneladas. Aproximadamente são reexportadas dez por cento destas para o Canadá, e o resto é consumido no EUA. A América Central é o maior provedor, com sessenta por cento do mercado, estando quase exclusivamente nas mãos de TNCs (*Transnational Corporations*),⁸⁵ situação de dependência e exploração, abordada por Santos,⁸⁶ quando destaca que o dossiê do *The Economist*,⁸⁷ ao criticar Naomi Klein, não se confronta com o essencial de seu livro de que

é certo que o seu posicionamento está numa clara linha de radicalismo de esquerda e que a sua é uma crítica impiedosa do capitalismo que se exprime nas grandes multinacionais. E que, aparentemente, dá continuidade à velha linha crítica antiimperialista própria do radicalismo de esquerda tradicional, daquele que se alimentava de ideologias de expressão marxista. Só que o faz justamente em moldes completamente novos. Pressupondo já uma clara distinção entre imperialismo e novo império pós-nacional. Ou seja: a poderosíssima rede de poderes fortes multinacionais que domina a cena mundial, para além dos próprios Estados nacionais, nos vários planos que vão desde a esfera produtiva até ao domínio do simbólico.

Como destaca Rousset,⁸⁸ “a origem da crise ecológica contemporânea está no ‘produtivismo’, no modo articulado de produção e consumo, e, portanto as respostas exigem uma modificação do funcionamento das sociedades humanas.” Ou seja, não dá mais para levantarmos bandeiras de proteção “a isso ou aquilo”, sem concomitantemente levantarmos a bandeira de modificação e reflexão a respeito do sistema que levou a tal situação. Conforme o mesmo autor destaca, “o combate ecológico se alia ao combate de transformação social. Não se trata de uma esfera separada, que estaria protegida dos contrastes sociais e das relações de

⁸⁵A elite da globalização compõe-se de "empresas transnacionais" (TNCs) e das instituições-chave, políticas e culturais, aliadas a elas. Dentre os 100 maiores empreendimentos econômicos em todo o mundo, há 51 TNCs, das quais cada uma é maior do que 140 países juntos. Por exemplo, a cadeia de lojas Wall-Mart em 1996 registrou um faturamento de 103 bilhões de dólares - mais do que o orçamento de alguns Estados "tigres" do Sudeste Asiático. (PERLAS, 2005) Klein também analisa o *modus operandi* das grandes marcas multinacionais para daí retirar as suas conclusões e os ensinamentos sobre o melhor modo de as combater. Para ela, o poder político transnacional reside verdadeiramente nas multinacionais, pelo que é a elas que o combate se deve dirigir: «as empresas não se limitam a fornecer os produtos que nós pedimos, mas são também as mais potentes forças políticas do nosso tempo («em condições de fixar a ordem do dia da globalização»); «os dados hoje disponíveis falam claro: sociedades como a *Shell* e a *Wall-Mart* deliciam-se com lucros superiores ao produto interno bruto da maior parte dos países e na classificação dos 100 melhores sistemas econômicos do mundo há 49 nações e bem 51 empresas multinacionais» (apud SANTOS, 2005). No caso da banana da América Central – propriedade de dois grupos norte-americanos (OLIVA, 2005)

⁸⁶ 2005

⁸⁷Revista semanal britânica disponível no *site* <http://www.economist.com/index.html>.

⁸⁸ 2002

poder.”⁸⁹ Assim, a crítica ecológica não somente toca na lógica intrínseca do capitalismo, mas segundo Rousset,⁹⁰ questiona diretamente alguns dos principais pilares do sistema dominante (agroindústria, indústria petrolífera, nuclear, transportes e automóveis, gigantes do manejo ambiental, química, etc...).

Estudos que ilustram bem as preocupações de Rousset aparecem na dissertação de Gasparini,

esta impotência dos agricultores tradicionais diante das políticas mercadológicas que são ditadas pelas transnacionais que dominam o agronegócio mundial pode ser corroborada pelos ensinamentos da pesquisadora mexicana Silvia Ribeiro, que, ao comentar o processo de aglutinação do capital e concentração econômica, demonstra quais são os reais intuitos destas empresas. Segundo a autora, ‘Em 2000, cinco transnacionais controlavam mais de 75% do comércio mundial de grãos. Hoje, três empresas dominam o mercado: Cargill, Bunge e Dreyfus. Somando apenas mais algumas, poucas transnacionais controlam mais de 90% do comércio global de milho, trigo, café e cacau; cerca de 80% do comércio de chá; 70% do comércio de arroz e banana e mais de 60% do comércio de açúcar e cana’. Entretanto, a ação das transnacionais não se resume apenas ao setor do comércio de alimentos. Tendo em vista que os complexos pacotes tecnológicos ofertados por estas empresas englobam toda a cadeia produtiva do agronegócio mundial, sua rede de relacionamentos e interconexões se espalhou por diversas etapas, que vão desde o financiamento até a produção, industrialização e comercialização dos produtos. Para justificar essa assertiva, a autora afirma que ‘o ano passado, as dez maiores empresas de agroquímicos controlavam 90% do mercado mundial; 58,4% no caso dos produtos farmacêuticos, 34% dos alimentos e bebidas; 30% das sementes’. Desta forma, percebe-se nitidamente a integração das empresas e a formação de um verdadeiro conglomerado internacional. Assim, ‘A integração, seja vertical (dentro do mesmo segmento) ou horizontal (com outros segmentos), é alarmante nos setores agroalimentar e farmacêutico. Há 20 anos, existiam milhares de empresas produtoras de sementes e nenhuma atingia 1% do mercado. Hoje, dez empresas controlam 30% do mercado mundial. Na mesma época, existiam 65 empresas de insumos agrícolas. Hoje, uma dezena de empresas controla 90% do mercado. Há 15 anos, as dez maiores indústrias farmacêuticas controlavam 29% do mercado; hoje, controlam 58,4%’⁹¹

Nesse sentido, este capítulo se constitui, refletindo sobre a agroindústria e suas prerrogativas no atual sistema, contrapondo e interligando uma pequena cidade mineira a um mundo globalizado, principalmente no tocante à produção e comercialização de bananas.

⁸⁹ idem

⁹⁰ ibidem

⁹¹ Gasparini, 2005, p.216.

Imbricado à função social e ambiental, analisando o histórico desse cultivar, podemos apreender que este está impregnado de mazelas oriundas da ganância e ignorância de alguns empresários do setor, com usos de inseticidas e pesticidas que afetaram drasticamente o meio ambiente e, principalmente, deixaram um legado de seqüelas aos trabalhadores⁹². Tal processo nos remete às questões amplamente discutidas por Klein,⁹³ quando analisa as grandes corporações mundiais e centra seu discurso em três frentes fundamentais

Em primeiro lugar, no sistema produtivo que alimenta as multinacionais. Ela constata que estas exploram, em condições inacreditáveis, a mão-de-obra indefesa do terceiro mundo, recorrendo às tristemente famosas EPZ (*Export Processing Zones*), ou zonas livres de produção, situadas em países que aceitam criar autênticos enclaves produtivos libertos das normas mínimas que devem regular qualquer processo produtivo, verdadeiros paraísos fiscais, «territórios soberanos nos quais as mercadorias não se limitam a transitar, mas são efetivamente produzidas sem taxas de importação/exportação e, freqüentemente, sem impostos sobre o rendimento ou sobre a propriedade», zonas onde impera uma autêntica ordem de tipo militar e onde os direitos sociais e políticos dos trabalhadores são coercitivamente impedidos. Em segundo lugar, as multinacionais não só tendem a desativar todos os seus centros de produção nos países desenvolvidos, gerando desemprego, como também tendem cada vez mais a generalizar, nos seus próprios postos de venda, a precariedade laboral. Em terceiro lugar, elas não só pretendem apropriar-se do poder político como também procuram fagocitar todo o espaço público para impor o mundo da marca como autêntico «way of life», saqueando culturalmente o próprio espaço mental.

A marca se transformando num modo de vida: certamente essa é uma preocupação latente para nós educadores. Como podemos lidar com o *fetiche*⁹⁴ propagado com tanta

⁹²Ainda hoje há processos contra as grandes empresas produtoras de banana na América Central, embora essas indústrias estejam tentando melhorar suas imagens como podemos perceber no trecho a seguir: “The banana industry has a tarnished reputation after decades of deforestation and destruction of nature and environment in the countries where bananas are grown. Unrestricted use of poisonous pesticides has affected both people and the environment. The poor and unsafe conditions for people working in plantations are well known.” (LUSTIG, 2005). Outra reportagem que critica tais companhias refere-se que “nos anos 70 e ' no 80s, as companhias da banana Dole, Del Monte e Chiquita usaram um pesticida carcinogenic, Nemagon, para proteger suas colheitas em Nicarágua. Hoje, os homens e as mulheres que trabalharam naquelas plantações sofrem das doenças incuráveis. Suas crianças são deformadas. As companhias fingem de inocente. (BÉRUBÉ; BENOIT, 2005)

⁹³ apud Santos, 2005

⁹⁴ Para Latour, o fetichismo está em todo lugar onde há uma pessoa, inclusive no laboratório. Usando o que chama de “etnopsiquiatria”, ele busca uma maneira de avaliar o fetichismo guardando o princípio da simetria entre os seres humanos. Avalia que se um índio adorador de totens tem uma crença em algo que ele próprio fez com suas mãos (o totem), essa crença não é totalmente ingênua, pois ele mesmo cortou e esculpiu a madeira que considera santa. O índio simplesmente faz uso desse artifício para sublimar um sentimento que talvez seja temor pelo desconhecido. Dessa forma, haveria algum cinismo entre os “civilizados” ao simplificar as coisas dizendo que o índio adora a madeira, ou um pedaço de pedra, ou qualquer outro objeto. Fiel à simetria, Latour passa então a buscar os totens erguidos pelos “civilizados”, em plenas cidades. Não precisa procurar muito para encontrar. O que causa o fetiche é, em certa medida, a existência de medos (ele chama de “pavores”)

eficiência pelas mídias e que se impregna no âmago dos seres humanos? Como retroceder à privatização cada vez mais contundente de nossos espaços públicos, de nossos meios de vida, de nossas relações? Em 1957, com o advento do lançamento de um satélite, um repórter americano declara “ser o primeiro passo para libertar o homem de sua prisão na terra”. Nesse sentido, Arendt analisa

a banalidade da declaração não deve obscurecer o fato de quão extraordinária ela é, pois embora os cristãos tenham chamado esta terra de ‘vale de lágrimas’ e os filósofos tenham visto o próprio corpo do homem como a prisão da mente e da alma, ninguém na história da humanidade jamais havia concebido a terra como prisão para o corpo dos homens nem demonstrado tanto desejo de ir, literalmente, daqui à Lua [...] A terra é a própria quintessência da condição humana e, ao que sabemos, sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço nem artifício. O mundo – artifício humano – separa a existência do homem de todo o ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos. Recentemente, a ciência vem-se esforçando por tornar ‘artificial’ a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. O mesmo desejo de fugir da prisão terrena manifesta-se na tentativa de criar a vida numa proveta, no desejo de misturar, sobre o microscópio, o plasma seminal congelado de pessoas comprovadamente capazes a fim de produzir seres humanos superiores e ‘alterar(-lhes) o tamanho, a forma e a função’.⁹⁵

O que significa uma educação libertária na atualidade? Analisando as escritas de Arendt, percebemos que liberdade, assim como todas as palavras, tem inúmeros significados e pode servir a desejos que aniquilem uma situação de exploração econômica, política, social,

presentes em todos nós que precisam ser expiados, concentrados num determinado objeto para que se possa ter mais controle sobre eles. Uma forma dissimulada de ordenar o caos. Os objetos santos são, portanto, uma das formas de explicação do mundo, de respostas a dúvidas que ainda nos incomodam. Se é assim, o mundo teoricamente desprovido de fetiches (a nossa moderna civilização) é povoado por tantos pavores quanto o mundo com fetiches. Para explicar-se, Latour recorre até a Karl Marx, que no século XIX já dizia que o fetichismo adere aos produtos do trabalho tão logo eles se apresentem como mercadorias. Ou seja, em tudo que utilizamos depositamos alguma crença [...]O conteúdo subversivo desse raciocínio é tão grande que não podia deixar de contaminar também as relações políticas. O próprio sistema de representação não seria também um fetiche? Latour pergunta se os políticos são fiéis a seus mandatos e constróem uma voz para o eleitorado que este não teria sem eles; ou se eles inventam (como fizeram de outra forma Pasteur com o ácido e o índio com o totem), por meio da manipulação, da propaganda e do conchavo, aquilo que seus representados devem dizer? Aqui Latour cita Pierre Bourdieu: "a violência simbólica do ministro só pode ser exercida com essa espécie de cumplicidade que lhe concedem (...) aqueles sobre os quais se exerce essa violência". Daí a necessidade da construção de sistemas (no caso, o da representação política) para se justificar a ação arbitrária sobre a vida das pessoas. O raciocínio é simples. O fetiche, ou a manipulação de imagens encantadas, interessa na medida em que permite a dominação dos outros. Diz o autor: *O encantamento permite ser astucioso para com o pavor, segundo a fórmula bastante geral: "Se você pode me tomar por um outro qualquer, você tomará talvez este outro por mim" [...]*O *fe(i)tiches* do título é uma tentativa de representar em português a corruptela cometida por Latour no original em francês, em que ele pretendeu unir duas palavras: *fait* (feito, fato) e *fétiche* (fetiche). Uma brincadeira para zombar com a possibilidade de que supostos fatos sejam na verdade fetiches. (SANCHEZ, 2005)

⁹⁵ 2004, p.9-10

bem como pode representar desejos que evidenciam o domínio de vidas para promover liberdade, podendo ainda significar livre-arbítrio na manipulação de vidas na busca de uma “vida superior”. Assim, são numerosos os exemplos aos quais poderíamos nos reportar. É possível um mundo sem exploração e que haja uma relação de equidade? Talvez seja esse o meu desejo de liberdade, o mais implícito no caminhar deste estudo.

Cabe aqui também destacar que os países da América Central e do Sul têm como baldrame o comércio com os EUA e, recentemente, estão tentando negociar parte da produção com a União Européia. Porém, esta impôs uma elevada taxa de importação aos países latinos, o que está acarretando uma longa discussão na Organização Mundial do Comércio. Tudo isso nos impele a nos questionarmos se estamos compondo as calamitosas “repúblicas de bananas”, ou se nunca deixamos de sê-la. Nas palavras de Klein

o novo mundo é o mundo da marca, não o universo do produto. É o mundo do *branding* e não o universo da produção. Às marcas multinacionais deixou de interessar o processo produtivo, que alienam em subempreitadas por esse mundo a fora. O que lhes interessa é a marca, o símbolo envolvente, o estilo de vida que promovem, a alusão a formas de autêntica experiência cultural. Gastam mais na publicidade do que no próprio processo produtivo. Processo que alienam, libertando-se de todas as obrigações sociais a ele inerentes. Elas tendem, por isso, a esquecer e a ocultar as condições em que decorre a produção para se empenharem no processo de promoção do universo simbólico que a marca representa. Enquanto a produção decorre no terceiro mundo, e nas condições de exploração que são conhecidas, a marca afirma-se no primeiro mundo com os lucros que também são conhecidos: «Não obstante todos os discursos retóricos sobre o Mundo-Globalizado-e-Unido, o planeta permanece sempre claramente *id ido* em produtores e consumidores e os enormes lucros obtidos pelas grandes empresas baseiam-se no pressuposto de que estas duas realidades contrapostas permanecem o mais possível separadas entre si»; «é como se a cadeia de produção global fosse baseada no pressuposto de que os trabalhadores do hemisfério Sul e os consumidores do hemisfério Norte nunca conseguissem encontrar um modo para comunicar entre eles»⁹⁶

Ilustrando com a “marca” está chegando a Piau, mais especificamente à bananicultura um produtor relatou,

⁹⁶ Klein apud Santos, 2005

“Tecnologia para mim é sempre buscar melhoria da produção e também de mercado, buscar mudas resistentes a doenças e pragas como: Caipira, Japira, Vitória, Pacovan, Kem, Tropical, Boi Garantido, Boi precioso, Fia 21, por exemplo, eu já tenho 1.500 dessas mudas em teste a Boi Precioso já colhi é uma delícia tem uma massa forte. As outras estão completando dois anos e logo poderei testá-las no mercado.”

Uma senhora que estava ouvindo a entrevista questionou *“Credo! Mas isso é nome de banana? Banana pra mim é oura, prata, nanica, maçã ou da terra.”*

“Essas bananas foram criadas em laboratório”, respondeu o produtor. *“Daqui a pouco já tão criando gente,”* constatou a senhora.

Podemos nos indagar: como ficariam os produtores de banana nessa história? Aquele pequeno produtor acostumado a tomar conta de toda a sua lavoura, que muitas vezes representa a renda de toda a família, a negociar sua produção às prestações com consumidores diversos. Agricultores que muito antes de o sol nascer, praticamente todos os dias da semana, já estão na lavoura ou nas feiras-livres e CEASAs negociando suas mercadorias. E correndo todos os ricos mercadológicos com uma pequena produção em que as margens de lucro são ínfimas, além de ter de lidar com as pragas nas plantações.

Interessante observarmos que as três principais pragas que atingem os bananais em todo o mundo tiveram sua origem no pacífico sul, uma região sem soberania em nome da estratégia mundial, e que, durante alguns anos, abrigou pontos de testes nucleares⁹⁷.

⁹⁷Reflexões iniciadas a partir da leitura do: Tratado de Proibição Total de Ensaios Nucleares; Organização do Tratado de Proibição Total de Ensaios Nucleares; da narrativa “Guadalcanal A Ilha do Terror” e algumas reportagens que destacam as trágicas conseqüências humanas e materiais para o povo da região desses testes.

Primeiramente, o mal-do-panamá⁹⁸, constatado pela primeira vez em 1904 nesse país, o qual se alastrou rapidamente e devastou boa parte das plantações, e a Sigatoka Amarela⁹⁹ e a Sigatoka Negra, as quais foram identificadas num distrito das Ilhas Fiji, chamado Sigatoka, em 1913 e 1963, respectivamente. Por que não nos questionarmos como surgem os fungos? Não poderiam ser conseqüências de tantos testes nucleares na região, no caso da sigatoka negra? Ou melhor, como se justificam as doenças e as maneiras para combatê-las, num discurso mercadológico que vai se formando e fundamentando leis e procedimentos adequados? Tais questões serão melhor aprofundadas no capítulo subsequente.

Esse seria um pequeno panorama das problemáticas que envolvem a produção de bananas e que, certamente, afetam o município de Piau. Atualmente, de acordo com dados levantados em pesquisa de campo, a cidade conta com aproximadamente sessenta produtores, os quais comercializam diretamente seus produtos nas feiras-livres, nos comércios varejistas do município de Juiz de Fora e nas CEASAS de Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Conta ainda com inúmeros produtores que repassam suas mercadorias para terceiros. O comércio de banana tem uma representatividade significativa nesse contexto - o de “banana prata” – que é a principal espécie atacada pela sigatoka negra, vem sofrendo nas duas últimas décadas uma grande variação como podemos perceber no gráfico seguinte.

⁹⁸No Brasil, foi identificado pela primeira vez no ano de 1940, em Piracicaba, São Paulo. Hoje, ocorre em caráter endêmico em todo o território nacional. É também conhecida como fusariose ou murcha de *Fusarium* da bananeira. É causada pelo fungo *Fusarium oxysporum* f. sp. *cubense*. É um fungo que sobrevive no solo por muito tempo, mesmo na ausência do hospedeiro, possui várias raças fisiológicas, sendo as raças 1 e 2 que atacam as bananeiras tipo Prata, Maçã, Figo e Gros Michel, as mais importantes para o País. A principal forma de disseminação da doença é através de mudas infectadas, mas também o patógeno pode ser transportado pelo solo levado pelo homem, animais ou equipamentos e águas pluviais ou de irrigação. O controle químico e práticas culturais até o momento não têm apresentado resultados esperados. Desse modo, a utilização de cultivares resistentes tem sido a melhor estratégia de controle, mesmo assim algumas medidas preventivas devem ser tomadas em razão da variabilidade fisiológica do patógeno. (TRINDADE, 2002)

⁹⁹A sigatoka-amarela, também conhecida como .mal-de-sigatoka , é causada pelo fungo *Mycosphaerella musicola*, que na fase assexuada corresponde ao fungo *Pseudocercospora musae*. Doença descrita pela primeira vez em 1902 (Java), e depois causando prejuízo, em 1913, na Província de Sigatoka, nas Ilhas Fiji, na Ásia, surgindo nas Américas, em 1934, em Trinidad Tobago. No Brasil, surgiu em 1935, na localidade de São Sebastião, no Estado de São Paulo, e na Amazônia, em Belém, em 1945. Hoje, encontra-se disseminada em todas as regiões onde se cultivam bananeiras. É uma das principais doenças da bananeira porque causa o secamento prematuro das folhas, enfraquecendo as plantas e reduzindo a produção em cerca de 50%. A disseminação se dá principalmente pelos propágulos do fungo que são levados pelo vento e chuva. . (TRINDADE, 2002)

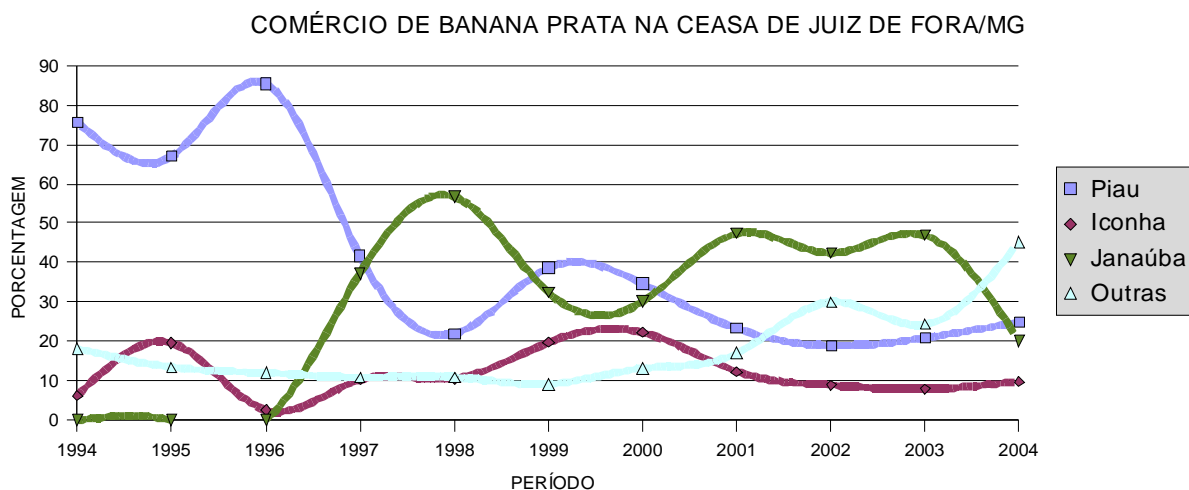


Gráfico1: Fonte dados disponíveis no *site* da CEASA/MG

Analisando o gráfico, constatamos que a cidade de Piau manteve a maioria do mercado de banana prata na unidade da CEASA de Juiz de Fora até 1997. A partir desse ano, podemos verificar que o norte de Minas Gerais obteve uma considerável entrada no mercado de banana prata, consolidando-se na liderança a partir de 2000. É notório também que a liderança, que pertencia ao município de Janaúba até 2003, a partir do ano de 2004, começou a ser dividida com outras cidades do norte de Minas que também passaram a vir negociar parte de sua produção na Zona da Mata, dominando juntas $\frac{1}{4}$ desse mercado.

Analisando no *site* o número de cidades que negociam esse produto, nota-se que, no período de 1986 a 1999, o comércio dessa mercadoria em questão girava em torno de cinco cidades aproximadamente. A partir de então, houve um aumento progressivo do número de cidades envolvidas, passando para vinte e uma em 2004. Não é possível afirmar, mas provavelmente o projeto Jaíba¹⁰⁰ seja responsável por esse projetar da cultura do norte de Minas.

¹⁰⁰Em implantação desde a década dos anos 1970, o Projeto Jaíba conta atualmente com 26 mil 790 hectares irrigáveis, de um total de 100 mil hectares programados. Quando totalmente concluído, o Jaíba será um dos maiores perímetros irrigados do mundo e o maior da América Latina. Atualmente o Jaíba já é o maior produtor de alimentos do Norte de Minas. No ano 2001 a produção chegou a 65 mil 237 toneladas de frutas, de sementes, de olerícolas e de grãos, que movimentaram mais de R\$ 17,7 milhões em receita entre pequenos produtores e empresários. Nos últimos três anos já foram captados mais de R\$ 30 milhões em financiamentos liberados pelo Banco do Nordeste e pelo BDMG. E as perspectivas para um futuro próximo serão mais do que otimistas: a segunda etapa de implantação do Projeto já está em fase bastante adiantada de conclusão, contemplando uma área de mais 30,8 mil hectares. A previsão é de que até 2005 a região consiga captar mais R\$ 224 milhões em investimentos da iniciativa privada; que a produção de alimentos chegue a 321 mil toneladas e movimente R\$ 102 milhões/ano. Num país que vem enfrentando sérias dificuldades de geração de empregos, o Jaíba tem se apresentado como uma das melhores opções de investimentos tanto por parte dos poderes públicos estadual e federal, bem como da iniciativa

Tendo como ponto de partida esses dados, podemos inferir que, de um modo bem peculiar, a banana “natural” de Piau já vinha perdendo espaço para a banana “geneticamente modificada” de Janaúba. Muitas das vezes essa até vem suprir a demanda de atravessadores bananeiros de Piau. Evidentemente a pressão mercadológica agressiva, traduzida por exigências de adequações num ritmo frenético imposta pelo sistema, prejudicou o pequeno produtor piauiense. Nesse contexto, podemos acreditar que as pragas que vêm atacando os cultivares de bananas agregam-se a um ciclo de abespinhamento, primeiro contra o pequeno produtor e, depois, contra a própria banana, que só vê luz de sobrevivência, “se não for mais banana”. Ou seja, a modificação genética¹⁰¹ dessa planta vem sendo apontada por muitos cientistas como única maneira de manter sua existência no planeta. Ironicamente, existir já não passa mais por uma questão de essência. Analogamente seria como nós, humanos, que ansiamos por sermos máquinas, perfeitas, imortais, abdicando de nossa humanidade. Como analisa Arendt¹⁰²

o homem do futuro, que segundo os cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra existência humana tal como nos foi dada – um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando) que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo. Não há razão para duvidar de que sejamos capazes de realizar esta troca, tal como não há motivo para nossa atual capacidade de destruir toda a vida orgânica da terra. A questão é apenas se desejamos usar nessa direção nosso conhecimento científico e técnico – e esta questão não pode ser resolvida por meios científicos: é uma questão política de primeira grandeza, e portanto não deve ser decidida por cientistas profissionais nem por políticos profissionais.¹⁰³

privada. Com a expansão das áreas irrigadas, até 2005 o perímetro do Jaíba deverá gerar 48 mil novos postos de trabalho, contra os atuais 12,2 mil. (PROJETO JAÍBA, 2005). Contudo, a revista ISTOÉ na sua edição 1229, de 21/04/1993, intitulada Grandes Negócios que quebraram o Brasil, roteiros inacabados do Faraó Enerto Geisel, viajou pelo Brasil para verificar como estavam alguns desses delírios que fizeram a alegria de fabricantes e bancos estrangeiros, encheram bolsos de funcionários do governo e aumentaram tremendamente a dívida externa, criticando o Projeto Jaíba. Todavia, analisando rapidamente os dados disponíveis no *site* do projeto, não foi possível identificar quanto desse projeto está nas mãos de grandes empresários e nas mãos de pequenos agricultores assentados (entendo que mereça atenção essa lacuna)

¹⁰¹ Não sendo possível discutir mais profundamente no corpo desse trabalho as modificações genéticas, no anexo, transcrevo uma cartilha da Fundação Terras de Direitos que versa a respeito desse assunto e trás informações e reflexões essenciais para essa discussão.

¹⁰² 2004, p.11

¹⁰³ 2004, p.11

Assim, reportando-nos a este estudo, poderíamos enfatizar que a banana do futuro, criada pelas mãos dos homens e mulheres, já é uma realidade. No entanto, não podemos deixar que nos tirem o direito de questionar, de não sentir necessidade de tal mudança, de não aceitar que os rumos de nossas mais peculiares necessidades vitais sejam decididos em laboratórios ou nos gabinetes de políticos e empresários, a partir de concepções pautadas na eugenia e camufladas por discursos tecnológicos.

O domínio de tecnologia de ponta não está, geralmente, na alçada de um pequeno produtor. Infelizmente o apoio que o governo disponibiliza ainda não é abrangente e eficaz o suficiente para reverter tal quadro. Certamente, o pequeno agricultor, diante de tais circunstâncias, vê-se com poucas alternativas: buscar outra atividade; sujeitar-se a produzir para uma grande empresa, ou grande produtor, o que traz sérias conseqüências; ou resistir, leia-se, manter-se à margem. Normalmente, o que se vê é o sistema engolindo os pequenos, que são obrigados a reinventar a própria sorte e construir um caminho ainda não pensado. Há, no entanto, alguns que conseguem ultrapassar o “gargalo do funil”, adaptando-se precariamente às regras ditadas. As alternativas apresentadas ou as advindas de uma mente criativa não terão que ser apresentadas e aprovadas pelo mesmo mercado que lhe causou tal problema?

A cultura orgânica vem gradativamente ganhando destaque no cenário e sendo apontada por muitos especialistas como solução para se produzir alimentos mais saudáveis, com técnicas eficazes e com impactos mínimos ao meio ambiente. No entanto, a cultura orgânica que, em termos, realmente produz alimentos mais saudáveis e sustentáveis, também é devorada pelo sistema. Embora orgânico não signifique livre de transgênico. Como podemos ver no exemplo da produção orgânica de banana, já se criou uma extensa rede, possuidora de um intrincado labirinto para se alcançar onerosos certificados. No município de Piau, um produtor que está buscando a certificação relatou que para obtenção desses

“selos”, teve despesas elevadas. Além desse investimento inicial, a manutenção da certificação orgânica exige taxas trimestrais, sendo calcada num aparato técnico que tem seu preço.

O processo curioso que está ocorrendo com essa fruta refrata bem o que ocorre em nossa sociedade como um todo, quanto à pressão do sistema por adequação e eliminação dos que não lhe são mais úteis, como no caso, o pequeno produtor. Ou seja, o fluxo em alta velocidade é a máxima desse sistema, como descreve Pelbart¹⁰⁴ ao enfatizar que

O Império se nomadizou completamente. Ou melhor, ele é a resposta política e jurídica a nomadização generalizada. Ele mesmo depende da circulação de fluxos de toda ordem a alta velocidade, fluxos de capital, de informação, de imagem, de bens, mesmo e sobretudo de pessoas. Claro que nem tudo circula da mesma maneira por toda parte, e nem todos extraem dessa circulação os mesmos benefícios. O novo capitalismo em rede, que enaltece as conexões, a movência, a fluidez, produz novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias, e sobretudo uma nova angústia - a do desligamento. O que Castel chamou de desfiliação, e Rifkin de desconexão. Ser ameaçado de desconexão, de desengate - sabemos que a maioria se encontra nessa condição, de desplugamento efetivo da rede. O problema se agrava quando o direito de acesso às redes, como o diz Rifkin (e agora trata-se não só da rede no sentido estrito, tecnológico e informático, mas das redes de vida num sentido amplo) migra do âmbito social para o âmbito comercial. Em outras palavras: se antes a pertinência às redes de sentido e de existência, aos modos de vida e aos territórios subjetivos dependia de critérios intrínsecos tais como tradições, direitos de passagem, relações de comunidade e trabalho, religião, sexo, cada vez mais esse acesso é mediado por pedágios comerciais, impagáveis para uma grande maioria. O que se vê então é uma expropriação das redes de vida da maioria da população, através de mecanismos cuja inventividade e perversão parecem ilimitadas.

E o produtor com toda a sua tradicionalidade? Quais seriam os requisitos para se *plugar* na rede ou para se manter conectado? Há o que ele possa passar para os seus filhos além de pampa pobre com a função de cultivar raízes?¹⁰⁵ Mas o que é esse sistema? Será que

¹⁰⁴ 2005

¹⁰⁵ Alusão à música Herdeiro da Pampa Pobre composição de Gaúcho da Fronteira / Vaine Darde. Disponível em <http://www.geocities.com/blumenal/engenheiros.html>.

há meios de a ele resistir? De modificá-lo? Se nos basearmos em Bourdier,¹⁰⁶ “toda regra simultaneamente produz sua própria subversão”, o poder supõe resistir. Mas por que não ignorarmos a regra? A própria subversão não seria sustentáculo e reconhecimento da mesma? Certamente ser ignorante na atual circunstância de pressão mercadológica não é algo tão pejorativo a meu ver. Será que desde que criamos o “amor à sabedoria” nos aprisionamos a único saber?

A fala de uma moradora da cidade, com 58 anos, esposa de um agricultor e também conhecedora da arte de cultivar, trouxe-me uma reflexão interessante de que “às vezes as pessoas desrespeitam as regras por desconhecimento. Alguns poucos criam as regras e a maioria desconhece.” Quão a complexidade dessa fala em relação a nossa maneira de lidar com a subversidade! Por que não nos questionamos acerca do que há além da resistência?

Não poderíamos desconhecer o sistema? Lembrando Amorim,¹⁰⁷ “por um acaso perverso da história, muitas das reivindicações libertárias dos anos sessenta/setenta foram assimiladas pelo capitalismo (...) o libertário virou liberal e foi assim assimilado pela mídia e os governantes”. Essa constatação nos mostra a perfeição desse sistema que exclui muitos e que, por ironia, costuma fazer de seus algozes também vítimas.

Ignorar o sistema poderia significar deixar de consumir. No entanto, o que significaria o “deixar de consumir” num mundo em que as mais tênues necessidades estão ficando nas mãos de grandes corporações multinacionais? Certamente, significaria um atentado contra a própria vida. Porém, é a própria vida que pode lutar pela sobrevivência. A vida aprisionada vive em suas subjetivações.

Analisando a situação a que fomos reduzidos, tendo nossas vidas subvertidas às mais moldares avarias capitalistas, Pelbart¹⁰⁸ nos chama a atenção, enfatizando que

¹⁰⁶ apud Hansen, 2000, p.35

¹⁰⁷ 2003, p. 24

¹⁰⁸ 2005

não deveríamos deixar-nos embalar por um determinismo tão apocalíptico quanto complacente. Parafraseando Benjamin, seria preciso escovar esse presente a contrapelo, e examinar as novas possibilidades de reversão vital que se anunciam nesse contexto. Pois nada do que foi evocado acima pode ser imposto unilateralmente de cima para baixo, já que essa subjetividade vampirizada, essas redes de sentido expropriadas, esses territórios de existência comercializados, essas formas de vida visadas não constituem uma massa inerte e passiva à mercê do capital, mas um conjunto vivo de estratégias. A partir daí, seria preciso perguntar-se de que maneira, no interior dessa mega-máquina de produção de subjetividade, surgem novas modalidades de se agregar, de trabalhar, de criar sentido, de inventar dispositivos de valorização e de autovalorização. Num capitalismo conexcionista, que funciona na base de projetos em rede, como se viabilizam outras redes que não as comandadas pelo capital, redes autônomas, que eventualmente cruzam, se descolam, inpletam ou rivalizam com as redes dominantes?

A beleza da vida, certamente, está na própria vida e não nos apetrechos que dizemos e inventamos com o seu nome, como se fosse vida. Vida esta que, de maneiras infinitas e incessantes, busca sobrevivência calcada numa luta que não dá para ser explicada em pedaços, tampouco entendida nas partes. É o todo que compõe cada ser humano, que o faz entender e compreender o mundo e o outro que o completam. Poderíamos lembrar Nietzsche,¹⁰⁹ quando destaca o *amor fati* como 'o fato de que não queremos ter nada diferentemente, não para frente, não para trás, não em toda a eternidade. Não apenas suportar o que é necessário, menos ainda ocultá-lo [...] mas amá-lo.'

Certamente a reinvenção acontece em cada ser que está sempre ligado ao mundo e aos outros que o cercam. Portanto, estão desplugando-se, estão desconectando-se de um mundo mediado pelo capital, mas não de todos os mundos. Como diria Pelbart¹¹⁰,

que possibilidades restam, nessa conjunção de plugagem global e exclusão maciça, de produzir territórios existenciais alternativos àqueles ofertados ou mediados pelo capital? De que recursos dispõe uma pessoa ou um coletivo para afirmar um modo próprio de ocupar o espaço doméstico, de cadenciar o tempo comunitário, de mobilizar a memória coletiva, de produzir bens e conhecimento e fazê-los circular, de transitar por esferas consideradas invisíveis, de reinventar a corporeidade, de gerir a vizinhança e a solidariedade, de cuidar da infância ou da velhice, de lidar com o prazer ou a dor?

¹⁰⁹ apud Christoph, 2001, p.129

¹¹⁰ 2005

Provavelmente, no próprio questionar, Pelbart já faz alguns apontamentos de possibilidades, talvez não tenhamos aprendido a fazer do questionar uma maneira de existir. Ou tenhamos medo de viver em suspensão? A estabilidade da certeza é difícil de ser deixada pela tragicidade da dúvida. No entanto, como diria Nietzsche,¹¹¹ “a essa tragicidade original da vida, corresponde uma reação, um refluxo, em nome da afirmação da vida: a arte, a criação do belo a partir do trágico”. Criar é um ato também de dor, embebido por uma intensa crise que nos consome as veias e as artérias, mas que nos dá vida, faz-no viver e talvez por isso nos inflame.

O que nos leva a essa imobilidade diante do tempo e do espaço? Imobilidade que nos faz negar a vida. É o ato de criar cada vez mais distante de nossa existência? Consumimos muito e criamos pouco. Seria a radicalidade que nos falta, ou a virtualidade a que nos habituamos que nos levou longe demais, numa vida que, como destaca Pelbart, nos impõe as perguntas mais radicais a respeito de que

possibilidades restam de criar laço, de tecer um território existencial e subjetivo na contramão da serialização e das reterritorializações propostas a cada minuto pela economia material e imaterial atual? Como reverter o jogo entre a valorização crescente dos ativos intangíveis tais como inteligência, criatividade, afetividade, e a manipulação crescente e violenta da esfera subjetiva? Como detectar modos de subjetivação emergentes, focos de enunciação coletiva, territórios existenciais, inteligências grupais que escapam aos parâmetros consensuais, às capturas do capital e que não ganharam ainda suficiente visibilidade no repertório de nossas cidades?¹¹²

Nessa intensa experiência de pesquisa, não posso deixar de me questionar a respeito do que é ser cientista no mundo atual. Essa pergunta me encalça e volta e meia se desdobra em centenas. Qual a contribuição que um cientista social pode trazer para a sociedade tão desigual? Que mudanças pode um cientista provocar no modo de pensar que não submeta tanto a vida ao capital? Ainda há possibilidades de a ciência constituir mudanças que revolucionem o mundo rumo à biodiversidade imbricando a pluralidade? Ante tantas

¹¹¹ apud Christoph, 2001, p.49

¹¹² Pelbart, 2005

indagações a nossa atual realidade, fazendo minhas as palavras de Arendt,¹¹³ proponho, no próximo capítulo, algo muito simples apenas refletir sobre o que estamos fazendo.

¹¹³ 2004

7 EDUCAÇÃO DO RISCO NUMA SOCIEDADE DE RISCOS

A retórica do risco pode servir de veículo para reforçar conteúdos morais e conservadores

LUPTON

O conceito de risco é polissêmico e tem sido utilizado pelas mais diversas áreas das ciências e do cotidiano. Vale destacar que é uma palavra da modernidade, em que a fortuna foi substituída pela racionalidade humana. O que tomamos por referência neste estudo foi o trabalho de Chevitarese e Pedro¹¹⁴ que problematiza o conceito sociedade do risco, de Ulrich Beck, que aponta

no sentido de uma teoria social e de um diagnóstico de cultura, o conceito de sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que começam a tomar corpo as ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial.¹¹⁵

Lembrando Vattimo¹¹⁶, “tomamos consciência da ausência de fundamento, mas não nos libertamos do luto da perda que vivemos e a nostalgia do ser pleno continua a nos dominar”. Dessa maneira, é compreensível a idéia de quereremos dar conta dos riscos que criamos em nossa sociedade, pois talvez seja uma maneira de dizermos que somos superiores ao caos universal.

As possibilidades de extinção de algumas espécies de banana; as modificações genéticas que apontam opiniões diversas e contraditórias a respeito de suas possibilidades; os híbridos agrícolas que trazem polêmicas em relação as suas propriedades intelectuais e que sujeitam a alimentação a grandes corporações, não sendo mais possível o cultivo por mudas ou sementes nativas, são conjunturas que podem nos remeter à “sociedade do risco” descrita por Beck. No entanto, a retórica do risco tem aparecido, como podemos perceber nas notícias

¹¹⁴ 2005

¹¹⁵ Beck, apud Chevitarese e Pedro, 2005, p.01

¹¹⁶ apud Pecoraro, 2004, §3

que serão analisadas nesse capítulo, mais como um forte apelo à ênfase mercadológica do cultivar dessa fruta, do que propriamente a um questionamento das prerrogativas capitalistas as quais embrenharam essa cultura milenar num círculo de estrangulamento.

Nesse sentido, analisamos neste tópico como os riscos geralmente são apreciados em nossa sociedade, sempre em seu potencial negativista, colocados para “educar” a humanidade a viver no medo e na possibilidade de que algo terrível poderá a vir acontecer, se não abrir mão de seus desejos em nome de um bem maior, o social, traduzido nesse contexto pelo controle social de riscos. Nas palavras de Chevitarese e Pedro¹¹⁷, “os sujeitos têm autonomia para ‘abdicar’ do prazer que certas condutas poderiam proporcionar, inserindo-as no cálculo racional dos riscos”. Como enfatiza Beck¹¹⁸, a autonomia e a liberdade dadas como máximas da modernidade são desapropriadas em nome de um bem maior.

Analisando as proposições acima, correlacionando-as ao que vem ocorrendo com a bananicultura, podemos inferir que desespero e embaraços parecem ser as ações mais descritas pelos produtores diante das previsões catastróficas nos últimos anos em relação à produção e comercialização de bananas frente à Sigatoka Negra.

Algumas notícias divulgadas na mídia nacional e internacional podem servir como exemplo à questão. São tantas informações e notícias alardiosas que, em geral, os produtores deixam de acreditar em seus próprios olhos e perdem as rédeas de seu negócio em nome de um futuro. Situação bem drástica que fez produtores ansiarem e imaginarem como poderiam dar conta de aplicações de fungicidas gigantescas e custosas em suas plantações, replantarem todos os bananais com mudas geneticamente modificadas, trocar todas suas embalagens de caixas de madeiras pelas de plásticos, pagar um alto valor por essa troca, vendo, assim, suas despesas aumentadas.

¹¹⁷ 2005, p.16

¹¹⁸ apud Chevitarese e Pedro, 2005

No relato de um produtor *“antigamente levava as bananas no caminhão, elas eram contadas uma a uma, depois veio os pregados que cabiam 30kg, de 87 pra cá proibiram de entrar com pregado na câmara e aí começou a usar a caixinha de madeira de 20kg e agora a caixinha tá sendo superada pela caixa de plástico, é um negócio complicado porque se usa a caixa de plástico quebra, se exigir o preço da caixa de plástico que é R\$ 12,00, passa a vender uns 70% menos, a caixa de madeira é R\$ 0,70 e vai junto com a mercadoria.”* Outro produtor completou *“o grande vai comer tudo, uns passa e outros não passa, não tem jeito, eu acho que isso vai ser o fim dos vendedor pequeno.”* Dando continuidade, acrescentou *“é realmente complicado, tem mercado grande que só aceita caixa plástica o pessoal fica trocando lá no Ceasa, a banana ainda tá entrando em alguns lugar na caixa de madeira”*.

Esse diálogo dos dois produtores me fez refletir a respeito da embalagem, cheguei a compará-la com as roupas que usamos, parece estranho, mas, assim como há pessoas que são excluídas por suas roupas, também há produtos que se diferem dos demais não pela “qualidade”, mas pela embalagem. Esse valor atribuído à embalagem faz com que ela se constitua como uma maneira sutil e extremamente eficaz de segregação. A marca tem que ser bem embalada. Lembrei-me, de algumas senhoras de Piau que fazem doces caseiros. Quando começam a lhes exigir as embalagens, não conseguem continuar. Logo chegam as redes de supermercado oferecendo-lhes as embalagens e uma marca, ficando às senhoras apenas com o trabalho, enquanto o cultivo de marca e embalagem ficam por conta de uma grande rede. A exigência de uma etiquetinha com as informações nutricionais já é suficiente para retirar muita gente do mercado. Atrás dessa etiquetinha, entretanto, há uma enorme rede corporativa de profissionais e de empresários. Assim, um selinho de qualidade é o suficiente para elitizar. Todavia, não podemos deixar de mencionar que é também pela embalagem que compramos os similares, compras que muitas vezes somos induzidos a fazer sem conhecer, como é o caso

do leite: conheço pessoas que compravam “bebida láctea” pensando que estivesse comprando leite. Nas palavras de Garcia¹¹⁹

A ciência e a tecnologia são, desde o século XIX, esferas cada vez mais entrosadas, institucionalizadas e organizadas socialmente e, a partir do século XX, tornaram-se largamente industrializadas e empresarializadas. Um grande número de laboratórios foram-se transformando em empresas ou passaram a trabalhar como empresas. E a indústria passou a ser uma realidade quase completamente científicizada e tecnificada. O próprio estatuto dos cientistas alterou-se profundamente, tornando-se em produtores assalariados sujeitos freqüentemente ao producionismo fordista. Por sua vez, a indústria, a ciência e a tecnologia têm estabelecido sólidos e permanentes vínculos de carácter transnacional, por vezes também com o apoio dos Estados nacionais onde estão integradas. A análise das relações entre ciência, tecnologia, forças de mercado e política, que estiveram sob a invisibilidade de noções científicas difusas, não podem mais ser evitadas.

Interessante observarmos que, desde o surgimento da Sigatoka Negra em 1963, passaram-se praticamente três décadas de silêncio na mídia local e nos órgãos técnicos de apoio ao agricultor. A partir da publicação do alastramento, nos últimos anos, da doença pelo país, mais precisamente na região sudeste e sul, iniciou-se uma divulgação intensa nos diversos meios de comunicação voltados para o setor e os órgãos do governo começaram a se manifestar. A intensidade de tal divulgação fez o desespero se alastrar como rastilho de pólvora entre as pessoas que estavam direta ou indiretamente envolvidas com a produção e comercialização de bananas, chegando também a atingir alguns consumidores mais atentos a tais noticiários, como podemos observar nos trechos destacados abaixo.

MEDO DE DOENÇA - BANANAS ENCALHAM NA CEASA Embora não haja qualquer registro da doença no Estado, e ela não afete a saúde humana... (Data da edição 03/08/04 fonte: Superavit) (minha ênfase)¹²⁰

Obviamente notícias não são neutras, tem todo um aparato de interesses por trás de cada notícia que um veículo de comunicação anuncia. Na fala de um produtor podemos

¹¹⁹ 2003, p.2

¹²⁰ Toda Fruta, 2005

perceber como esse medo foi sendo introduzido em Piau, quando diz que “*o IMA deu o alerta e todo mundo parou de investir na produção tem uns dois anos.*” O “medo” é a palavra premaziada numa educação para os riscos. Com enfatiza Beck,

Quem olhar o mundo como um **risco** de terror, torna-se incapaz de agir. É esta a primeira armadilha armada pelos terroristas. A segunda: a manipulação política da percepção do **risco** de terrorismo desencadeia a necessidade de segurança, que suprime a liberdade e a democracia. Justamente as coisas que constituem a superioridade da modernidade. Se nos confrontarmos com a escolha entre liberdade e sobrevivência será já demasiado tarde, pois a maioria das pessoas escolherá situar-se contra a liberdade. O maior perigo, por isso, não é o **risco**, mas a **percepção do risco**, que liberta fantasias de perigo e antídotos para elas, roubando dessa maneira à sociedade moderna a sua liberdade de ação¹²¹

Assim, inferimos, a partir de algumas palavras destacadas nas notícias analisadas no decorrer desse capítulo, a subjetividade sendo “moldada” enfatizando o risco. São proposições lançadas no intuito de problematizar e refletir a respeito de um mundo plural em que, como destaca Arendt,¹²² “a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.”

Existência calcada, cada vez de forma mais incisiva, no uso de tecnologias de um conhecimento laboratorial. Lembrando Monteiro,¹²³

Os debates teóricos em torno da construção social de saberes científicos tomam então uma outra dimensão. Não se trata somente de um debate filosófico, que determina que a “verdade” dos enunciados científicos é relativa e “socialmente construída” no interior de práticas sociais. A compreensão dessa dimensão da práxis social é fundamental para se compreender como partes importantes do nosso futuro estão sendo efetivamente construídas em laboratório. Especialmente, no que diz respeito aos nossos corpos, os avanços tecnológicos da engenharia genética prometem um controle social da natureza nunca antes imaginado. O apagamento da separação entre conceito e prática se mostra cada vez mais real e coloca, ao pensador social, o desafio de compreender suas conseqüências.

¹²¹ Beck, apud Chevitare & Pedro, 2005, p.4.(grifo do autor)

¹²² Arendt, 2004, p. 16

¹²³ 2006

Analisar algumas palavras observadas como forma de “ditar” um modo de vida consumista, aos produtores de banana, é a principal orientação deste capítulo. A “variedade” é uma palavra que parece agradar bem ao mercado consumidor, possibilitando aquela famosa frase “eu tenho direito de escolher o que é melhor para mim”. Um mercado frio e asséptico¹²⁴, baseado nas imunizações, é também demasiadamente explorado. Como destaca Ortega¹²⁵, “nesse processo está a compreensão do *self* como um projeto reflexivo [...] processo de taxaço contínua de informação”, algo que na agricultura poderíamos traduzir por acompanhar a moda, qual podemos observar na reportagem abaixo

BANANA IMUNIZADA Embrapa lança novas variedades de banana, resistentes à sigatoka negra... (Data da edição 01/09/04 fonte: Globo Rural)¹²⁶ (minha ênfase)

Situação que também nos remete às inferências de Chevitarese e Pedro a respeito de

uma subjetividade articulada por uma dinâmica do poder, em que o sujeito adquire autonomia e competência para cuidar de si – prática através da qual constitui-se como sujeito. Haveria um investimento biopolítico na construção deste sujeito, uma subjetividade autônoma e responsável pelos resultados de sua “gestão”.(...) Abre-se, a partir daí, todo um campo de controle e captura. Por um lado, pela esfera do consumo – com o oferecimento de estilos cada vez mais diferenciados com os quais o sujeito pode se identificar – **cuja base é a liberdade de colonização do futuro: você pode ser o que quiser, pode se compor como quiser.**¹²⁷

A “colonização do futuro” é uma busca constante em nossa sociedade e, pautada nesse objetivo, embrenhamo-nos no desenvolvimento da natureza do domínio¹²⁸ e de compra

¹²⁴ Machado, 2004

¹²⁵ apud Chevitarese e Pedro, 2005, p.14

¹²⁶ Toda Fruta, 2005

¹²⁷ Chevitarese & Pedro, 2005 p.14-15 (minha ênfase)

¹²⁸ Aqui vale uma reflexão etimológica **1. Etimología Y Usos Del Concepto De "Cultura"** La palabra *cultura* proviene de la palabra *cultūra*, Latín (L), cuya última palabra trazable es *colere*, L. *Colere* tenía una amplio rango de significados: habitar, cultivar, proteger, honrar con adoración. Eventualmente, algunos de estos significados se separaron, aunque sobreponiéndose ocasionalmente en los sustantivos derivados. Así, *'habitar'* se convirtió en *colonus*, L. de *colonia*. *'Honrar con adoración'* se desarrolló en *cultus*, L. de *culto*. *Cultura* tomó el significado principal de *cultivo o tendencia a* (cultivarse), aunque con el significado subsidiario medieval de honor y adoración. Por ejemplo, en inglés cultura como *'adoración'* en Caxton (1483) -La forma francesa de *cultura* fue *couture*- francés antiguo- la que se ha desarrollado en su propio significado especializado y más tarde *culture*, la que para el siglo XV temprano pasó al inglés. Por lo tanto, el significado primario fue labranza: *la tendencia al crecimiento natural*. En castellano la palabra cultura estuvo largamente asociada a las labores de la labranza de la tierra, significando *cultivo* (1515); por extensión, cuando se reconocía que una persona sabía mucho se decía que era

de uma identidade. Dessa forma, observamos que é notório também na notícia não só a predileção pela “variedade” como pela configuração de “sistemas peritos” que

de acordo com as formulações de Beck (1992), a relação do indivíduo com o risco é mediada pela confiança no conhecimento de especialistas, o que segue de perto a tese de Anthony Giddens (1991), segundo a qual, numa sociedade em que a idéia de Deus é substituída pela de acaso, compete aos sistemas peritos – ou sistemas abstratos – o controle do risco.¹²⁹

Confiando nas palavras desses “sistemas peritos”, os produtores começaram a realizar ações muitas vezes intuídas pelo desespero, pensando num futuro que estava por chegar, certamente fazendo exatamente o que o “mercado” ansiava.

NORTE DE MINAS DESTRÓI BANANAIS Destruição de bananais abandonados para evitar a chegada à região da sigatoka negra... (Data da edição 08/09/04 fonte: Superavit)¹³⁰

Nas falas de um produtor de banana *“tem muitas pessoas que não conforma de jeito nenhum de tê sigatoka negra, mais tem. Tem gente que fala que não tem não. Mas isso aí pra quem assiste as palestra deles aí, claro que tem. A sigatoka negra que tá aí, umas parte aí fracassô bastante. Tá saíno muita banana do Piau porque tem muito bananal plantado memo. No Amazonas, Acre, Rondônia, Mato Grosso, Matro Grosso do Sul, arrasô. A nossa região aqui a sigatoka negra não vai acabá com ela de uma vez, é diferente o clima, né!”*

Analisando a fala do produtor, podemos observar que Piau se dividiu entre alguns que acreditaram piamente nas palavras dos sistemas peritos e aqueles que não aceitavam tais insinuações, uma vez que não percebiam mudanças nos bananais. Nesse sentido, podemos

"cultivada". Según una fuente², es solo en el siglo XX que el idioma castellano comenzó a usar la palabra **cultura** con el sentido que a nosotros nos preocupa y habría sido tomada del alemán **kulturell**. Si bien es posible pensar que nuestra preocupación por conocer el concepto "cultura" desde las ciencias sociales proviene más bien de la fuerte influencia que el saber norteamericano ha tenido sobre nuestra propia cultura hacia las décadas de los 50 y 60. En resumen: "*Honrar con adoración*" se convirtió en **culto** (hacer crecer la fe interior, lo que brota del alma) *Habitar un lugar*" se convirtió en **colono** (el surgir de la gente en un lugar no habitado antes) "*cultivar la tierra*" se convirtió en **cultivar** (hacer brotar al reino vegetal, como en "agricultura", agrícola, etc.) mientras que, "*lo que brota del ser humano*" se convirtió en **cultura**. (MILLÁN, 2000)

¹²⁹ Chevitarese & Pedro, p.5-6.

¹³⁰ Toda Fruta, 2005

lembrar Chevitarese & Pedro, quando destacam que esse é “um controle que se exerce não pela coerção, mas por uma ‘mobilização voluntária’ cujas estratégias se valem do mesmo instrumento que fundamenta a capacidade reflexiva, ou seja, a **informação**¹³¹”. Assim, podemos inferir que o produtor que não acredita nas palavras dos técnicos é, no mínimo, tachado de desinformado. Larrosa faz uma análise muito interessante,

a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti-experiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de "sabedoria", mas no sentido de "estar informado") o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado.¹³²

Tal informação em nossa sociedade, já virou sinônimo de cara mercadoria. Isso tem a ver com o ocultamento das relações de produção, circulação e validação da informação no seu mero “uso”, ou, melhor, consumo, como destaca Cullen¹³³, “isso leva, no fundo, a um verdadeiro ‘fetichismo da mercadoria’, não como atributo meramente do trabalho como valor de troca, mas também do conhecimento como valor de troca, justamente confundido com a mera informação.”

SIGATOKA ELEVA PREÇO DA BANANA EM 60% Ocorrência da doença Sigatoka negra nos bananais do Estado... (Data da edição 10/09/04 fonte: Correio do Estado) (minha ênfase)

NOVA EMBALAGEM PARA A BANANA A Chiquita Brands International acertou a compra de novas embalagens da Lander Corp para as suas bananas, que, segundo a Chiquita, aumentarão a vida de prateleira da

¹³¹Seguindo Deleuze, pode-se dizer que a informação substitui a disciplina como modo próprio do poder e, ao circular livremente – afinal, nossa sociedade é mediada pela informação – faz circular “palavras de ordem”, modela de forma contínua os corpos e a vida. Há uma íntima relação entre capitalismo de consumo, tecnologia e controle – expressa na afirmação deleuziana de que “o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (DELEUZE, 1992, p.224 apud CHEVITARESE & PEDRO, p.16, nota no original).

¹³² Larrosa, 2001

¹³³ 2005, p.9

fruta.As ações da Landec subiram 34%. A Landec venderá 500 mil de suas ações para a Chiquita, sediada em Cincinnati, como parte do negócio, disseram as companhias. A Chiquita iniciará os embarques de bananas com a nova embalagem no início do próximo ano. A maior produtora de bananas do mundo poderá para impedir que a suas frutas se estragues.(Data da edição 13/09/04 fonte: Gazeta Mercantil) (minha ênfase)

RUMORES SOBRE SIGATOKA AFETAM VENDA DE BANANAS

Doença que atinge bananeira não ataca o ser humano...(Data da edição 13/09/04 fonte: Cruzeiro do Sul) (minha ênfase)

RS RECEBE MUDAS RESISTENTES À SIGATOKA NEGRA

Chegam nos próximos dias ao Litoral Norte gaúcho três mil mudas resistentes à sigatoka negra, desenvolvidas pela Embrapa...(Data da edição 17/12/04 fonte: Correio do Povo)¹³⁴ (minha ênfase)

É notório, na seqüência de itens destacados nas notícias acima, “a razão elemento ordenador, que pode produzir confiança e eliminar ou minimizar os riscos,”¹³⁵ afinal é isso que movimenta o mercado. Nesse momento, é salutar questionarmos essa razão produtora de riscos, criando uma idealização de produtos e, conseqüentemente, um descarte cada vez mais contundente, prometendo revoluções e alternativas baseadas em similares.

ÍNDICE DE PERDA ATÉ CONSUMO FINAL CHEGA A 60%

Ou seja, de cada 10 bananas, somente quatro vão parar na mesa do consumidor. As outras seis são descartadas por não atingirem a qualidade ideal para consumo...(Data da edição 04/01/05 fonte: Matéria Primma Ass. de Comunicação) (minha ênfase)

INJEÇÃO DE FUNGICIDA É NOVIDADE Uma nova técnica, em fase experimental, pode revolucionar o tratamento da sigatoka negra para pequenos e médios produtores... (Data da edição 16/02/05 fonte: Estadão) (minha ênfase)

BANANA: VANTAGENS DA TROPICAL Tolerante ao mal-do-Panamá e resistente à sigatoka amarela, doenças fúngicas que causam grandes prejuízos aos cultivos de banana-maçã, a variedade denominada tropical, desenvolvida pela Embrapa Mandioca e Fruticultura de Cruz das Almas (BA) foi apresentada em Goiás na sede da Embrapa Arroz e Feijão, na semana passada, em dia de campo sobre a cultura da bananeira. O material representa uma alternativa para os fruticultores ofertarem em quantidade e com regularidade um fruto similar ao produto original, que tem grande aceitação entre os consumidores...(Data da edição 09/05/05 fonte: O Popular)¹³⁶ (minha ênfase)

¹³⁴ Toda Fruta, 2005

¹³⁵ Chevitarese e Pedro, 2005, P.7

¹³⁶ Toda Fruta, 2005

Como podemos perceber, as notícias foram se alterando entre desespero (criação de desespero) e soluções, diga-se venda pelos sistemas peritos de soluções. E, de repente, viu-se um grande mercado de mudas, embalagens, fungicidas surgindo em meio a tanto desânimo, agindo como um fortalecedor para os que podiam comprar e como fonte de mais angústia para aqueles que não podiam, ou seja, sabiam que não conseguiriam sobreviver com tamanho custo de produção. Principalmente num mercado calcado na “garantia” e “qualidade”, palavras que parecem demarcar bem a sensibilidade articulada pela retórica do risco, “prevenir é antes de tudo vigiar,”¹³⁷ como é possível observar na notícia abaixo.

PRODUTOR DE BANANA DE SC BUSCA QUALIDADE Técnicos da Cidasc e da Epagri vão realizar mutirão para o cadastramento das casas de embalagens de banana, rastreamento da produção e a fiscalização dos procedimentos sanitários a serem adotados pelos produtores. As ações fitossanitárias foram definidas ontem pelo secretário de Estado de Agricultura e Desenvolvimento Rural, Moacir Sopelsa para assegurar a comercialização interna e a exportação para a Argentina. Hoje o Estado precisa comercializar 72% da produção, já que o mercado interno consome apenas 28% do total, informou o presidente da Federação das Associações de Produtores de Banana de Santa Catarina (Febanana), Jaime Mittelmann. São produzidas 620 mil toneladas do produto, por ano. O desafio, declarou o secretário Sopelsa, é tornar rentável a atividade que é responsável pela manutenção de 5 mil famílias catarinenses. Para isso, é necessário garantir a qualidade do produto. (Data da edição 12/05/05 fonte: Diário Catarinense)¹³⁸ (minha ênfase)

Sempre temos a garantia de trocas, essa é a máxima de uma boa relação consumista, e, paradoxalmente, torna-se legítima, como problematiza Chevitarese e Pedro¹³⁹ “em nome da ‘segurança de todos’, toda limitação da ‘gestão individual dos riscos’, uma vez constatada sua ineficiência. E não seria essa uma grandiosa estratégia de controle social?” Uma maneira audaciosa de manter esse controle não seria a certificação? Certificação que se traduz por normas e ISOs¹⁴⁰ que garantem um padrão?

¹³⁷ Chevitarese e Pedro (2005, p.17)

¹³⁸ Toda Fruta, 2005

¹³⁹ 2005, p.16

¹⁴⁰ ISO é uma entidade internacional de padronização, cujo nome é "International **Organization for Standardization**", ou seja, Organização Internacional para a Normatização. Foi criada em 1947 em Genebra, na Suíça. Iso vem do grego isos e

E como estão nos vigiando! Brasil já é “alvo” das grandes multinacionais do comércio de banana. O pior é que a chegada de uma multinacional é sempre endeusada, já que significa muitos “empregos”. Daí a impossibilidade de que se criem entraves à sua instalação, o que muita vez se traduz por redução de impostos, doações de terrenos e uma lista bem extensa de regalias que só aumentam seus lucros e, que trazem muito poucos benefícios sociais para quem as abriga.

"GUERRA DA BANANA" TENDE A GUIAR FUTUROS INVESTIMENTOS A "guerra da banana" entre produtores da América Latina e a União Européia estará hoje diante dos juízes na OMC, e seu resultado pode definir futuros investimentos no Brasil. representante da empresa americana Del Monte, disse ontem que a companhia, que já investiu US\$ 50 milhões no país, está pronta a "até triplicar" a soma se a OMC viabilizar condições aceitáveis de acesso da fruta na Europa. Estudo econômico feito pelo Brasil tentará comprovar junto aos juízes que a alíquota única na UE não poderia passar de algo entre 66 euros e 75 euros por tonelada - bem aquém dos 230 euros que os europeus querem cobrar sobre a banana latino-americana a partir de 2006. As indicações do setor privado são de que a também americana Dole teria condicionado sua entrada no Brasil à possibilidade de poder exportar sem maiores entraves. (Data da edição 28/06/05 fonte: Valor Econômico.)¹⁴¹ (minha ênfase)

Como destaca Beck, em “Sociedade de Risco”, “o passado perde o poder de determinar o presente; seu lugar é tomado pelo futuro, de modo que algo virtual torna-se capaz de produzir de uma experiência atual: tornamo-nos ativos, hoje, para prevenir, aliviar ou tomar precauções contra crises e problemas de amanhã e de depois de amanhã.”¹⁴² No caso da banana, não ter se vinculado à agroindústria, símbolo de prosperidade e progresso, é certamente um de seus maiores apontamentos de estagnação.

PLANTIO DE BANANA ESTÁ ESTAGNADO EM MINAS GERAIS. Apesar do Brasil ser o segundo maior produtor de bananas do mundo, o volume de exportação nacional ainda é inexpressivo, fato que impede o crescimento deste segmento dentro do setor agropecuário. A produção mineira, por exemplo, está estacionada na extração de 560 mil toneladas da cultura por ano, com um faturamento de, em média, R\$ 225 mil. Neste caso

significa igualdade, homogeneidade ou uniformidade. Ao contrário do que muitos pensam, iso não vem da abreviatura de International Organization for Standardization. (Fonte: <http://www.dpss.com.br/>)

¹⁴¹ idem

¹⁴² Beck, apud Chevitaresh & Pedro, p.8

os entraves são as barreiras comerciais, a grande concorrência internacional e o fato de a fruta ser uma das poucas sem vínculo com a agroindústria. (data da edição: 06/06/06 Fonte: Diário do Comércio - Belo Horizonte)¹⁴³ (minha ênfase)

Grandes empreendimentos, para solucionar grandes problemáticas, numa grande relação mercadológica de poucos envolvidos, reinventando e renomeando velhas fórmulas.

BAYER CROPSCIENCE LANÇA STRATEGO PARA BANANA A Bayer CropScience lança este mês um fungicida para a bananeira. O Stratego chega ao mercado como uma nova solução que colabora para o controle de doenças na cultura. (Data da edição 29/06/05 fonte: Cultivar)(minha ênfase)

O QUE É O PROJETO GENOMA DA BANANA NO BRASIL? É um projeto que tem como objetivo garantir o futuro da banana, ameaçada com pragas recentes, como a sigatoka negra, que pode dizimar plantações em todo o mundo. (Data da edição 28/07/05 fonte: Embrapa)¹⁴⁴ (minha ênfase)

As notícias acima podem ser mais bem compreendidas diante da relação que se estabelece entre grandes empresas oferecendo soluções milagrosas para a agricultura, no trecho destacado abaixo, em que o maior congresso técnico-científico voltado para a cultura da banana pauta-se no exemplo das produções do Caribe e América Tropical (ambas nas mãos de corporações multinacionais) com o auxílio da Bayer CropScience, líder mundial do Setor.

‘Como empresa líder em ciência agrícola, buscamos desenvolver as melhores soluções e serviços inovadores que possam contribuir para o aumento da produção e trazer mais rentabilidade aos produtores rurais. Os participantes da Reunião Internacional Acorbat 2006 poderão conferir o que fazemos para a cultura da banana não só no Brasil, pois contaremos com a presença de colaboradores da empresa das principais regiões produtoras de banana no mundo, que trarão suas experiências e conhecimentos que fazem da Bayer CropScience líder mundial na área de ciência agrícola’, conclui Maia. Considerado o maior congresso técnico-científico voltado para a cultura da banana, a Reunião Internacional Acorbat 2006 tem como objetivo apresentar novas tecnologias, estudos, pesquisas, análises e experimentos relacionados ao cultivo da banana no Caribe e na América Tropical e é direcionado a consultores, pesquisadores, engenheiros agrônomos, empresas e produtores rurais da fruta.¹⁴⁵

¹⁴³ idem

¹⁴⁴ Toda Fruta, 2005.

¹⁴⁵ Pinho; Froldi, 2006.

A quem servem as ciências, os congressos científicos? Estamos nos pautando numa tecnologia de empresas calcadas em logísticas multinacionais, num emaranhado de patentes que dominam o comércio mundial. Quais são os interesses que podem ter grandes corporações de ensinar tecnologia do setor que dominam? Por que os indianos, que são os maiores produtores mundiais, mas têm a maior parte da produção voltada para o consumo interno, não estão ensinando o que é produtividade?

O que está acontecendo com nossa Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa? Como tem se pautado diante dessas orientações internacionais? A primeira grande transformação que podemos destacar recentemente é a mudança de diretoria, divulgada no *site* Seagri¹⁴⁶ ao destacar a reportagem do Jornal Folha de São Paulo de 19/02/2005

NOVO DIRETOR DA EMBRAPA APÓIA AGRONEGÓCIO

O novo diretor-presidente da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), Silvio Crestana, 50, apresentou ontem o plano de ação da estatal, no qual há intenção de "estabelecer parcerias com a iniciativa privada, que visem a sustentabilidade do negócio agrícola". Outro objetivo, segundo ele, é "ampliar a competitividade do negócio agrícola". Na visão de Crestana, a "agricultura faz parte do sistema industrial". Um dos objetivos é "consolidar a posição de liderança mundial no negócio agrícola". A Embrapa é uma estatal subordinada ao Ministério da Agricultura. No final de janeiro, o ministro Roberto Rodrigues demitiu toda a diretoria da empresa, após dois anos de divergências nos bastidores. Com a demissão da diretoria anterior, a intenção do governo foi priorizar projetos ligados ao agronegócio, em detrimento da agricultura familiar. O diretor-presidente anterior da Embrapa era Clayton Campanhola, uma indicação do PT. Em abril de 2003, no 30º aniversário da estatal, Campanhola enfatizou o fortalecimento da agricultura familiar: "Chegou a vez de abraçar uma missão crucial que ficou para trás: viabilizar o segmento de pequenos agricultores esquecidos no processo de modernização". O atual diretor-presidente é físico e funcionário da Embrapa desde 1984.(minha ênfase)

A aliança dessa nova diretoria com o capital internacional fica também evidenciada na reportagem do jornal Gazeta Mercantil¹⁴⁷

¹⁴⁶ Medina, 2005

¹⁴⁷ Baldi, 2005

BID DESTINA US\$ 60 MILHÕES À EMBRAPA. Brasília, 21 de fevereiro de 2005 - Um acordo entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) prevê a destinação de US\$ 60 milhões para pesquisa nos próximos cinco anos. Os recursos começam a ser aplicados em maio. O financiamento internacional é uma das alternativas encontradas pela nova diretoria da instituição para atenuar a escassez de recursos públicos. A equipe pretende também criar, ainda este ano, a Agência de Inovação Tecnológica, que buscará fontes de investimento em pesquisa, desburocratizando a aplicação de verba não governamental. Atualmente, menos de 5% do que a empresa aplica em pesquisa é oriundo da iniciativa privada. A meta é dobrar esse volume em cinco anos. "Nos Estados Unidos, o setor privado financia 70% dos estudos", afirma Silvio Crestana, presidente da Embrapa. Dos R\$ 850 milhões a serem gastos pela empresa este ano, somente R\$ 85 milhões devem ser destinados à pesquisa. O restante será despendido com custeio, manutenção das unidades e gasto com pessoal. Crestana diz que o investimento em ciência e tecnologia no Brasil ainda é pequeno. Aplica-se cerca de 0,85% do Produto Interno Bruto (PIB) no setor, enquanto nos Estados Unidos, 2,7%. Segundo o presidente da Embrapa, a meta é, em até seis anos, chegar a 2%. A agência é uma inovação na gestão", diz Crestana. (minha ênfase)

Nessa ideologia mercadológica, fica a continuação das pesquisas com transgênicos

na gestão de Crestana, as pesquisas com transgênicos devem continuar. Nesse tema, ele é cauteloso. "Precisamos manter as pesquisas nos limites da lei e em consonância com as diretrizes do governo Lula", diz. "Mas temos uma necessidade evidente de avaliar riscos para os transgênicos". Os transgênicos são, em sua opinião, apenas uma parte das pesquisas que devem ser desenvolvidas pela empresa no campo da biotecnologia. "Porque temos que ficar numa posição inferior ao que se faz no mundo?", questiona. "Não podemos deixar de fazer o que é melhor em termos de biotecnologia".¹⁴⁸ (minha ênfase)

Diversos são os estudos realizados nessa perspectiva de avaliar as pesquisas com os transgênicos e as possíveis conseqüências da sua produção. Nesse sentido, acredito que seja interessante destacar o estudo de duas mestrandas de direito, Ometto e Toledo, que fazem uma discussão, analisando a Embrapa e os Transgênicos.

Assim sendo, o mundo está desenvolvendo inúmeros transgênicos e o Brasil não pode ficar em desvantagens, e nem propiciar que outros países requeiram as patentes de alguns transgênicos, essencial para alimentação brasileira, e depois tiver de pagar royalties para empresas ou outros países, aumentando as desigualdades familiares existentes em algumas regiões brasileiras. No entanto, o grande desafio é encontrar o equilíbrio entre o mundo dos valores e mundo científico. Os avanços não devem ser proibidos,

¹⁴⁸ Zanatta, 2005.

porem não deve ser incorporado à vida humana antes que haja um rigoroso juízo de interesse moral e ético para a humanidade. Algumas pesquisas foram realizadas, tanto no Brasil, como no mundo, para saber a opinião pública sobre os transgênicos e em todas as pesquisas, a população mostrou-se que quando devidamente informada é favorável aos transgênicos, mas quando desinformada é contra os transgênicos, e sua rejeição baseia-se na desinformação, pura e simples, ser opinião conceituada para embasar tal rejeição [...]Enfim, podemos concluir que nada na vida é totalmente livre de riscos, assim não seria diferente com relação aos transgênicos e por isso, devemos estabelecer um divisor de águas entre as pesquisas desenvolvidas e os aspectos de biossegurança e bioética que envolvem o tema. Para tanto, acreditamos que as pesquisas jamais podem parar, seria um verdadeiro ‘enterro’ de toda evolução científica no decorrer dos tempos, mas devem agir com as cautelas devidas para maior compreensão do assunto. Paralelamente, faz-se necessário que organizações públicas, como também toda a sociedade, desenvolvam campanhas educacionais para informar a população do que sejam os transgênicos, suas vantagens e suas desvantagens, para que quando tivermos de escolher entre o consumo de um produto transgênicos e um produto não transgênico possamos fazer de uma maneira coerente e estruturada.¹⁴⁹ (minha ênfase)

Diante das conclusões das autoras, ficam várias questões. Primeiramente, e a mais crucial acredito, até quando teremos opção de escolha entre produto transgênico e não transgênico? Será que realmente a rejeição aos transgênicos é fruto de desinformação, pura e simples? Por que a questão só é analisada pelo lado da suposta desvantagem econômica, uma vez que o país não concorre de igual para igual com tecnologias de grandes multinacionais? O que realmente não querem enterrar na evolução científica? Nas palavras de Garcia¹⁵⁰

Num tempo em que a crença em Deus e na eternidade não têm o poder e a força de outrora, a saúde ganha em significado e valor, torna-se sinônimo de uma “salvação terrena”. A este factor soma-se um outro decisivo. Ao prometer erradicar algumas das doenças mais temidas pelos seres humanos, a biotecnologia humana insere-se numa espécie de “negócio da esperança” cheio de potencialidades nas sociedades contemporâneas. Nestas, sem saúde há menos possibilidade de se ser competitivo e bem sucedido no mercado de trabalho, bem como se tem menos hipóteses de garantir o emprego e aumentar o estatuto social. A motivação da saúde é uma parcela fundamental da vida moderna, conduz à responsabilidade individual pela saúde e faz com que a medicina preventiva ganhe legitimidade e aceitação.

¹⁴⁹ Ometto, Toledo, 2006.

¹⁵⁰ 2003, p.8

Qualidade, investimento, lançamento, futuro, controle, garantia de um final feliz parecem ser palavras de ordem. Há um mercado conspirando a favor, não há o que possa dar errado. Afinal, temos uma divisão de Defesa Sanitária Vegetal para nos proteger.

SIKATOGA NEGRA É AMEAÇA REAL. A Sigatoka Negra não ataca o cafezal, mas pode causar danos ao cafeicultor. Causada por um fungo, a praga ataca bananais mineiros desde 2004 e pode atingir as bananeiras utilizadas como quebra-vento ou sombreamento dos das lavouras. Nesses casos, a banana é cultivada sem fins lucrativos, servindo apenas como uma barreira física, e o produtor não toma as precauções necessárias para proteger o bananal. Para evitar os prejuízos o chefe da divisão de Defesa Sanitária Vegetal do IMA, Airton Rigueira Bezerra, recomenda o controle químico do fungo ou o controle genético, que é a substituição por variedades resistentes. No caso do controle químico um engenheiro agrônomo deve ser procurado e o combate tem que ser feito com base no receituário agrônômico. (Data da edição 29/08/05 fonte: Hoje em Dia)¹⁵¹ (minha ênfase)

A manchete destacada abaixo nos remete às problematizações de Rousset,¹⁵² referindo-se ao “caso da agroindústria que desertifica os campos de dois pontos de vista: dos espaços (redução drástica da variedade de paisagens e da biodiversidade) e humana (redução drástica do emprego e êxodo rural).”

MT: SIGATOKA NEGRA REDUZIU ÁREA DA BANANA Mato Grosso, que já foi um dos maiores produtores de banana, atualmente amarga o declínio do cultura e abastece apenas o mercado interno [...] É que as lavouras do Estado – assim como em diversas outras regiões brasileiras – foram atingidas pela mais temível doença já diagnosticada na bananicultura: a sigatoka negra. O resultado de sua incidência é desastroso, pois o tamanho da fruta e seu vigor determinam sua aceitação nos mercados. E são justamente essas duas qualidades as mais afetadas por esta doença. (Data da edição 27/10/05 fonte: Folha do Estado)¹⁵³(minha ênfase)

As frutas modificadas geneticamente, como é o caso da banana, são maiores e mais vigorosas se comparadas com as bananas produzidas num bananal com mudas tradicionais. Essa “idealização de uma fruta perfeita” certamente vem sendo trabalhada subjetivamente no

¹⁵¹ Toda Fruta, 2005.

¹⁵² 2005

¹⁵³ Toda Fruta, 2005.

mercado ao longo dos anos, em que os padrões estabelecidos para exportação são bem elevados, se comparados com as bananas ditas “tradicionais”, na avaliação dos produtores.

Nas palavras de um agricultor *“Janaúba é prata anã, lá ela aprova bem e aqui no Piau já não aprova prata anã, eu não sei se é por causa do trato, o que é que é, mas ela dá um cacho muito miúdo. Janaúba tem sistema de irrigação, aduba de dois em dois mês, aí é cacho de 22 quilo, né. Cada um cacho uma caixa. A prata anã pra nós aqui se não trata muito dela memo, não precisa nem plantá, dá umas banana muito fina.”* O mesmo produtor continua analisando as bananas e constata que as bananas de Piau comuns são melhores, no entanto, *“essas outra comum nossa aí, pode plantá, mas a sigatoka vai fracassá com elas, cada ano que passa.”* Embora esse produtor acredite nas palavras dos técnicos, no seu discurso demonstra que é o futuro que está determinando sua certeza de que a sigatoka vai acabar e não a situação presente dos bananais. Certamente esse tipo de análise se estendera por diversos locais e, provavelmente, fora captado pelos técnicos da FAEMG que, na reportagem abaixo, tentam rebater tais constatações de produtores.

PRAGA DA BANANA EM MINAS GERAIS - APARENTE CONTROLE DO FUNDO É ENGANO, DIZ FAEMG FLÁVIA GIANINI - Nos próximos anos, Minas Gerais pode sofrer de forma muito mais severa com a praga da banana, conhecida como Sigatoka Negra. O alerta é do engenheiro agrônomo e técnico da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg), Pierre Vilela. A praga que surgiu no Norte do país gera a perda total da bananeira e chegou a Minas Gerais há um ano. Atualmente parece controlada, mas pode vir a ameaçar a posição do Estado de quarto maior produtor do país. Vilela explica que o aparente controle da praga é um engano e o fungo continua rondando os bananais do Sudeste, Centro-Oeste e Sul do país. "Minas já identificou anteriormente focos da praga no sul do Estado, Zona da Mata, e região Central. A Sigatoka Negra chegou ao Estado e parece estar controlada, mas o fungo pode estar apenas se adaptando ao clima menos seco e úmido do sudeste em comparação com o norte brasileiro, mas ele continua ameaçando os bananais", alerta Vilela.(Data da edição 31/10/05 fonte: Diário do Comércio)¹⁵⁴(minha ênfase)

¹⁵⁴ Toda Fruta, 2005.

Mudar o foco para a exportação, usando a América Latina, no lugar do nome das multinacionais, também parece uma boa estratégia comercial, pois qual latino não abraçaria a causa? Principalmente se utilizando de uma linguagem nas notícias que deixa transparecer, transbordar até, o quão nos consideramos inferiores quando nos reportamos à Europa ou aos EUA. O termo “pedir” sugere uma relação de dependência; de um lado a parte fraca, de outro, aquele que tem prestígio, que pode ou não conceder o pedido. Já os termos: “confirma” “aprova”, “critica” estão quase sempre na boca de quem tem voz e vez por imposição e oportunidade.

AMÉRICA LATINA PEDE VENDA DE BANANA PARA A EUROPA

Os países produtores de banana da América Latina, apoiados por uma decisão da Organização Mundial do Comércio (OMC), querem acesso total ao mercado europeu. A decisão foi anunciada durante reunião de ministros de Comércio e Agricultura do Panamá, Brasil, Colômbia, Equador, Costa Rica, Guatemala, Nicarágua e Honduras. A OMC rejeitou deliberação da UE de aplicar tarifa de 187 euros/t de banana exportada da América Latina. (Data da edição 16/11/05 fonte: Correio do Povo)(minha ênfase)

AMÉRICA LATINA TAMBÉM DIZ "NÃO" À OFERTA EUROPÉIA SOBRE BANANA

Os nove países produtores de banana da América Latina, entre eles Brasil, Equador e Venezuela, que lutam na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra as altas tarifas de importação que a União Européia (UE) pretende impor a esta fruta da região recusaram mais uma vez, nesta sexta-feira (18-11), a nova proposta de 179 euros por tonelada revelada ontem pela Comissão Européia. "Acho que esta proposta é de um total desrespeito ao sistema multilateral de comércio, um total desrespeito à arbitragem da OMC", afirmou nesta sexta-feira à AFP o embaixador da Costa Rica na OMC, Ronald Saborio.(Data da edição 21/11/05 fonte: Agrolink)(minha ênfase)

UE CONFIRMA TARIFA DA BANANA E CRITICA ATITUDE DA AMÉRICA LATINA

Os Estados integrantes da U.E adotaram oficialmente nesta terça-feira a nova tarifa alfandegária para a importação de banana da América Latina.(Data da edição 30/11/05 fonte: Diário Gazeta Mercantil)(minha ênfase)

UE APROVA TARIFA DE 176 EUROS TONELADA PARA BANANA

A UE aprovou nesta terça-feira a imposição, a partir de janeiro de 2006, de uma tarifa de 176 euros por tonelada para a importação de banana da América Latina.(Data da edição 30/11/05 fonte: Gazeta Mercantil)(minha ênfase)¹⁵⁵

¹⁵⁵ Toda Fruta, 2005

Por outro lado, é interessante observarmos o uso do potencial da escola na divulgação de um hábito de consumo. Faz-se uma bela cartilha e adota-se o produto na merenda escolar. Em março (conforme notícia analisada na página 107) os produtores de Santa Catarina buscavam qualidade. Não se sabe por que vias “descobriram”, em novembro, que o caminho estava em uma “educação de qualidade”. Nada melhor para desencalhar bananas, principalmente quando se conta com financiamento do Fundo Social.

PRODUTORES DE BANANA RECEBEM R\$ 2 MILHÕES O governo do Estado anunciou ontem a liberação emergencial de R\$ 2 milhões para os bananicultores catarinenses. O dinheiro poderá ser usado na construção de casas de embalagens, adubação, pulverização e outras medidas de controle da sigatoka negra e de reinserção da fruta de SC nos mercados que deixaram de comprá-la. Serão usados recursos do Fundo Social, mas não está definida a forma de liberação do dinheiro - se através das secretarias regionais ou do Badesc, disse o presidente do Badesc, Renato Viana. - O dinheiro é inferior aos R\$ 7 milhões que estavam sendo solicitados pelos produtores, mas são "um começo" - acrescenta. (Data da edição 21/09/05 fonte: Diário Catarinense)¹⁵⁶(minha ênfase)

BANANA ENTRA NA MERENDA DAS ESCOLAS A banana será incluída na merenda das escolas de SC, que receberão cartilha com os benefícios da fruta. (Data da edição 24/11/05 fonte: Diário Catarinense)¹⁵⁷ (minha ênfase)

Na notícia transcrita abaixo, podemos perceber como ainda perdura a credulidade na monocultura de subsistência, evidenciada na surpresa do jornalista em dizer que para os agricultores é um grande lucro.

MUNICÍPIO COMEMORA SAFRA RECORDE DE BANANA O município de Itatira, localizado no Sertão Central, está comemorando uma das maiores safras de banana de sua história. Numa área de 783,35 km², 68% do território está ocupado com o plantio da cultura, que responde por 76% da economia da região. Dos 16.599 habitantes, 69% vive da agricultura de subsistência, na qual a banana faz parte do seu plano de trabalho. Atualmente, 30 mil bananas custam R\$ 700,00. Para os agricultores é um grande lucro.(Data da edição 15/12/05 fonte: Diário do Nordeste)¹⁵⁸(minha ênfase)

¹⁵⁶ Toda Fruta, 2005

¹⁵⁷ idem

¹⁵⁸ Toda Fruta, 2005

A vida sempre surpreende a gente e ainda bem. Nas palavras de Giddens,¹⁵⁹ ‘quanto mais tentamos colonizar o futuro, maior a probabilidade de ele nos causar surpresas’. Os bananais já sobrevivem à Sigatoka, já não é necessário nem vir acompanhado do termo negra. A vida que recupera reduzindo, pelo menos essa é uma fórmula que vem dando certo, ou seja, redução é sempre uma solução para recuperar. Não tendo condições de manter o “padrão” reduzem-se um pouco os gastos para que se possa recuperar e ter novamente chances de manter um novo “padrão”. Não importa como, o que não se pode perder de vista é o “padrão de vida”. Em 2006, os técnicos já começaram a apontar novos rumos para as bananas, bem diferentes dos apocalípticos de uns dois anos atrás, como podemos analisar na notícia que se segue

BANANAIS SOBREVIVEM À SIGATOKA No começo do ano passado, quando o primeiro foco de sigatoka negra, doença causada por um fungo que ataca os bananais, foi detectado no Vale do Ribeira, região sul do Estado, a mais otimista das previsões apontava para uma grande queda na produção de banana em São Paulo, principal produtor brasileiro. Os pessimistas previam o fim da bananicultura na região, que é responsável por mais de 70% da produção estadual e representa 20% de toda a cadeia produtiva brasileira. Em consequência, o preço da fruta iria explodir. Um ano e meio depois, o cenário é inverso. A produção aumentou de 10% a 15% nos bananais tratados e os preços mantêm-se no mesmo patamar anterior à sigatoka. "As apostas de que a doença iria dizimar os bananais paulistas não se confirmaram", diz o pesquisador José Sidney Gonçalves, do Instituto de Economia Agrícola(IEA). "Ao contrário, **os produtores que adotaram o tratamento recomendado tiveram aumento de produtividade.**" O fenômeno surpreende, pois contrariou as expectativas e fez com que a produção de banana no Estado, após a sigatoka, aumentasse 2,5%, embora a área dos bananais tivesse diminuído 5%. **"A doença só eliminou o bananeiro ruim"**, diz o técnico, acrescentando que os preços se mantiveram "comportados". O engenheiro agrônomo Luiz Alberto Saes, chefe do Pólo Regional de Registro da Agência Paulista de Tecnologia do Agronegócio (Apta), conta que a sigatoka não teve o impacto negativo esperado na produção porque houve uma ação rápida dos técnicos no monitoramento da doença e na difusão das práticas de controle. "O bananicultor que adotou as práticas recomendadas não teve prejuízo." As principais práticas adotadas referem-se ao manejo do bananal. "O produtor passou a cuidar mais da nutrição da planta, fazendo análise de solo e usando a adubação correta." Outras medidas foram manter a área limpa, sem mato, o solo bem drenado e as plantas renovadas, sem folhas velhas. "Depois de tudo em ordem é que entra o fungicida", ensina o técnico. A cada três aplicações, é preciso mudar o princípio ativo para que o fungo não crie resistência. Mas a quantidade de pulverizações ficou bem abaixo do que se

¹⁵⁹ apud Chevitarese & Pedro, 2005, p.10

julgava necessário no início. "Falava-se em 15, 20 ou mais pulverizações por ano, mas a média está sendo de 8 aplicações", conta Saes. Como os bananicultores já faziam cinco pulverizações por causa da sigatoka amarela, doença pré-existente, a ampliação no tratamento não chega a ser expressiva. **"O custo adicional foi compensado pelo ganho na produtividade decorrente dessas práticas"**, disse. Com tantos cuidados, as bananeiras tornaram-se mais produtivas. As plantas, bem adubadas, passaram a produzir frutos e cachos maiores. (Data da edição 19/01/06 fonte: O Estado de São Paulo) (minha ênfase -inclusive negrito- as aspas foram do autor)

MG: BANANA RECUPERA FATURAMENTO A redução de 1,8% na área plantada de banana no Estado em 2005 significou uma recuperação de 3% no preço pago ao produtor.(Data da edição 17/01/06 fonte: Diário do Comércio)¹⁶⁰(minha ênfase)

São inúmeras as questões que surgem diante do discurso monologizante da mídia e de órgãos técnicos. Primeiro, a “doença só eliminou o bananeiro ruim”, ou seja, aquele que não adotou as práticas recomendadas. E que prática não seria mais adequada do que “depois de tudo em ordem (planta nutrida, adubação correta, análise do solo, área limpa, solo bem drenado e plantas renovadas) entrar com o fungicida?” Obviamente isso nos deixa uma questão técnica que não foi possível responder neste trabalho: o que aumentou a produtividade foram os adubos ou os fungicidas? Como se aumenta a produção diminuindo a área plantada? Uma boa solução seriam frutos maiores e nada mais adequado que modificar geneticamente a natureza que produz frutos pequenos, (re)inventando a arte do cultivar, produzindo o similar.

Embora não haja tantos registros na mídia, na cidade de Piau não foi diferente. Com muita frequência foram apresentadas aos produtores mudas diferenciadas com promessas encantadoras de produtividade e de competitividade no mercado. No entanto, embora tenham plantado algumas mudas para teste, nenhum se arriscou, ou por falta de poder aquisitivo ou por falta de credulidade em substituir todos os bananais. Muitos fazem questão de destacar que os frutos colhidos das espécies resistentes ao mal da Sigatoka Negra são de qualidade inferior, principalmente porque se perde muito no quesito sabor. Existe um conceito bem difundido na região que a melhor banana é a do Piau, tanto é que, no mercado de Juiz de Fora,

¹⁶⁰ Toda Fruta, 2005

existem propagandas em diversos pontos comerciais ambulantes dizendo “banana de Piau” alguns ainda destacam “banana natural de Piau”.

Nas palavras de um bananeiro *“uma parte dos comerciantes conhece as bananas que não são de Piau, outros não conhece não. E têm muitos que vê a banana de Janaúba, tá bonita, eles leva, tá dexano de sabê, compra dela memo, não tem muito have isso não. A banana do Piau ela é mais doce, mais gostosa, mas a banana lá de fora quando vem bonita, eles leva ela assim memo. Os mais antigo que tá acostumado a lidar com aquilo conhece, outros novato, assim, não. Daqui uns anos tamém muita gente nem vai conhecê, com essas nova variedade que tá entrano aí, mais isso vai demorá um pouco mais, na hora que o pessoal acredita que tem que plantá delas memo.”*

Assim, instaura-se uma atitude de resistência que parece preserva a “naturalidade” da banana e certamente sua capacidade de lutar para sobreviver. Fala-se muito que a Sigatoka chegou ao município, mas nenhum bananal da cidade, na avaliação dos produtores, diminuiu a produtividade ou teve aniquilamento dos frutos. Como destaca um produtor, *“a banana tá dano a mesma coisa, eles criaram uma doença, pra criar uma lei, pra gente pagar [...] o IMA só deu o grito, só tá cobrando e não tá ajudano o produtor, todo mundo só paga o PTV, se a Sigatoka vai matar ou não, eles não deram assistência nenhuma.”*

SIGATOKA NEGRA INFESTA ZONA DA MATA: NORTE DE MINAS CONTINUA LIVRE. Os bananais do Norte de Minas continuam livres da sigatoka negra; no Sul do Estado e Zona Metalúrgica a doença evolui lentamente; mas na Zona da Mata o nível de infestação é muito alto. Esta situação foi detectada em missão integrada por técnicos da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (FAEMG), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Manaus), Empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-MG) e de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) e do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA). **[COMO OS AGRICULTORES EM SUA “SANTA IGNORÂNCIA” PODERIAM CONTESTAR TANTOS TÉCNICOS?]** Os resultados da viagem, realizada na semana passada, foram apresentados hoje (19/04/05) pelos técnicos Pierre Santos Vilela, do Departamento Técnico da FAEMG, e Airton Rigueira Bezerra, chefe da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal do IMA. Com produção anual de 262 mil toneladas de banana, em 12 mil hectares – cerca de 50% do total produzido no Estado – o Norte de Minas ainda está livre da sigatoka negra. Ao todo, 60 municípios mineiros

são considerados livres da doença. Além de Minas Gerais, somente o Estado do Mato Grosso tem áreas livres da praga. No Sul, onde foi detectado o primeiro caso da sigatoka negra em Minas, no início do segundo semestre do ano passado, e na Zona Metalúrgica, os técnicos tiveram uma boa surpresa com a lentidão da evolução da doença. "No caso do Sul de Minas, a altitude elevada é um fator impeditivo do desenvolvimento do fungo", informa Pierre Vilela. Segundo ele, a região continuará sendo monitorada constantemente, pois o fungo pode se adaptar às condições climáticas e geográficas e acabar "explodindo" em um ou dois anos. O Sul do Estado produz, em 8,9 mil hectares, 89 mil toneladas de banana por ano. Gravidade – A situação mais preocupante é a da Zona da Mata. Devido à conjugação de dois fatores – clima quente e úmido, propício para o desenvolvimento da praga, e baixo nível tecnológico – todos os 1,9 mil hectares cultivados com banana nos municípios de Coronel Pacheco e Piau estão infestados com o fungo causador da sigatoka negra. A doença foi claramente identificada pelos técnicos em seus mais diversos estágios, até a morte da planta.**[COMO OS PRODUTORES PODERIAM ACREDITAR NA FORÇA DAS BANANEIRAS QUE ESTAVAM VERDES RADIANTES, VIVAS E PRODUZINDO?]** De acordo com Pierre Vilela, a situação ganha contornos ainda mais graves por ser a bananicultura um dos carros-chefe da economia dos dois municípios. A missão técnica constatou que o homem é o principal responsável pela disseminação da sigatoka negra, por aproveitar caixaria usada ou pelo trânsito de caminhões infectados.**[COMO NÃO PODERIAM ACREDITAR QUE ERAM CULPADOS POR AQUELA DESGRAÇA?]** Dessa forma, Airton Rigueira Bezerra, do IMA, chama a atenção para a necessidade da utilização de caixas plásticas devidamente desinfetadas. A aplicação de agrotóxicos e o uso de variedades de banana resistentes à doença, já disponíveis no Brasil,**[COMO NÃO SE ACHAR UM DESATUALIZADO INCOMPETENTE?]** são outras medidas importantes. O IMA mantém o monitoramento e com o trabalho de mitigação de riscos será possível liberar o comércio de banana **[COMO NÃO DAR RAZÃO A ELES?]** proveniente de áreas com a praga. A FAEMG, o IMA e o Sebrae-MG acabam de lançar cartilhas e folderes sobre o controle e prevenção da praga. **[COMO NÃO DIZER: É!!! PORQUE NÃO ESTUDAMOS?!!! HOJE NÃO SABEMOS FAZER NADA DIREITO!!!]** O material será distribuído em todo o Estado, quinto maior produtor nacional de banana, tendo produzido, no ano passado, 562 mil toneladas. Considerada a doença mais destrutiva da bananeira, a sigatoka negra manifesta-se através de lesões nas folhas mais jovens da planta, podendo causar-lhe morte prematura e, conseqüentemente, grandes prejuízos para os bananicultores. A doença, porém, não afeta as propriedades produtivas da fruta e não causa riscos à saúde do consumidor.¹⁶¹

O alarde começou a se amplificar, com barreiras fitossanitárias aos produtores do município que, muitas vezes, tiveram suas mercadorias apreendidas e destruídas. A sigatoka, segundo os técnicos do IMA, chegara a Piau, no entanto, os três meses prometidos de destruição dos bananais passaram sem que houvesse alteração na produção. Outros três meses

¹⁶¹ Portal da Fruticultura do Norte de Minas, 2005. (minha ênfase) [A voz dos colchetes é minha, voz fruto de uma relação dialógica com os bananeiros. São questões que levanto ante o discurso monologizante da mídia e órgãos técnicos]

foram decorridos e a produção regularmente continuou, passando-se, assim quase dois anos sem que nada de alarmante houvesse acontecido com os bananais da cidade. Entretanto, os embargos continuaram a pressionar o produtor, para que mudassem suas embalagens para caixas de plásticos em substituição as atuais de madeira, além da aplicação semanal de fungicidas nas caixas. Diante tais exigências, podemos nos perguntar: por que produtos derivados de petróleo são as embalagens ideais? Por que tanto fungicida? São perguntas que deixo para o leitor, visto que ainda que não tenha sido possível respondê-las no escopo deste trabalho, foi impossível deixar de se questionar. Tal situação tem sido causa de grande indignação entre os produtores que não estão entendendo o porquê de tantas exigências e de atitudes tão ostensivas.

Frente a esse panorama, outra questão se apresenta: será que os técnicos do governo e similares são para a agricultura o que o psicologismo fora um dia para a educação? Um mecanismo de emburrecimento e de separação entre os bons e ruins, os que têm futuro e os que são tachados como problemas, os que devem permanecer e os que precisam procurar alternativa. Vamos começar a aplicar testes de QI na agricultura? Lembrando Freire¹⁶², “já temos afirmado que a educação reflete a estrutura do poder, daí a dificuldade que tem um educador dialógico de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo. Algo fundamental, porém, pode ser feito: dialogar sobre a negação do próprio diálogo.” Poderíamos ilustrar essa situação com alguns trechos de uma reportagem divulgada no Jornal da Unesp¹⁶³

Os grandes laboratórios internacionais argumentam que os alimentos transgênicos de segunda geração poderão acabar com a fome no mundo. Para Ferro, esse problema é uma questão política. "O mundo já produz alimento suficiente. A grande questão é a distribuição", argumenta. "Com os transgênicos, haverá uma diminuição do custo de produção. Mais pessoas, portanto, terão acesso a alimento mais barato. Eles não salvarão o mundo da fome, mas podem permitir que mais pessoas tenham condições de comprar comida", acrescenta Rosolem. [...]Por todos esses problemas potenciais, a União Européia, que havia autorizado a importação e o processamento de soja transgênica em 1996, decidiu, em maio de 1998, introduzir regras para

¹⁶² 1970, p.71

¹⁶³ D'Ambrosio, 2000

rotular alguns produtos que contenham soja ou milho geneticamente alterados e suspendeu a liberação de novos produtos com essas características até 2002. "Os países europeus temem uma catástrofe e não aceitam o uso de hormônios e antibióticos em ração animal", conta Ferro. "Fenômenos como a doença cerebral da vaca louca, nome popular da encefalopatia espongiforme bovina, transmitida ao gado alimentado com carcaças de ovelhas contaminadas, deixaram a opinião pública europeia muito alarmada", acrescenta Janete. Para Lemos, o Brasil poderia se aproveitar dessa postura. "Poderíamos reservar áreas para o plantio de espécies vegetais melhoradas pelos métodos clássicos e vender para a Europa", comenta. "Seria um interessante nicho de mercado. Eles poderiam comprar nossa soja ou milho sem a preocupação de realizar testes para ver se contêm elementos transgênicos." [...] A fome preocupa a Organização das Nações Unidas, ONU. Por isso, um de seus braços, a Food and Agriculture Organization (FAO), tem como proposta reduzir os 800 milhões de famintos do planeta a metade, nos próximos 15 anos. "Para atingir essa meta, é preciso produzir comida barata, e, aparentemente, os transgênicos podem reduzir o custo de produção, viabilizando uma melhor e maior oferta de comida", diz o engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues, professor do Departamento de Economia Rural da FCAV da UNESP, câmpus de Jaboticabal. "As populações pobres precisam comer e não lhes importa se a comida é transgênica ou não. Como ainda não há provas científicas de danos causados pelos transgênicos aos consumidores ou ao meio ambiente, a escolha, atualmente, é um privilégio dos países ricos." (minha ênfase)

Um discurso como esse presente no jornal da UNESP faz com que se pergunte: será que estariam sugerindo orgânico para os ricos, transgênicos para os pobres? Por isso, primei, neste estudo, por uma relação dialógica entre tecnologia e a educação empreendida pelo mercado, pelo capital, que nada dizem sem uma análise do contexto no qual estão inseridas. Contexto que, procurou destacar este estudo, encontra-se marcado evidentemente por inúmeras desigualdades, calcadas numa luta de poder e política. Como destaca Arendt,¹⁶⁴ "mesmo que deixemos de lado as ainda incertas conseqüências, a situação criada pelas ciências tem grande significado político. Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político."

¹⁶⁴ Arendt, 2004, p.11



Fotografia 17: A vida é bela

A fazenda destacada na fotografia acima é uma maneira a meu ver de representar a beleza da vida, sobreviveu, as crises dos cafezais, está mais verde nas crises dos bananais.

Pensando mais profundamente a respeito do ocorrido, percebi que todo esse alarde e confusão foram feitos utilizando-se as palavras. Nada mais, nada menos que palavras. As notícias de longe vinham por palavras, as de perto também. Havia muitos comentários e fotos de pontinhos pretos nas folhas das bananeiras. Mas não havia provas decisivas; havia opiniões e opiniões do que se ouviu dizer, do que se imaginava acontecer. Mas nada era verdade absoluta, no entanto a questão era tratada como sendo algo sacramentado, com prazo estabelecido para acontecer. Na escolha das palavras, utilizou-se um vocabulário essencialmente técnico, voltado para especialistas ou para os diretamente envolvidos na agricultura da banana. Os meios de comunicação de massa não se ocuparam mais profundamente do caso. Constituíram-se discursos, formatando palavras, não para a opinião pública em geral, os consumidores, mas de forma mais incisiva, para os produtores de bananas. Tal constatação tem importância crucial, uma vez que podemos inferir que os discursos políticos estão bem distantes dos discursos consumistas.

Há de se registrar que a transgenia da fruta não tem provocado tanto alarde, quanto a da soja. Provavelmente isso advenha do fato de o mercado de soja possuir estrutura mais

agregada, o que, conseqüentemente, traz implicações mercadológicas mais contundentes aos produtos que tem a soja como base e que alguns estão ligados a uma cultura vegetariana.

Dessa feita, procurarei discutir um pouco “as palavras” em nossa sociedade, sem obviamente, ter a pretensão de dar conta de toda a complexidade que envolve tal assunto. Desse modo, irei apresentar algumas considerações e reflexões realizadas a partir da leitura do texto de Hansen¹⁶⁵ em que se analisa o empreendimento europeu de civilizar pela palavra. Tal texto destaca que, mesmo com o uso da força, foi a palavra que garantiu a sobrevivência de seus ideais civilizatórios. Nas palavras se trazia o que se desejava, e pela palavra se ensinava, agradava-se e persuadia-se a pessoa humana em sua memória, vontade e inteligência. Nesse civilizar construiu-se um ideal para os povos de liberdade, igualdade, fraternidade, de modernidade, enfim, de civilidade. Hansen¹⁶⁶ se referia ao séculos XV e XVI. Já Marcelo Masagão,¹⁶⁷ no seu filme, “1,99 um mercado que vende palavras”, faz uma discussão da cruel atualidade, da imobilidade a que fomos reduzidos e de nossas compulsões, desejos e angústias em comprar “palavras”. O que percebo nessas duas críticas é que algo parece peculiar, a palavra ainda continua a “civilizar”. Nesse sentido, pergunto-me há quanto tempo somos servos das palavras? Se regressarmos em nossas histórias, será que em algum momento os seres humanos não foram escravos de uma palavra? Critical Art Ensemble¹⁶⁸ faz inferências de que a palavra “virtual”, por exemplo, já fora pensada desde antes de Cristo, conjecturando de que forma estruturava essa virtualidade em palavras desde 385 a.C até os dias atuais. O que nos faz refletir que as palavras acompanham o ser humano há muito tempo que, junto com elas, vai construindo a existência. No ocidente ou no oriente, criaram-se modos de existir em palavras. Larrosa¹⁶⁹ enfatiza que

¹⁶⁵ 2000

¹⁶⁶ ibdem

¹⁶⁷ 2004

¹⁶⁸ 2001

¹⁶⁹ 2001

as palavras produzem sentido, criam realidade e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente "raciocinar" ou "calcular" ou "argumentar", como nos têm sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que se nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. Todo mundo sabe que Aristóteles definiu o homem como *zôon lógon échon*. A tradução desta expressão, porém, é muito mais "vidente dotado de palavra" do que "animal dotado de razão" ou "animal racional". Se há uma tradução que realmente trai, no pior sentido da palavra, é justamente essa de traduzir *logos* por *ratio*. E a transformação de *zôon*, vidente, em animal. O homem é um vidente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo o humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vidente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. Por isso atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras, etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos, e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.

O que faz homens e mulheres do mundo terem guerreado e continuarem guerreando entre si, a não ser por palavras? Talvez esteja aí um grande complicador de nossas vidas, nossas concretudes são palavras, a própria concretude é uma palavra. Nesse sentido, percebemos que somos mais virtuais do que imaginávamos. Como destaca Castells,

se de acordo com o dicionário o virtual existe na prática e o real existe de fato, a realidade, como é vivida, sempre foi virtual por ser sempre percebida por símbolos formadores de prática. Para ele o inédito do sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da virtualidade real em que 'a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz de conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora de experiência, mas se transformam na experiência.¹⁷⁰

¹⁷⁰ Castells, apud Dias, 2005

Vivemos de conceitos. E o que seria conceito a mais do que uma prisão construída por palavras? O que é liberdade para quem sempre viveu preso? “*Não tenho palavras para dizer*”, talvez esteja nesse ato um sinal de liberdade?

As palavras nos ensinaram a ser instrumento em uma sociedade do conhecimento de palavras, para nos afastarmos cada vez mais da animalidade, da irracionalidade, da falta de palavras. E nesse deixar de ser animais, acabamos por nos esquecer de nossos instintos, de nossas essencialidades e passamos, por exemplo, a temer a morte e não encará-la como nossa certeza de vida. Deixamos de acreditar no sangue que corre incessantemente e não possibilitamos que os imperativos do corpo escrevam nossa existência. Não é fácil dizer se isso é bom ou ruim, ou até mesmo se é possível fazer alguma descrição de tais circunstâncias, são construções humanas, é a maneira que encontramos de cultivar vidas através de palavras, uma “lavoura arcaica” nas construções de Raduan Nassar¹⁷¹. No entanto, essas palavras que foram incessantemente recriadas para contentar a humanidade não estão dando conta de fazer homens, mulheres, crianças, jovens felizes, ou melhor, criou-lhes, como diria Ferreira¹⁷², um vazio sem bordas. Estamos todos atados a uma civilidade em crise que se consagrou fazendo da diferença sinônimo de desigualdade.

A individualidade chegou ao extremo num mundo global. Não só a individualidade do ser “o meu isso”, “o meu aquilo”, mas também a individualidade dos atos “para isso”, “para aquilo” “para isso outro”. Fomos nos compartimentando em palavras e palavras, até não darmos mais conta de nossa totalidade. Em conformidade com as prerrogativas capitalistas, as próprias palavras começaram a ter donos e donas e o que antes era relacional, passou a ser relacional com preço (e que preço, às vezes). As patentes viraram grandes redes que movimentam a vida da humanidade.

¹⁷¹ 1989

¹⁷² apud Amorim, 1996, p.121

De temores à passividade, à idealidade, ao consumo exacerbado, as palavras foram passando de disciplinadoras a controladoras, de modelos a modulação, de matrículas a senhas, no intuito, como destaca Machado,¹⁷³ de nos enclausurar num mercado frio e asséptico, com uma linguagem otimista da publicidade, de frases pré-fabricadas de efeito psicológico, numa literatura de consolo e auto-ajuda, prometendo-nos a felicidade em doses homeopáticas, o prazer sem risco e a saúde programada do corpo. Ou como diria Certeau,

a ruptura que opôs à morte um trabalho conquistador, e a vontade de ocupar por uma administração econômica e terapêutica o imenso espaço vazio do século – região de infelicidade, nova terra dos mortos-vivos – organizaram o saber numa relação com a miséria [...] fazendo do corpo aquilo que uma sociedade pode escrever.¹⁷⁴

Relacionando a conjuntura acima ao contexto dialógico de Bakhtin,

não há uma primeira nem uma última palavra e não há limites (ele se estende ao passado sem fronteiras e ao futuro infinito). Mesmo os sentidos passados, decorrentes de diálogos travados há séculos, não são estáveis; são sempre passíveis de renovação nos desenvolvimentos futuros do diálogo. As vozes às quais um enunciado é dirigido podem estar espacialmente ou temporalmente distanciadas.¹⁷⁵

Podemos inferir e nos imaginar como perenes responsivos respondentes de enunciados alheios ou nossos. Ou, na argumentação de Deleuze,¹⁷⁶ como ladrões, pois roubar ao contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como, significa produzir algo com o roubado, como destaca o Coletivo Sabotagem¹⁷⁷ “conhecimento não se compra! Se toma e se compartilha!” Todavia, não é improvável deixar de reconhecer que somos impregnados de palavras, cuja dinâmica movimenta a humanidade.

Dessa forma, compreender as forças que perpassam as palavras de ordem capitalista, em especial, no que tange à problemática da Sigatoka Negra, é uma maneira como diria

¹⁷³ 2004

¹⁷⁴ Certeau, 2004, p.300

¹⁷⁵ Bakhtin, 2003, p.272

¹⁷⁶ apud Gallo, 2004

¹⁷⁷ 2006

Deleuze¹⁷⁸ “de encontrar sentido, uma vez que é impossível de fazê-lo, se não soubermos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que se apodera dela ou que se expressa nela”.

Nesse sentido, é importante salientar que o problema ambiental a que se refere este estudo vai muito além da extinção de uma espécie, é tangenciando a conjuntura estrutural de um sistema agrícola calcado em dicotomias do que é bom/ruim, necessário/dispensável, fomentadas pelo capital e no capital, que certamente nossas trocas se fizeram mais subjetivas. Polemizando, “as modificações genéticas” que se constituem, segundo Guerra,¹⁷⁹ como a nova “eugenia do século XXI”; que geralmente são discutidas como problemas de grandes cientistas, mas que afetam drasticamente a vida de cada ser humano, pois entre marcas de objetos de consumo e de alimentos, há uma diferença preocupante. Enquanto a primeira atinge apenas a casca do ser, traduzido em transformações sociais, a segunda pode e vem acarretando modificações profundas no organismo, graças a sua rapidez em alterar o metabolismo com contrafações, muitas vezes irremediáveis, fazendo-nos distanciar ainda mais de nossa natureza para sobreviver e ficando permanentemente dependentes de laboratórios para manter nossa vida e nosso habitat.

Afinal, como diria Pelbart,

o que nos é vendido o tempo todo, senão isto: maneiras de ver e de sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir? O fato é que consumimos, mais do que bens, formas de vida - e mesmo quando nos referimos apenas aos estratos mais carentes da população, ainda assim essa tendência é crescente. Através dos fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver e sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade. Chame-se como se quiser isto que nos rodeia, capitalismo cultural, economia imaterial, sociedade de espetáculo, era da biopolítica, o fato é que vemos instalar-se nas últimas décadas um novo modo de relação entre o capital e a subjetividade. O capital, como o disse Jameson, através da ascensão da mídia e da indústria de propaganda, teria penetrado e colonizado um enclave até então aparentemente inviolável, o Inconsciente. Mas esse diagnóstico é

¹⁷⁸ apud Larrosa, 2005, p.19

¹⁷⁹ 2006

hoje insuficiente. Ele agora não só penetra nas esferas as mais infinitesimais da existência, mas também as mobiliza, ele as põe para trabalhar, ele as explora e amplia, produzindo uma plasticidade subjetiva que ao mesmo tempo lhe escapa por todos os lados, obrigando o próprio controle a nomadizar-se¹⁸⁰.

Assim, tomando por referência Beck,¹⁸¹ quando enfatiza que o grande problema ambiental do mundo é a desigualdade social, este trabalho traduz-se nessa discussão da desigualdade social entre os produtores de banana num mundo global e as prerrogativas dessa guerra que visa eliminar os pequenos agricultores.

As indagações de Branquinho,¹⁸² nos remetem a “como podemos conviver em paz com esses 'objetos' produzidos pela ciência e aceitar que eles não podem significar o mesmo horizonte de progresso a diferentes culturas. Que no esforço de 'purificar' seus objetos, os cientistas terminaram criando 'híbridos de natureza e cultura’”. Construções científicas que interferem em nossa vida, no nosso meio, enfim na nossa sobrevivência como homens e mulheres de um planeta que se modifica constantemente por interferência deste, causando o que Beck¹⁸³ denomina de irresponsabilidade organizada. O que nos coloca numa posição de primar pela alteridade, pois, como destaca Branquinho,¹⁸⁴ “o mundo ele é mais que plural, ele é comum.”

¹⁸⁰ Pelbart, 2005

¹⁸¹ apud Lima, 2002, p.124

¹⁸² 2004, p.3

¹⁸³ apud Chevitarese e Pedro, 2005

¹⁸⁴ 2004, p.3

**PARA ALÉM DE UMA CONCLUSÃO:
EDUCAÇÃO POLÍTICA E POPULAR NUM MUNDO GLOBALIZANTE**

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar.”
MICHEL FOUCAULT

“Perdi o jogo das palavras na cabeça. Quando tento escrever, eu até tremo. Por exemplo, eu até tenho vontade, mas chego em casa, eu tô tão cansado”. Com as palavras desse produtor de 26 anos acredito ilustrar a necessidade de não abandonarmos a reflexão da educação como política. Freire¹⁸⁵ destaca que “a ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar ‘quase natural’”. Nesse sentido, o mesmo autor infere que “a educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política”.¹⁸⁶

Em um mundo em que a desigualdade é cada vez mais gritante, não pode a educação pública deixar de lutar por sua popularização. Para refletir acerca dessa guerra silenciada em que nos encontramos, recorro a duas reportagens recentes, a primeira divulgada na revista *IstoÉ*¹⁸⁷

O grupo que passa leve pela estratosfera com a missão de administrar pelo menos US\$ 1 bilhão de patrimônio fechará 2006 com 793 felizardos – 16 deles brasileiros [...] mais recente desses estudos, divulgado pelo banco Merrill Lynch em parceria com a empresa multinacional de consultoria Capgemini, mostra que em 2005 havia no planeta 8,7 milhões de pessoas com pelo menos US\$ 1 milhão (R\$ 2,23 milhões) para investir [...] Segundo o economista da Unicamp Marcio Pochmann, organizador do livro *Atlas da exclusão social: os ricos no Brasil*, há 1,2 milhão de brasileiros com renda

¹⁸⁵ 1997, p.21

¹⁸⁶ 1997, p.124

¹⁸⁷ Vannuchi e Côrtes, 2006.

mensal superior a R\$ 11 mil, o suficiente para que sejam considerados ricos. “Dois terços deles moram no Estado de São Paulo”, afirma. Pelo menos 20 mil famílias vivem no País com mais de R\$ 45 mil por mês, valor 130 vezes maior do que o salário mínimo. (minha ênfase)

Mostrando o outro lado da moeda, a reportagem de Novaes,¹⁸⁸ divulgada no Jornal Estado de São Paulo destaca que

Perto de deixar o cargo, o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, adverte que estamos 'muito longe' de cumprir, no mundo e em cada país, os chamados Objetivos do Milênio, que pretendiam até 2015 reduzir à metade o número de pessoas que passam fome (840 milhões), que vivem abaixo da linha de pobreza (2,7 bilhões), sem acesso a água de boa qualidade (mais de 1 bilhão), que não dispõem de saneamento básico (2,5 bilhões), assim como o número de crianças (11 milhões) que morrem a cada ano de doenças que poderiam ser evitadas [...] Nesse período, a distribuição da renda no mundo piorou muito, diz o Instituto Mundial de Pesquisas sobre Economia e Desenvolvimento (Universidade da ONU). Hoje, 1% das pessoas no mundo detêm 40% da riqueza total, enquanto a metade mais pobre da população mundial tem 1% da riqueza; os 2% mais ricos têm 50% da riqueza total. América do Norte, Europa e as áreas mais ricas da Ásia ficam com 90% da riqueza global. Só os Estados Unidos, com menos de 5% da população total, detêm 34% da riqueza [...] Brasil também tem com que se preocupar. Relatório divulgado no início do mês pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal/ONU) mostra que, embora a concentração da riqueza no País tenha diminuído ligeiramente entre 2003 e 2005, comparados com 2000-2002, continua muito grave. A porcentagem de pessoas em situação de pobreza extrema caiu de 13,2% para 10,6%, enquanto a de pessoas que vivem na pobreza passou de 37,5% para 36,3%. Ou seja, temos 19,5 milhões de miseráveis e 67,8 milhões de pobres [...] O quadro da distribuição pode agravar-se, já que quase todos os empregos com carteira assinada (96%) criados este ano no País, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, têm remuneração até 1,5 salário mínimo (R\$ 525,00), quando no ano passado esse percentual era de 79%. Pode-se imaginar a situação entre os que não têm carteira assinada. (minha ênfase)

Certamente, um contato com a periferia dos grandes centros urbanos evidencia o que os números apontam, mas não dão conta de descrever: o tamanho do abismo social que está instaurado em nossa sociedade. Estamos fazendo da miséria um *flash*, uma espetacularização midiática. No entanto, os discursos travam-se numa alçada bem distante da realidade indigna que muitos brasileiros enfrentam diariamente, as políticas são implementadas no jogo de

¹⁸⁸ 2006

poder em que a maioria brasileira não está representada. Nesse sentido, Collares; Moysés & Geraldi¹⁸⁹ enfatizam que, “como em nossa sociedade nem todos podem ocupar o lugar da enunciação, são alguns que definem as necessidades sociais e, com base em tais definições, elegem prioridades e elaboram programas que, apresentados ou sonegados, constituem uma seqüência de ações decididas *a priori*, com as quais se pretende submeter o andar da vida de todos.” Também desenvolvemos em nossa sociedade uma cultura de “aversão a política”, o que certamente contribui, de maneira drástica, para a permanência de certos poderes intactos na estratosfera pública desse país. Habilmente os discursos se misturaram, afastando boa parte da população das discussões políticas em nossa sociedade. Estamos quase sempre esperando que alguém faça alguma coisa por nós, não nos achamos no direito ou em condições de criar circunstâncias diferenciadas.

Nas palavras de Pochmann¹⁹⁰

Precisamos construir, do ponto de vista da política pública, novos valores, que não são dados pelo mercado de trabalho imediato. Mas o ponto de vista dos pobres no Brasil tem sido sempre esse, se você quer ter mobilidade social, tem que passar pelo trabalho. Nós mesmos enfrentamos essa visão aqui em São Paulo. Se você der uma bolsa para o filho do pobre estudar, já dizem "ah, isso é uma caridade", essa política é vista como um assistencialismo. É um preconceito de classe. Agora, quando nós olhamos, por exemplo, para a graduação, temos várias bolsas de iniciação científica, assim como na pós temos bolsa de mestrado e de doutorado. Eu mesmo tive bolsa para estudar e completar o ensino universitário e nunca ninguém disse que isso era caridade. Temos um preconceito de classe mesmo e o papel da política pública é enfrentá-lo.

Quanto mais nos distanciarmos das discussões que procuram evidenciar essa desigualdade e nos aproximarmos de reflexões “conteudistas” e “tecnicistas”, estaremos deixando de lado o primordial *uma vida digna para cada ser humano que habita essa terra*. O que é dignidade não é necessariamente uma questão diante de tanta violência e miséria. Ante

¹⁸⁹ 1999, p.214

¹⁹⁰ 2005

tantas “desconexões”, como nos lembra Rifkin¹⁹¹, criamos um mundo de *marginais*, palavra que talvez nunca tenha feito tanto sentido quanto na atualidade. Temos um mundo sendo construído às margens do *mundo civilizado*. Um mundo invisível para muitos, ignorado por outros tantos, mas onde estão presentes boa parte da população mundial. Todavia, embora esse mundo marginal esteja se acabando literalmente na guerra, na miséria, na violência do dia-a-dia, continuamos simulando uma aparente normalidade. Os bananeiros de uma pequena cidade mineira em risco de desconexão são uns entre bilhões.

Podemos negar insistentemente que as estatísticas do Ministério da Justiça, apresentadas na tabela abaixo, sejam conseqüências desse mundo de “desconectados”. Todavia acredito que temos que encontrar bons argumentos para insistir que não o são.

Distribuição das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis por número e taxas por 100 mil Habitantes no Brasil em 2004 e 2005¹⁹²				
Indicadores Criminais	2004		2005	
	Número de Ocorrências	Taxa por 100.000 habitantes⁽¹⁾	Número de Ocorrências	Taxa por 100.000 habitantes⁽¹⁾
Crimes Violentos Letais Intencionais	43.044	24.0	43.847	23.8
Crimes Violentos Não Letais Contra Pessoa	60.931	34.0	63.656	34.6
Crimes Violentos Contra o Patrimônio	907.571	506.7	942.687	511.8
Delitos de Trânsito	339.703	189.7	323.232	175.5
Delitos envolvendo Drogas	84.364	47.1	89.261	48.5
Homicídio Doloso	40.240	22.5	40.845	22.2
Tentativa de Homicídio	35.279	19.7	35.739	19.4
Lesão Corporal	677.312	378.2	722.202	392.1
Estupro	14.719	16.2	15.268	16.3
Atentado Violento ao Pudor	9.840	5.5	10.806	5.9
Extorsão Mediante Seqüestro	455	0.3	651	0.4
Roubos	907.116	506.5	942.036	511.5
Furtos	2.156.812	1.204.2	2.152.681	1.168.8

Os dados da tabela só são mais uma evidência do que a maioria dos educadores, dos cidadãos do mundo sente na pele, a violência invadindo as escolas, os lares e, efetivamente, as drogas dominando cenários. Estamos enfermos e mal nos damos conta disso, a banalidade nos

¹⁹¹ apud Pelbart, 2005

¹⁹² Ministério da Justiça, 2006

cega, nossas vidas são orientadas e calcadas num mundo onde os valores são medidos em moedas. Criamos um mundo de fantasias e idealidades e acreditamos tanto nele que esquecemos que nós que construímos dia-a-dia o nosso mundo. Nos iludimos com a democracia, com a globalização, com a igualdade, a liberdade ... Nesse contexto, mostra-se urgente a construção de uma nova ética. Como vimos nestas páginas, as histórias de Piau evidenciaram uma sociedade que procura manter tradições, ruminar as novas ondas. Entretanto, por mais aparência hermética que tenha tal local, não conseguiu evitar que os ventos da globalização trouxessem suas mazelas.

Provavelmente nenhuma guerra no mundo matou e violentou tão silenciosamente quanto a perversa realidade brasileira. Contrapondo as disparidades sociais, Savanozi e Rangel¹⁹³ destacam que

A maioria não é silenciosa, no debate sobre o mundo globalizado, dependendo do ponto de vista, educação é protagonista, coadjuvante ou platéia [...] processo de antagonismo que desenha com linhas firmes a polarização entre dois projetos de globalização. A cidade de Davos, na Suíça deixou de sediar o Fórum Econômico Mundial em homenagem à cidade norte-americana, ainda abalada pela tragédia do World Trade Center. A capital gaúcha, pelo segundo ano consecutivo, foi à sede do Fórum Social Mundial. De 31 de janeiro a 4 de fevereiro, discutiu-se, tanto lá quanto cá, qual globalização deve ser defendida: a baseada em preceitos macroeconômicos ou a que prioriza conceitos humanistas. Não faltaram apelos para que uma ponte fosse erguida entre as duas cidades, mas ainda não surgiu a arquitetura capaz de unir interesses tão distintos e objetivos tão distantes. Mas, para quem crê que um projeto de mundialização deve derrubar as fronteiras da educação, não há dúvida de que foi no Rio Grande do Sul que se priorizou o fim das barreiras da ignorância e a livre circulação internacional do conhecimento.

Nesse sentido, podemos lembrar Charlot¹⁹⁴, redator da carta de conclusão do Fórum Mundial de Educação, quando enfatiza que “sempre se pode conversar, sem a ilusão de que a

¹⁹³ 2002, p. 39

¹⁹⁴ apud Savazoni; Rangel, 2002, p. 45

fala pode resolver tudo, pois existe um conflito de força entre nós e eles: eles priorizam o capital e nós, o desenvolvimento humano.”

Olhando para os números, podemos imaginar quantos “Piaus” desaparecem por dia no mundo, quantas vidas não foram cortadas, perderam-se sem ter a oportunidade de ser mais que um número, que um custo econômico, de se sentir gente nesse mundo global de promessas encantadoras. Morin¹⁹⁵ aponta:

Temos, sem dúvida, uma grande luta entre as antigas formas de pensamento, duras e resistentes à custa de ressecamentos, e esclerosadas, e as novas formas de pensamento que são ainda embrionárias (o que é embrionário é, portanto, frágil, e corre risco de morrer). Estamos nesse ponto e creio que neste domínio entramos num novo começo. Não estamos no fim da história das realizações do pensamento; não alcançamos os limites do gênio humano; longe disso, estamos na pré-história do espírito humano. Não estamos na batalha final, mas na luta inicial: estamos num período inicial no qual devemos repensar as perspectivas de um conhecimento e de uma política dignos da humanidade na era planetária, para que a humanidade possa nascer como tal. E devemos trabalhar no acaso e na incerteza.

Este texto tem um destino certo: a academia e outros prováveis e possíveis. Nesse momento, opto por me deter a educadores e educadoras que se dedicam à construção de uma educação cujo interesse de primeira grandeza é “resistir com inteligência” a essa mercadologização de nossas mais peculiares necessidades vitais. Cullen¹⁹⁶ enfatiza que “o pressuposto é que as práticas educativas, *assumidas criticamente*, se constituem em um forte fator de resistência, frente às estratégias teórico-práticas de um *pensamento único*, como o grande legitimador de uma situação de exclusão e de domínio.”

Nesse sentido, talvez a primeira tarefa a que este estudo se propôs tenha sido uma reflexão a respeito das práticas impostas por um mercado dinâmico às nossas vidas, colonizando vontades, sonhos, essencialidades, dando como certo e inevitável o nosso destino nas mãos do capital. Capital que podemos aqui traduzir por um império nômade que comanda

¹⁹⁵ apud Collares; Moysés & Geraldi, 1999, p.217

¹⁹⁶ 2005, p.4

o mundo e suas prerrogativas de vida. Longe de buscarmos um “cristo” para crucificá-lo, a intenção foi repensar o que naturalizamos nos últimos anos, desde a classificação perversa do mundo em raças, hierarquizados por gêneros, as nossas maneiras de lidar com o trabalho e a exploração de mão-de-obra e do meio ambiente, que nos pareceu um dia inesgotável, à tecnologia laboratorial que quer se fazer inevitável.

Foram muitas as possibilidades abertas, preferi assim, mesmo sabendo ser uma estratégia arriscada, por não querer simplificar algo que é por demais complexo, a nossa vida. O caminho perseguido fora de um árduo (re)significar de palavras, não de uma busca semântica, mas mais que isso, de repensarmos criticamente nossa relação com o mundo através das palavras, pois acredito serem as palavras, em nossa sociedade, tudo o que temos ou que não temos, na relação dialógica, de poder e simbolismo. A simbiose poder e simbolismo, impregnada nas palavras, fora o norte deste trabalho, por acreditar que fomos civilizados e ainda continuamos a ser por palavras. Estamos comprando palavras, estamos vivendo palavras, estamos morrendo por palavras. Isso é o cerne de nossa “humanidade”, talvez estejamos priorizando palavras que nos destruam. Nossa criação não significa nosso domínio sobre ela. A dinâmica do mundo é maior que nossas vontades.

Assim, este trabalho procurou, mesmo que de forma breve, pensar nossa sociedade, as relações de poder estabelecidas, as maneiras como estamos empreendendo saúde, trabalho, vida. Como não seria possível analisar o mundo, este estudo partiu de uma pequena cidade mineira, analisando suas maneiras de se relacionar com e no mundo, fazendo um transcorrer sucinto de suas histórias, de seus casos, o ordinário de suas relações, mergulhando no cotidiano de bananeiros que, a meu ver, representam quem tem que sobreviver nas regras de mercado, constitui-se nelas, reinventam suas bases. Sem cair em generalizações, descrever esse cotidiano evidenciou que o local e o global estão imbricados. É devaneio querer isolar uma comunidade, desde as práticas de vestuários, alimentares, relações de gênero, (comparti)

mentalização que fazemos de nosso corpo, de nosso dia-a-dia, maneiras de relacionar no mercado, o singular se faz entre tradições e traduções de modos de vida num mundo global.

Nas palavras de Cullen¹⁹⁷, nós, educadores, necessitamos de

aumentar nossa ‘potência de agir’, que, como disse Spinoza, consiste em poder constituirmo-nos em causa adequada do que sucede, e não sermos meramente passivos frente ao que acontece. A única forma de nos constituirmos em causa adequada, quer dizer, em ‘agentes’, é entender *criticamente* o que acontece, e não ficarmos submetidos a um mero jogo de causas exteriores, que nos despotencializa e nos entristece, porque então ‘não temos nada que fazer’, ou ‘isso ninguém muda’ ou ‘não temos outra alternativa que seguir andando’.

Nessa perspectiva, uma questão que podemos nos fazer é, por exemplo: o que significa uma escola pública hoje? Quando volto mais especificamente para minha prática pedagógica, transcorro os discursos em que me formei e percebo que esses, muitas vezes, focalizavam, distorciam uma realidade. Nós, professores, temos uma forte tendência em nos culpar por um aluno que não aprende, por uma escola desarticulada, isso porque nos parece faltar competência técnica. Quando paramos para pensar, percebemos que a maioria dos discursos que seguimos não experenciam mais o que se tornou o dia-a-dia da atual escola pública.

Assim, questiono-me a respeito do nosso comprometimento político com a realidade pesquisada. O mundo acadêmico parece pouco se afetar, se, de hoje para amanhã, alguns de seus sujeitos de pesquisa morrerem no tráfico, perderem suas rendas, forem terminantemente excluídos sociais. Não digo os pesquisadores, mas a couraça que nos cerca, que nos livra das intempestivas do mundo que pesquisamos. Percebendo ou não, estamos vendendo a idéia de que a universidade tem a solução. Só que não deixamos claro que quem entra na universidade que pode ser a solução. Sobrevivemos de pesquisas que dão “ibope” muitas vezes, ao mesmo tempo em que temos nossas palavras cortadas quando essas ferem interesses políticos

¹⁹⁷ 2005, p.6

maiores, como é o caso de alguns exemplos divulgados na reportagem da IstoÉ¹⁹⁸ “*James Hansen, o pesquisador da Nasa está proibido de dar entrevista e de falar sobre o aquecimento global*”; “*Gilberto de Nucci, a Anvisa me persegue porque meus estudos comprovam a ineficácia da grande maioria dos remédios aprovados pela agência e que circulam no mercado*”; “*Débora Diniz, seus estudos apontam os benefícios do aborto para as mulheres em casos de má-formação fetal*”. Ou, como divulgado no jornal Estado de São Paulo¹⁹⁹, “*Regina Soares Jurkewicz foi demitida depois de dois dias em que a doutoranda em Ciência da Religião pela PUC-SP lançou o livro Desvelando a Política do Silêncio: Abuso Sexual de Mulheres por Padres no Brasil.*”

Nas palavras de Cullen²⁰⁰, “um problema particular dentro da redefinição do público é resistir à visão iluminista, que tendeu a contrapor-lo ao *popular*. O tema da educação popular é um tópico que pode ser pensado para insistir na idéia da ‘escola como vigência do público’”.

Quando se fala de redefinição do público, é importante atentar não só para a crise de um modelo político, ligado à representação mais ou menos qualificada, como única forma de democracia, mas também para os novos papéis que têm os movimentos sociais e a sociedade civil em seu conjunto, atentos, contudo, ao risco corporativista e a uma simplificada maneira de situar a influência do mercado.

Cullen²⁰¹ ainda aponta:

Isso leva a compreender o público, como um espaço de diálogo, de contraste e, inclusive, de conflitos, solucionáveis a partir do diálogo de razões e não através de imposição de poderes. Tudo isso se traduz em uma pedagogia do público, entendido como o âmbito da pergunta, da construção, da articulação, da significação. Isso que Bachelard chamava de “racionalismo ensinante”, quer dizer: aberto e exposto permanentemente ao diálogo, certamente assimétrico entre aquele que ensina e aquele que aprende, mas onde o saber, não se aloja em um lugar determinado por posições de poder, mas sim no próprio movimento da interrogação contínua.[...] o público não é somente o espaço *de* todos e aberto sempre ao novo, mas é também o espaço

¹⁹⁸ Wiziack, 2007

¹⁹⁹ Diniz, 2006

²⁰⁰ 2005, p.7

²⁰¹ 2005, p.8-9

para todos e, por isso mesmo, aberto sempre ao outro enquanto outro. É o espaço da justiça [...] A título de síntese do debate atual, condensamos a discussão em, ao menos, três posições: reconstrução normativa do contrato social, desconstrução crítica das representações políticas, que permita radicalizar a democracia como “aposta”, e postulação de um espaço público intercultural. No atual contexto da globalização, claramente injusto e de pensamento único, quer dizer, secularização disfarçada de pseudo-monoteísmo, é necessário repensar os contratos e as apostas.[...]Ao contrário, só mediando um espaço público intercultural é possível priorizar a justiça, em sentido forte, sobre a mera equidade contratual ou a mera fidelidade ao acontecimento. Na educação cidadã, os desafios são trabalhar o pertencimento, como crítico e aberto, e insistir na igualdade e no direito, mas como vigente e concreto. A questão “intercultural” (que não é mero multiculturalismo) e os novos movimentos sociais são talvez sinais de um caminho a recorrer.

Percebo que este estudo foi importante a partir do momento em que me ajudou a entender melhor as teias que me atrelam a essa “sociedade da informação”, bem como as implicações mercadológicas impregnadas em nossos modos de vida. Certamente continuo a buscar políticas públicas que valorizem a cultura local, políticas que possam nos impedir de nos vender aos pedaços. Todavia, tenho um melhor entendimento de que isso não se empreende do dia para a noite, segundo a vontade de um ou alguns, visto que se trata de uma questão de fortalecimento cultural. São anos e anos nos formando e tentando buscar o que está bem distante de nós, num laboratório talvez, num shopping, num mundo que dominou nossa mente que embora não saibamos do que se trata, pomo-nos a desejá-lo ardentemente.

Colonizaram-nos em nosso desejo mais peculiar, o amor ao novo, criando-nos uma certeza de que há algo melhor do que hoje, do que isso que temos, do que as pessoas com as quais convivemos, confinamos assim, por idealizar o nosso mundo perfeito. O mundo que iríamos construir com as próprias mãos. Mesmo que tivéssemos que negar nossa história, amputar nossos membros, mesmo que fosse necessário abrir mãos de nossas essencialidades em troca de um novo, mesmo não dando conta de sua extensão, nos consumimos ao consumir. A arte de cultivar foi a violência que cometemos contra a vida. Fomos ardilosos em driblá-la, cortá-la, podá-la, manipulá-la, entender seus desejos para poder dominá-la, afagar para que

crecesse e não se arrependesse de ter nascido. No entanto, essa arte milenar não foi capaz de fazer a vida desistir de ser vida.

Ao buscar terminar este estudo, tenho plena consciência de minhas limitações no trato de muitos dos meus “mortos”. Entretanto, espero que minhas palavras possam dialogar com outras palavras, outras vozes e que, futuramente, eu mesma, revisitando meus “mortos”, talvez possa “ressuscitá- los” com outros olhares, outras perspectivas.

Assim, termino este trabalho com o poema *Súmula* de Herberto Helder²⁰²

Minha cabeça estremece com todo o esquecimento.
 Eu procuro dizer como tudo é outra coisa.
 Falo, penso. Sonho sobre os tremendos ossos dos pés.
 É sempre outra coisa, uma só coisa coberta de nomes.
 E a morte passa de boca em boca com a leve saliva, com o terror que há sempre
 no fundo informulado de uma vida. Sei que os campos imaginam as suas próprias rosas.
 As pessoas imaginam os seus próprios campos de rosas. E às vezes estou na frente dos campos
 como se morresse; outras, como se agora somente eu pudesse acordar.
 Por vezes tudo se ilumina. Por vezes canta e sangra. Eu digo que ninguém se perdoa no tempo.
 Que a loucura tem espinhos como uma garganta. Eu digo: roda ao longe o outono, e o que é o outono?
 As pálpebras batem contra o grande dia masculino do pensamento.
 Deito coisas vivas e mortas no espírito da obra. Minha vida extasia-se como uma câmara de tochas.
 - Era uma casa - como direi? - absoluta. Eu jogo, eu juro. Era uma casinfância.
 Sei como era uma casa louca. Eu metias as mãos na água: adormecia, relembrava.
 Os espelhos rachavam-se contra a nossa mocidade.
 Apalpo agora o girar das brutais, líricas rodas da vida.
 Há no esquecimento, ou na lembrança total das coisas, uma rosa como uma alta cabeça,
 um peixe como um movimento rápido e severo.
 Uma rosapeixe dentro da minha idéia desvairada. Há copos, garfos inebriados dentro de mim.
 - Porque o amor das coisas no seu tempo futuro é terrivelmente profundo, é suave, devastador.
 As cadeiras ardiam nos lugares. Minhas irmãs habitavam ao cimo do movimento como seres asmados.
 Às vezes riam alto. Teciam-se em seu escuro terrífico.
 A menstruação sonhava podre dentro delas, à boca da noite.
 Cantava muito baixo. Parecia fluir. Rodear as mesas, as penumbras fulminadas.
 Chovia nas noites terrestres. Eu quero gritar paralém da loucura terrestre.
 - Era húmido, destilado, inspirado. Havia rigor. Oh, exemplo extremo. Havia uma essência de oficina.
 Uma matéria sensacional no segredo das fruteiras, com as suas maçãs centrípetas
 e as uvas pendidas sobre a maturidade.
 Havia a magnólia quente de um gato. Gato que entrava pelas mãos, ou magnólia
 que saía da mão para o rosto da mãe sombriamente pura.
 Ah, mãe louca à volta, sentadamente completa.
 As mãos tocavam por cima do ardor a carne como um pedaço extasiado.
 Era uma casabsoluta – como direi? – um sentimento onde algumas pessoas morreriam.
 Demência para sorrir elevadamente. Ter amoras, folhas verdes, espinhos
 com pequena treva por todos os cantos. Nome no espírito como uma rosapeixe.
 - Prefiro enlouquecer nos corredores arqueados agora nas palavras.
 Prefiro cantar nas varandas interiores. Porque havia escadas e mulheres que paravam

²⁰² 2005

minadas de inteligência. O corpo sem rosáceas, a linguagem para amar e ruminar.
O leite cantante. Eu agora mergulho e ascendo como um copo.
Trago para cima essa imagem de água interna.
- Caneta do poema dissolvida no sentido primacial do poema.
Ou o poema subindo pela caneta, atravessando seu próprio impulso, poema regressando.
Tudo se levanta como um cravo, uma faca levantada. Tudo morre o seu nome noutra nome.
Poema não saindo do poder da loucura. Poema como base inconcreta de criação.
Ah, pensar com delicadeza, imaginar com ferocidade. Porque eu sou uma vida com furibunda
melancolia, com furibunda concepção. Com alguma ironia furibunda.
Sou uma devastação inteligente. Com malmequeres fabulosos. Ouro por cima.
A madrugada ou a noite triste tocadas em trompete. Sou alguma coisa audível, sensível.
Um movimento. Cadeira congeminando-se na bacia, feita o sentar-se.
Ou flores bebendo a jarra.
O silêncio estrutural das flores.
E a mesa por baixo.
A sonhar.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemologia.** In: FREITAS, M.T.;JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (orgs.). Ciências Humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **O pesquisador e seu outro.** São Paulo: Musa, 2001.
- _____. **Um estrangeiro do interior:** reflexões sobre a pesquisa com meninos de rua. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia UFRJ/IMAGO/CNPQ, 1996, v.48, n.2, p. 105-123.
- _____. **O texto de pesquisa como objeto polifônico.** Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia UFRJ/IMAGO/CNPQ, 1998, v.50, n.4, p. 79-88.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- AS MINAS GERAIS. **Piau.** Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/frame.asp?urlconteudo=http%3A%2F%2Fwww%2Easminasgerais%2Ecom%2Ebr%2FZona%2520da%2520Mata%2FUnivlerCidades%2Findex%2Ehtm>. Acesso em: 22 dez.2005.
- BALDI, Neila. BID destina US\$ 60 milhões à Embrapa. **Gazeta Mercantil.** Editora JB S/A: 21 fev.2005. Disponível em: <http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=179204>. Acesso em: 22 dez.2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BECK, Ulrich. A Reinvenção da Política. In: GIDDENS, A., BECK, U. & LASH, S.: **Modernização Reflexiva:** política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.
- BELAS, José Luiz. **Algumas reflexões sobre o texto: "o narrador"**. UFF, 1994. Disponível em: <http://www.jlbelas.psc.br/texto02.htm>. Acesso em: 21 dez.2005.
- BÉRUBÉ, Nicolas; BENOIT, Aquin. **Chiquita's Children.** Global Policy Fórum. Disponível em: <http://www.globalpolicy.org/soecon/tncs/2005/0510chiquitaschildren.htm>. Acesso jun.2005.
- BORBA, Tomás; GRAÇA, Fernando Lopes. Dicionário de música. **Polifonia.** Lisboa: Edições Cosmos, 1963, p. 392.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **A nova bíblia de Tio Sam.** In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/bourdieuor.php>. Acesso em: 20 jun.2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- BRANQUINHO, Fátima. **Contribuição da Antropologia da Ciência a Educação em Ciência, Ambiente e Saúde.** In: 27ª Reunião anual da Anped, 2004. Caxambu, MG: 2004

BRATTON, Benjamin H. **A premissa da arquitetura recombinante**. RIZOMA.NET. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=151&secao=anarquitectura>. Acesso em: 15 dez.2005.

BRASIL. **Instrução Normativa n.º 41, de 21 de junho de 2002**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária, que determina os procedimentos a serem adotados pelas unidades da federação onde for detectada a presença da praga Sigatoka Negra - *Mycosphaerella fijiensis* (Morelet) Deighton. Brasília, DF, 2002.

BRIONES, Pablo Lazo. **El nuevo panóptico multicultural**. In: Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, Coyoacán, México. Disponível em: www.filosoficas.unam.mx/~s.acad/pablolazo.pdf. Acesso em: 17 jan. 2006.

CARNEIRO, Raquel. **Informática na Educação: representações sociais do cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CHEVITARESE, L. & PEDRO, R.: **Risco, Poder e Tecnologia: as virtualidades de uma subjetividade pós-humana**. In: Anais do Seminário Internacional de Inclusão Social e as Perspectivas Pós-estruturalistas de Análise Social. Recife: CD-ROM, 2005, 27p. Disponível em: <http://www.saude.inf.br/filosofia/riscopoder.pdf>. Acesso em: 15 dez.2005.

CHRISTOPH, Túrcke. A vida é bela: o amor fati de Nietzsche no cinema. **Impulso**. Piracicaba, v.12, n.28, p.123-127. ISSN 0103-7676. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/impulso28.pdf>. Acesso em: 15 dez.2005.

CLARETO, Sônia Maria. **Etnografias e pesquisa interpretativas: crises da modernidade e enfrentamento de seus impactos**. In: Anais do Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Bauru: 2004.

COLLARES, C.A.L.; MOYSÉS, M.A.A.; GERALDI, J.W. Educação continuada: a política da descontinuidade. **Educação & Sociedade**, ano XX, n° 68, dez.1999.

COLETIVO LEMTO – UFF - Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades. **O uso político do espaço: as estratégias espaciais inscritas nos conflitos sociais da América Latina**. RIZOMA.NET Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=199&secao=anarquitectura>. Acesso em: 15 dez.2005.

CRITICAL ART ENSEMBLE. **Distúrbio eletrônico**. São Paulo: Conrad, 2001. Disponível em: <http://www.critical-art.net/books/ted/index.html>. Acesso em: 21 dez.2006

CULLEN, Carlos A. **Resistir e insistir com inteligência crítica**. In: Anais da 28ª Reunião Anual da Anped. Caxambu, MG: 2005. Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/gt17/Cullen.doc>. Acesso em: 30 out.2006.

D'AMBROSIO, Oscar. **Bioteconologia admirável mundo transgênico**. Jornal da UNESP: Out/2000, ano XVI, n° 151. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci/jornal/151/biotechno.htm>. Acesso em: 20 out.2006.

DAVID, Garcia; Lovink, Geert. **O ABC da mídia tática**. RIZOMA.NET Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=131&secao=intervencao>. Acesso em: 15 dez.2005.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226. Tradução de Peter Pál Pelbart. RIZOMA.NET Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=128&secao=intervencao>. Acesso em: 15 dez.2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995. Disponível em: <http://www.sabotagem.revolt.org/>. Acesso em: 29 dez.2005

DIAS, Maria Helena Pereira Dias. **Encruzilhadas de um labirinto eletrônico**: uma experiência hipertextual. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~hans/mh/principal.html>. Acesso em: 24 fev.2005.

DINIS, Laura. Igreja afasta quem denuncia abuso. Estado de São Paulo: 03 jul.2005.**GTPOS**. Disponível em: <http://www.gtpos.org.br/index.asp?Fuseaction=Informacoes &ParentId=363>. Acesso em: 21 dez.2006

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Consideração do poema**. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/poema024.htm>. Acesso em: 22 dez.2006.

FALLONIWEBSITE. **A banana**. Disponível em: http://falloniwebsite.tripod.com/a_banana.htm. Acesso em: 21 dez.2005.

FAO (*Food and Agriculture Organization*) Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. **The World Banana Economy: 1985-2002**. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/007/y5102e/y5102e00.htm> en - 9k - 10 Nov 2004. Acesso em: 12 ago.2005.

FILHO, P. F.; ORMOND, J. G. P. & PAULA, S. R. L. **Fruticultura brasileira**: a busca de um modelo exportador. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/set908.pdf>. Acesso em 24 out.2005.

FIORAVANÇO, João Caetano. **Mercado mundial da banana**: produção, comércio e participação brasileira. Informações Econômicas, SP, v.33, n.10, out. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Graciano Barbachan. Data Publicação Original: 1970. Data da Digitalização: 2004. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org. Acesso em: 21 dez.2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org. Acesso em: 21 dez.2006

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática pedagógica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org. Acesso em: 21 dez.2006

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra: Ecopedagogia e educação sustentável**. In: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y el Caribe. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/torres/gadotti.pdf>. Acesso em: 03 mar.2004.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARCIA, José Luís. **O capitalismo biotecnológico e o espectro do eugenismo liberal**. Le Monde Diplomatique, nº56, Ano 5, Novembro, 2003, pp. 1-3. Disponível em: http://www.ics.ul.pt/corpocientifico/joseluisgarcia/papers/capitalismo_biotec_lemonde.pdf. Acesso em: 20 ago.2006

GASPARINI, Bruno. **Uma análise crítica dos paradigmas jurídicos e econômicos no atual contexto sócio-político ambiental que fundamenta a utilização da transgenia na agricultura brasileira**. Dissertação. Curitiba, UFPR, 2005. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/2617/1/Disserta%E7%E3o+PDF+definitiva.pdf>. Acesso em: 03 jan.2007.

GÒMEZ, José Antonio Caride. **La Educación Ambiental en el Desarrollo Humano: horizontes para la sustentabilidad ecológica y la responsabilidad social**. In: Ministerio de Medio Ambiente, CENEAM, Firma de mes, octubre, 2001, Espanha. Disponível em: <http://www.mma.es/educ/ceneam/02firmas/firmas2001/caride.htm>. Acesso em: 21 nov.2005.

GOMIDE, Miguel Ribeiro. **Piau uma interrogação histórica**. Jornal de Minas, Belo Horizonte, fundado em 1935, n. 18.957, 03 maio 1983.

GUERRA, Andréa. **Do Holocausto nazista à nova eugenia no século XXI**. In: ComCiência, Genética Humana, No. 73, 10/02/2006 Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=8&id=44>. Acesso em: 15 fev. 2006.

GUSMÃO, Denise Sampaio. **Por uma estética da delicadeza: ressignificando contos e imagens nas roças de Minas**. Dissertação. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2004.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 13-19. Tradução de Suely Rolnik. SOMOS TODOS GRUPELHOS. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=167&secao=intervencao>. Acesso em: 15 dez.2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2003.

HANSEN, J.A. **A civilização pela palavra**. In: LOPES, E.M.T; FILHO, L.M.F.; VEIGA, C.G. (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.19-41.

HELDER, Herberto. **Súmula. TRIPLOV**. Disponível em: http://www.triplov.com/herberto_helder/sumula.htm. Acesso em: 22 ago.2005.

IMA. **Sistema de Mitigação de Risco**. Disponível em: http://www.ima.mg.gov.br/site_ima/servicos/sanidade_vegetal/sigatoka/sigatoka4.htm. Acesso em: 21 Ago.2006.

ISTO É. **Grandes Negócios que quebraram o Brasil: roteiros inacabados do Faraó Ernesto Geisel**. Edição 1229, de 21 abr.1993. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoe/confere/index_confere_5.htm. Acesso em: 21 ago.2005.

KLEIN, Naomi. **Sem Logo: A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido**. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org. Acesso em: 21 dez.2006

KONDER, Leandro. **A narrativa em Lukács e em Benjamin**. Revista Semear 7. PUC-Rio. Disponível em: http://www.letas.puc-rio.br/catedra/revista/7Sem_22.html. Acesso em: 22 dez.2005.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. I Seminário Internacional de Educação de Campinas, 24 jul.2001. Disponível em: http://www.campinas.sp.gov.br/smenet/seminario/seminario_pronto_jorgelarrosa.htm. Acesso em: 30 out.2006

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Crise ambiental: educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória**. In: LOUREIRO, C.F.B; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (orgs.). Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Daniel Cassiano. **A bananicultura na área de proteção ambiental da serra de Maranguape-CE e suas implicações no ambiente físico, humano e na biodiversidade**. Dissertação. Ceará: UFCE, 2005. Disponível em: <http://www.prodema.ufc.br/dissertacoes/119.pdf>. Acesso em: 22 dez.2005.

LUTZENBERGER, José A. **O absurdo da agricultura moderna**. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/lutzembergpor.php>. Acesso em: 20 jun.2005.

LUSTIG, Thomas. **The Search For The Perfect Banana**. Swedish Society for Nature Conservation | Report. In: Svenska Naturskyddsföreningen. Disponível em <http://www.snf.se/pdf/rap-eng-theperfectbanana.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2005.

MACHADO, Arlindo. **Vende-se silêncio**. In.:1,99 Um supermercado que vende palavras. Direção: Marcelo Masagão. Manaus: Videolar, 2004. 1DVD.

MACHADO, Irene A. **A Teoria do Romance e a Análise Estético-Cultural de M. Bakhtin** Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/n5/fmachadotexto.html>. Acesso em:21 dez.2005.

MARTINELLI, Orlando; CAMARGO Jose'Marangoni. **Limites e possibilidades do Brasil nas configurações produtivas globalizadas**. Cadeias produtivas globais: as atividades de produção e comercialização de frutas frescas de origem tropical. In: Grupo de Estudo em Economia Industrial, Unesp, 2000. Disponível em <http://geein.fclar.unesp.br/atividades/pesquisaiepa/frutas.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2005.

MASAGÃO, Marcelo. **1,99 Um supermercado que vende palavras**. Direção: Marcelo Masagão. Manaus: Videolar, 2004. 1DVD.

MATTHIESEN, Marina Leite; BOTEON, Margarete. **Análise dos principais pólos produtores de banana no Brasil**. In: Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada,

USP, 2002. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/banana.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2005.

MEDINA, Humberto. Novo diretor da Embrapa apóia agronegócio. **SEAGRI**. Disponível em: <http://www.seagri.ba.gov.br/noticias.asp?qact=view&exibir=clipping¬id=3529>. Acesso em: 21 dez. 2005

MILLÁN, Tomás R. Austin. Para compreender el concepto de cultura. **Unap Educación y Desarrollo**. Chile: Universidad Arturo Prat, Sede Victoria, ano 1, n.1, março, 2000. Disponível em: http://www.geocities.com/tomaustin_cl/ant/cultura.htm. Acesso em: 23 nov. 2006.

MINAS GERAIS. **Portaria N.º 667, de 10 de agosto de 2004 e 678, de 20 de setembro de 2004**: que disciplinam a entrada, o trânsito e o comércio de mudas, frutos, partes de planta da bananeira, caixarias e material de proteção utilizado no acondicionamento e embalagem. Instituto Mineiro de Agropecuária (Autarquia Criada Pela Lei N.º 10.594, De 07.01.92). Belo Horizonte, MG: 2004.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Análise das Ocorrências Registradas pelas Polícias Civis: Janeiro de 2004 a Dezembro de 2005**. Disponível em: http://www.mj.gov.br/senasp/estatisticas/mapacrime/Mapacrime2004_2005.pdf. Acesso em: 22 dez.2006

MONTEIRO, Marko. A pesquisa social na ciência e na biotecnologia. **Educação em Foco**. Juiz de Fora: FAGED/UFJF, v.11, n. 1, março/agosto 2006. Disponível em: <http://www.faced.ufjf.br/>. Acesso em: 15 dez.2005.

MONTEIRO, Roberto Alves. (org.) **Fazendo e aprendendo pesquisa qualitativa em Educação**. Juiz de Fora: FEME/UFJF, 1998.

MONTAURY, Alexandre. **O Delfim, narrativa de entrelinhas**. Revista Semear 5. PUC-Rio. Disponível em: http://www.lettas.puc-rio.br/catedra/revista/5Sem_19.html. Acesso em: 22 dez.2005.

MOURA, Antônio de Paiva. **O Velho Oeste Mineiro**. Antônio de Paiva Moura. Disponível em: <http://www.tratosculturais.com.br/index.asp?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=96>. Acesso em: 22 dez.2005.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NORONHA, Olinda Maria. **De camponesa a “madame”**: trabalho feminino e relações de saber no meio rural. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

NOVAES, Washington. **Guerra à pobreza está sendo perdida**. Estado de São Paulo: 22 dez.2006. Disponível em: <http://txt.estado.com.br/editorias/2006/12/22/opi-1.93.29.20061222.1.1.xml>. Acesso em: 03.jan.2007.

O BRASIL INDUSTRIAL, AGRÍCOLA, COMMERCIAL E POLÍTICO. Rio de Janeiro: redação Rua dos Arcos, 8-A, diretor Carlos Salomonowsky de Bivar. Ano III, Número VI, junho de 1927.

OLINTO, Antônio. **Tempo de Palhaço**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

OLIVA, Oswaldo Muniz. **A globalização e nós à guisa de intróito**. Revista da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, Ano XVI, no 38, 1999. Disponível em: <http://www.esg.br/publicacoes/revistas/1999/revista%20de%201999.pdf>. Acesso em: 12 out.2005.

OMETTO, Vanêssa de Sousa Rinaldo; TOLEDO, Simone Seghese. **Transgênicos e Embrapa**. Anais Conpedi: jun. 2006. Disponível em: <http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/Anais/Vanessa%20de%20Sousa%20Rinaldo%20Ometto%20e%20Simone%20Seghese%20de%20Toledo.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2006.

PASTRE, José Luiz. **Expressão e coexistência: alguns signos em Merleau-Ponty**. Dissertação. Campinas: Unicamp, 2002.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso. **Percalços da industrialização: o caso de Minas Gerais**. Dissertação. Campinas: Unicamp, 2001.

PECORARO, Rosário Rossano. **Nietzsche-renaissance, desconstrução, pensamento fraco**. MORPHEUS publicação on-line semestral - ISSN 1676-2924. Número 06 – 2004. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/Rosario%20Rossano.htm>. Acesso em: 15 jan.2005.

PELBART, Peter Pål. **Biopolítica e Biopotência no coração do Império**. RIZOMA.NET Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=177&secao=intervencao>. Acesso em: 15 dez.2005.

PERLAS Nicanor. **Globalização e Civilização Micaélica**. Disponível em: <http://www.trimembracao.org/essays/1998-10-001.html>. Acesso em: 13 out.2005.

PETRAS, James. **Anti-globalization, militarism and lamabotism**. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal, 24.06.2003. Disponível em: http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bil_james_petras_ing. Acesso em: 20 jun.2005.

PETRAS, James. **A ofensiva dos EUA na América Latina: golpes, retirada e radicalização**. Publicação: 29/08/2002. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal. Disponível em: http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/James_Petras.php. Acesso em: 20 jun.2005.

PETRELLA, Ricardo. **A "primeira planetária". Para construir uma "outra Globalização"**: o Welfare mundial. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal, 29.08.2002. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/petrellapor.php>. Acesso em: 20 jun.2005.

PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo. **Arquitetura e realidade virtual**. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=179&secao=anarquitextura>. Acesso em: 15 dez.2005.

PINHO, Fabiana; FROLDI, Adriane. Bayer CropScience marca presença na Reunião Internacional Acorbat 2006. **LVBA**. Disponível em: http://www.lvba.com.br/portugues/imprensa/release/bayer_0630.php. Acesso em: 26 de dez.2006.

POCHMANN, Marcio. Cadê o social? **Revista Fórum**. São Paulo, 18 jul.2005. Disponível em: http://revistaforum.uol.com.br/vs3/artigo_ler.aspx?artigo=3855d41a-f8ff-46b5-88f1-3fac009fa70f&pagina=1&Query=assistencialismo&Assunto=&Edicao=&Autor=. Acesso em: 05 dez.2005

PONTES, Salvador P. **Nomes Indígenas na Geografia de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1970. p.250.

PORTAL DA FRUTICULTURA DO NORTE DE MINAS. **Sigatoka negra infesta Zona da Mata; Norte de Minas continua livre**. Disponível em: http://www.abanorte.com.br/noticias/destaque/news_item.2005-04-19.9218546743. Acesso em: 21 abr.2005

PROJETO JAÍBA. **O projeto**. Disponível em: <http://www.projetojaiba.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2005.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1997.

ROBERTSON, Roland. **Globalização: Teoria Social e Cultura Global**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

ROUSSET, Pierre. **O ecológico e o social: combates, problemas, marxismos**. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal, 29.08.2002. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/roussetpor.php>. Acesso em: 20 jun.2005.

ROSAS, Ricardo. **Nome: Coletivos, Senha: Colaboração**. RIZOMA.NET Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=170&secao=intervencao>. Acesso em: 15 dez.2005.

SANCHEZ, Fábio. **O fetichismo visto por um subversivo: Os modernos são tão fetichistas quanto os adoradores de totens**. Disponível em: <http://www.prometeu.com.br/vstlatour.asp>. Acesso em 20 nov.2006

SANTOS, Boaventura de Sousa. **As tensões da modernidade**. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal, 29.08.2002. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/boaventura.php>. Acesso em: 20 jun.2005.

SANTOS, João de Almeida. **No Logo**. RIZOMA.NET. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=127&secao=intervencao>. Acesso em: 15 dez.2005.

SANTOS, Milton. **A Transição em Marcha**. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal, 29.08.2002. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/msantos.php>. Acesso em: 20 jun.2005.

SANTOS, Paulo Cesar Carlos dos. **O Filósofo como médico da civilização: a linguagem como um phármakon na filosofia de Nietzsche**. Tese. PUC. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG0599.EXE/6706_4.PDF?NrOcoSis=19103&CdLinPrg=pt. Acesso em: 20 fev.2005.

SARAMAGO, José. **De la justice à la démocratie**. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização

neoliberal, 29.08.2002. Disponível em: http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/tbib_Jose_saramago.php. Acesso em: 20 jun.2005.

SAVAZONI, Rodrigo; RANGEL, Lia. Dois mundos possíveis: fóruns de Porto Alegre e Nova York defendem mundo globalizado, mas só um deles fala de educação. **Educação**. São Paulo, ano 28, n. 251, p.38-50, março 2002.

SILVA, José M.; SILVEIRA, Emerson S. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. Juiz de Fora: Juizforana, 2002.

SIMPSON, Pablo. **Rastro, hesitação e memória: o lugar do tempo na poesia de Yves Bonnefoy**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2006.

SOARES, Maria Lucia de Amorim. **Cidade, cotidiano, cidadania: um olhar ambiental**. In: 29ª Reunião anual da Anped, 2006. Caxambu, MG: 2006

STIGLITZ, Joseph. Globalização produz países ricos com pessoas pobres. **O estado de São Paulo**. São Paulo, 27 set. 2006. Disponível em: <http://txt.estado.com.br/editorias/2006/09/27/eco-1.93.4.20060927.21.1.xml>. Acesso em: 30 nov.2006.

TIERRAMERICA. **Pragas da banana**. Disponível em: <http://www.tierramerica.net/2003/0302/pconectate.shtml>. Acesso em: 12 ago.2005.

TODA FRUTA. Frutas de A à Z: Banana – **O que a Imprensa diz da banana**. UNESP – Jaboticabal, SP. Disponível em: <http://www.todafruta.com.br/>. Acesso em: 15 ago 2005.

TRINDADE, Dinaldo Rodrigues. et al. Doenças da Bananeira no Estado do Pará. **EMBRAPA**. Belém, PA, Ago, 2002. Disponível em: <http://www.cpatu.embrapa.br/online/circular/Circ.tec.27.pdf>. Acesso em: 20 abr.2005.

VANNUCHI, Camilo; CÔRTEZ, Celina. No maravilhoso mundo dos ricos. **IstoÉ**. São Paulo, n.1937, 6 dez.2006.

WALTY, I. L. C.; CURY, M. Z. F. **Intertextualidade**. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/intertextualidade.htm>. Acesso em: 21 dez. 2005.

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. **Transgênicos: uma questão estratégica**. In: Fórum Social Mundial, Biblioteca das Alternativas: Textos sobre o processo FSM (2001 a 2003) e movimento anti-globalização neoliberal. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/weissheimer.php>. Acesso em: 20 jun.2005.

WIKIPEDIA. **Banana**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Banana>. Acesso em: 15 out.2005.

_____. **República das Bananas**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica_de_Bananas. Acesso em: out.2005b

_____. **Organum**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Organum>. Acesso em: 03 mar. 2006.

_____. **Movimento Democrático Brasileiro.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Democr%C3%A1tico_Brasileiro. Acesso em: 03 mar.2006b.

WIZIACK, Julio. A ciência sob pressão. **ISTOÉ.** Ano 30, Edição 1946, de 14 fev.2007.

ZANATTA, Mauro. Sob nova direção, Embrapa ajusta rumo e quer aumentar influência **Valor Econômico.** Disponível em: <http://www.contag.org.br/Clipping/21-02-2005.html#conteudo25>. Acesso em: 23 dez 2005.

ZANCAN, Glaci T. **Transgênicos: ciência, ética e dominação.** Disponível em: http://www.radiobras.gov.br/ct/artigos/1999/artigo_140599.htm. Acesso em: 21 dez. 2005.

ANEXO A

PORTARIA Nº 762 DE 27 DE MARÇO DE 2006.

Disciplina a entrada, o trânsito e o comércio de mudas, frutos, partes de planta da bananeira, plantas de helicônia, caixarias e material de proteção utilizado no acondicionamento e embalagem. O diretor-geral substituto do instituto mineiro de agropecuária - IMA, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 13, incisos I e X, do Regulamento baixado pelo Decreto nº 43.415, de 04 de julho de 2003, combinado com o artigo 2º da Lei nº 10.594, de 7 de janeiro de 1992; considerando a necessidade de se proteger a bananicultura do Estado de Minas Gerais; considerando a importância sócio-econômica dessa cultura que se expande de forma expressiva em várias regiões do Estado; considerando que o Moko da Bananeira (*Ralstonia solanacearum* raça 2) e a Sigatoka Negra (*Mycosphaerella fijiensis* Morelet em seu estágio perfeito, ou *Paracercospora fijiensis* Morelet Deighton em seu estágio imperfeito), conforme consta no processo 21000.002529/98-24, poderão ocasionar significativos prejuízos à bananicultura do Estado; considerando o que estabelecem as Instruções Normativas nº 6, de 13 de março de 2000, nº 11, de 27 de março de 2000 e nº 17, de 31 de maio de 2005 do Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; considerando o que estabelece a Lei Estadual de Defesa Sanitária Vegetal nº 15.697, de 25 de julho de 2005; considerando, ainda, que a folha da bananeira, caixas e material utilizado no acondicionamento, embalagem e transporte de frutos são meios eficientes de disseminação de pragas; considerando, finalmente, o que determina o artigo 36 do Decreto Federal nº 24.114, de 12 de abril de 1934,

RESOLVE:

Art. 1º - Ficam proibidos a entrada, o comércio e o trânsito no Estado de Minas Gerais de cargas de banana, todas e quaisquer cargas mistas contendo banana, materiais propagativos ou partes da bananeira e de plantas do gênero *Helicônia*, inclusive caixas vazias utilizadas no transporte de banana, material de proteção e de acondicionamento, provenientes de Estado contaminado pela Sigatoka Negra e pelo Moko da Bananeira.

Parágrafo primeiro – A proibição estabelecida neste artigo não se aplica a frutos e mudas produzidos em Estado ou área livre de Sigatoka Negra reconhecida pelo Departamento de Sanidade Vegetal – DSV do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - MAPA e sem constatação do Moko da Bananeira, desde que a carga esteja lacrada e acompanhada de Permissão de Trânsito de Vegetal fundamentada no Certificado Fitossanitário de Origem, constando na declaração adicional da Permissão de Trânsito a condição de a carga ser proveniente de área livre da Sigatoka Negra, número da Instrução Normativa que estabelece esta condição, sem constatação do Moko da Bananeira, e número do lacre.

Parágrafo segundo – A proibição estabelecida neste artigo não se aplica a frutos e mudas produzidos em propriedades de outros Estados e do Estado de Minas Gerais, que adotam o Sistema de Mitigação de Risco - SMR para Sigatoka Negra e sem constatação do Moko da Bananeira, desde que a carga esteja acompanhada de Permissão de Trânsito de Vegetal – PTV fundamentada no Certificado Fitossanitário de Origem, constando na declaração adicional da PTV que a partida é originária de unidade de produção onde foi implantado o Sistema de Mitigação de Risco para Sigatoka Negra e sem constatação do Moko da Bananeira.

Art. 2º - Frutos, materiais propagativos ou partes da bananeira e plantas do gênero *Helicônia*, produzidos em Minas Gerais têm trânsito livre se atendidas as seguintes exigências:

- 1- serem originários de áreas livres de Sigatoka Negra reconhecida pelo DSV do MAPA;
- 2- serem originários de unidade de produção onde foi implantado o Sistema de Mitigação de Risco.

Art. 3º- Frutos de bananeira produzidos em Minas Gerais fora das áreas livres e do Sistema de Mitigação de Risco para a Sigatoka Negra somente poderão ser comercializados internamente, fora das áreas livres, e desde que estejam higienizados de acordo com a recomendação da pesquisa.

Art. 4º - Ficam proibidos a entrada e o trânsito em território mineiro de folhas de bananeira, folhas de helicônia ou outras partes destas plantas como material de proteção ou acondicionamento de quaisquer cargas.

Art. 5º - Ficam permitidos a entrada e o trânsito em território mineiro de caixas plásticas novas vazias, “kits” novos de madeira e de papelão para montagem de caixarias nos municípios do Estado de Minas Gerais produtores de banana, sendo obrigatória a apresentação da respectiva nota fiscal de aquisição da mercadoria.

Art. 6º- Ficam permitidos a entrada e o trânsito em território mineiro de caixas plásticas usadas, vazias, mediante exibição de atestado de desinfestação emitido por empresa de prestação de serviço na aplicação de agrotóxico registrada na órgão competente do Estado de Origem, que deverá conter: número de caixas desinfestadas, produto utilizado, dosagem, placa do caminhão, assinatura, carimbo do emitente e prazo de validade compatível com o percurso.

Parágrafo Único – Caixas plásticas usadas, sem o atestado de desinfestação, ficarão retidas pela fiscalização até a sua desinfestação em local e procedimento determinados pelo IMA.

Art. 7º- Ficam proibidos o transporte, o trânsito e o comércio de banana em caixa usada de madeira.

Art. 8^o - Ficam proibidos a entrada e o trânsito de caixas vazias de madeira utilizadas no transporte de banana juntamente com outras caixas, bem como a sua utilização para o transporte de quaisquer outros vegetais.

Parágrafo único – As caixas de madeira utilizadas no transporte de banana deverão ser destruídas no destino juntamente com os materiais utilizados no acondicionamento, embalagem e proteção dos frutos, tais como “pallets”, colarinho, isopor e papelão.

Art. 9^o - O descumprimento do disposto nesta Portaria implica em apreensão e destruição das mudas, frutos e partes da planta de bananeira, plantas de helicônia bem como a totalidade da carga no caso previsto no artigo primeiro e os materiais de acondicionamento previstos nos artigos quarto, quinto, sétimo e oitavo desta Portaria, não assistindo aos infratores direito de indenização ou ressarcimento de eventuais prejuízos, nos termos do artigo 3^o, inciso XXV e artigo 64 do Regulamento baixado pelo Decreto Estadual nº 43.415, de 04 de julho de 2003, além de multa e demais sanções previstas no artigo 11 da Lei Estadual de Defesa Sanitária Vegetal nº 15.697, de 25 de julho de 2005.

Art. 10^o - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação e revoga as disposições em contrário, especialmente a Portaria nº 728 de 06 de outubro de 2005.

Belo Horizonte, 27 de março de 2006.

Pedro Luiz Ribeiro Hartung

Diretor-Geral Substituto

Fonte: http://www.ima.mg.gov.br/site_ima/legislacao/portarias_pdf/0762.pdf

ANEXO B

Sementes transgênicas, contaminação, royalties e patentes. O que isso tem a ver com você?

Introdução

Desde a última safra, os jornais, rádios e até a televisão noticiaram coisas como: **Agricultores terão que pagar royalties a Monsanto**. *Transgênicos, Royalties, contaminação genética, patentes, “propriedade intelectual”* são palavras e expressões cada vez mais ouvidas por **agricultores e agricultoras** do mundo todo graças à introdução das sementes transgênicas na agricultura. A partir desta safra, pela primeira vez, estão sendo vendidas oficialmente no mercado brasileiro sementes de soja geneticamente modificadas. Isso traz **consequências sérias** tanto para quem escolheu plantar transgênicos como para quem vai continuar com suas lavouras convencionais ou ecológicas. O **pagamento de royalties** é uma das consequências do plantio de sementes transgênicas, mas não é a única. O agricultor que planta sementes transgênicas fica vinculado, através de um contrato, à empresa **dona da patente** da semente. Infelizmente, através da **contaminação genética**, as consequências do plantio de sementes transgênicas vêm atingindo até mesmo o agricultor que plantou **sementes convencionais ou orgânicas**. Esta cartilha fala sobre estes assuntos, com objetivo de esclarecer dúvidas comuns sobre estes fatos e também de auxiliar o agricultor a prevenir-se de **situações graves** que podem começar a ocorrer por causa da disseminação das lavouras transgênicas. Muito se fala em Sementes Transgênicas...mas você sabe o que são? As sementes transgênicas são sementes criadas a partir da introdução de partes de animais ou outras plantas nas sementes naturais. A semente de soja RR, a soja transgênica resistente ao Roundup que está sendo comercializada no Brasil, por exemplo, surge a partir da introdução de uma parte de uma bactéria na semente da soja. Isso muda a natureza da semente, fazendo com que seja criado um outro tipo de ser vivo. **Bactéria**: é um pequeno organismo, que só pode ser enxergado se utilizarmos um aparelho específico para isso, um microscópio. As bactérias são responsáveis por causar algumas doenças conhecidas, como a tuberculose. Mas há também as bactérias benéficas, como as presentes nas raízes de plantas leguminosas e que fixam nitrogênio do ar. **Genes**: são moléculas muito pequenas que se encontram dentro de cada célula de todos os organismos vivos existentes (animais, plantas, vírus...), e são eles que definem as características destes seres. Nos humanos, por exemplo, os genes são os responsáveis, entre outras coisas, pela cor do cabelo, dos olhos, estatura e até mesmo pelo desenvolvimento de certas doenças. As palavras “transgenia” e “transgênicos” derivam da junção das palavras “gene” e “trânsi-to”, já que nestes casos ocorre justamente o trânsito de genes de uma espécie de ser vivo para outra. A técnica usada pelos cientistas para formar as sementes transgênicas é chamada de “engenharia genética”. Esta tecnologia tem este nome porque envolve a manipulação dos **genes, que são as partes** dos seres vivos responsáveis pelo desenvolvimento de suas características. Ou seja, os genes ajudam a determinar que cor será o cabelo, os olhos, se a pessoa será alta ou baixa, etc. Nas plantas, os genes ajudam a determinar, por exemplo: o tamanho das sementes, sua cor, seu peso, o sabor... A transgenia significa utilizar cruzamentos artificiais, feitos em laboratórios, para inserir genes de uma espécie (como uma planta, por exemplo) em outra espécie (um animal, por exemplo). Existem atualmente no mercado mundial só dois tipos de plantas transgênicas: plantas resistentes a herbicidas e também plantas inseticidas, que matam alguns tipos de insetos.

A Agricultura e o melhoramento genético

Os agricultores e principalmente as agricultoras perceberam há muito tempo a possibilidade de adaptar as características das plantas em ambientes diferentes ou ainda para atender a determinadas necessidades. Por isso é muito comum que os agricultores escolham as melhores plantas para retirar as sementes e as mudas, ou ainda promover o cruzamento entre plantas com características diferentes para melhorá-las. Foi assim, através desta atividade, que foram desenvolvidas muitas variedades diferentes de milho, feijão e outros alimentos.

Mas isso é totalmente diferente da transgenia: o melhoramento feito pelos agricultores e agricultoras é sempre entre a mesma espécie ou entre espécies semelhantes e envolve cruzamentos naturais. Já a transgenia é um processo caro e só pode ser feito em laboratório. Por isso, está errado quem diz que a biotecnologia é uma continuação do melhoramento genético tradicional. O Cultivo de OGMs no Mundo e os resultados para a agricultura. O cultivo de plantas geneticamente modificadas é realizado há cerca de 10 anos, principalmente nos EUA, Canadá e Argentina. Neste tempo já é possível avaliar os resultados reais deste tipo de cultivo. Apesar da grande propaganda feita pelas empresas que vendem sementes transgênicas e agrotóxicos, o que realmente ocorreu **é que está provado que os transgênicos não trazem mais benefícios para o agricultor**.

Veja algumas destas informações:

Produtividade

Está comprovado que as sementes transgênicas não têm maior produtividade que as sementes convencionais. A produtividade de todas as variedades de soja transgênica se revelou 13% menor do que as convencionais recomendadas, nas pesquisas realizadas em Cruz Alta (RS) pela Fundacep. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos aponta uma redução de produtividade da soja transgênica entre 5 e 11% em relação às convencionais. Na Argentina, onde se cultiva soja transgênica há 09 anos o rendimento da produção de soja transgênica é igual e em alguns casos, menor que o da soja convencional.

Transgênico sofre mais com a seca

Veja abaixo uma reportagem publicada no Jornal Gazeta Mercantil: Com a seca entrando praticamente no 50º dia, um sojicultor de Capão Grande (RS) notou que uma parte de suas lavouras estava menos viçosa e mais murcha que as demais áreas. “Até mesmo os vizinhos notaram”, explica. Justamente naquela área, tinha plantado soja transgênica pirata. (...) Ele calcula que produtividade possa ser até 10% menor que a de variedades [convencionais] certificadas. (...) As perdas provocadas pela seca exclusivamente aos organismos geneticamente modificados, no entanto, não são mensuráveis, embora as estimativas de agricultores indiquem que a soja transgênica tenha tido desempenho de 10% a 25% inferior que a convencional certificada sob estresse climático. (Gazeta Mercantil, 10/03/2005)

Controle de Ervas daninhas e Insetos

As sementes transgênicas foram criadas para criar resistência aos agrotóxicos usados para matar as ervas daninhas e também a alguns insetos que atacam as lavouras. Uma consequência do plantio de sementes transgênicas tem sido o aumento da resistência das ervas daninhas, chamadas de “inço” em algumas regiões. No Rio Grande do Sul há casos de azevém resistente ao herbicida glifosato. Além disso, plantas como a trapoeraba, a corda de viola, a erva de touro, a erva-de-Santa-Luzia, o agriãozinho e o capim-barbicha-de-alemão também são consideradas tolerantes ao glifosato e estão espalhando-se pelas lavouras no Rio Grande do Sul. Na Argentina, por exemplo, apareceram nas lavouras de soja pelo menos 09 tipos de plantas resistentes ao glifosato. Lá, os agricultores que plantam soja, já precisam fazer muitas aplicações de glifosato para conseguir controlar estas plantas, o que aumentou o custo da produção, a contaminação ambiental e os problemas de saúde dos agricultores.

Impactos sobre a saúde

Até hoje foram realizados poucos estudos sobre o impacto dos alimentos geneticamente modificados na saúde humana. Mesmo assim, existem estudos que comprovaram o aumento das alergias e da resistência a antibióticos. Por este motivo, os consumidores preferem consumir alimentos que não contenham transgênicos.

Atenção! Os alimentos e também a ração animal que contenham transgênicos devem trazer na embalagem, o seguinte rótulo:



Uma pesquisa realizada no Brasil em 2003 constatou que 93% dos consumidores nas cidades preferem consumir produtos não transgênicos. **As empresas que produzem transgênicos não têm compromisso com divulgar estas informações. Veja o que disse um executivo da Monsanto:** “A Monsanto não tem que garantir a segurança dos alimentos transgênicos. Nosso interesse é vender o quanto mais possível.” – Phil Angell, diretor de comunicação da Monsanto

Contaminação

Um dos problemas mais graves em relação ao cultivo de plantas transgênicas é o da contaminação de lavouras convencionais ou ecológicas por lavouras transgênicas. Isso acontece porque é praticamente impossível controlar a forma de reprodução das plantas: o vento, os insetos, pássaros, a água da chuva fazem com que o pólen de uma planta atinja plantas localizadas a muitos quilômetros de outra. Este processo é imprevisível, mas é maior nas plantas que possuem a chamada “polinização cruzada” como é o caso do milho e do algodão. Nestas culturas, a reprodução sempre depende do cruzamento entre plantas. O transporte do pólen é realizado através do vento, dos insetos, dos pássaros e até da água. Mesmo no caso da soja, que é uma planta que se “auto fecunda” um estudo da Embrapa concluiu que a taxa de polinização é em torno de 6%. No entanto, relatos de agricultores do Rio Grande do Sul, que foram vítimas da contaminação levam a crer que o nível de contaminação pode ser ainda maior. Isso pode fazer até com que sementes não transgênicas já venham com algum nível de contaminação, criando enormes problemas para os agricultores e agricultoras.

Conseqüências da Contaminação

Várias são as conseqüências que podem ocorrer como resultado da contaminação das lavouras: • *O agricultor pode perder preço da sua produção, já que a produção transgênica tem um preço menor.* • *O agricultor pode ser processado pela empresa dona da patente da semente e ser obrigado a pagar royalties, além de sofrer processos judiciais pela utilização indevida da tecnologia.* • *Uma lavoura pode deixar de ser agroecológica se for contaminada;* • *Perda de variedades tradicionais ou crioulas;* • *Perda da biodiversidade e da quantidade de tipos diferentes de semente.* Além disso, graças à contaminação, é difícil que o agricultor consiga converter sua lavoura para convencional, depois de ter começado a cultivar transgênicos. Isso acontece porque depois de cada colheita, sobram sementes no solo ou nas máquinas e implementos. Estas sementes, que são transgênicas, nascem e contaminam a produção convencional.

O que é possível fazer contra a contaminação?

A lei de Biossegurança (lei 11.105) determina que o produtor de transgênicos deve ser responsabilizado - mesmo que não tenha culpa - por danos causados a terceiros. A contaminação das lavouras dos vizinhos é um destes danos. Além disso, o Código Civil brasileiro, regulamenta os chamados “Direitos de Vizinhança” e **estabelece que a atividade desenvolvida por um vizinho não pode prejudicar outro.** Assim, quem planta transgênicos é obrigado a tomar todas as medidas para evitar a contaminação: **deixar uma distância da lavoura vizinha, plantar outro tipo de cultura entre a lavoura vizinha e a produção transgênica e ainda avisar seu vizinho que o cultivo é transgênico.** O produtor de transgênicos ainda precisa deixar esta informação anotada em todas as notas do produtor, porque o produto transgênico tem que ser rotulado em todas as fases da Cadeia Produtiva. Mesmo que tome todas estas providências, se ocorrer a contaminação, o produtor de transgênicos é obrigado a pagar uma indenização ao agricultor contaminado. Se você suspeita que pode ter ocorrido a contaminação de sua produção, o melhor caminho é procurar o Ministério Público de sua cidade e ainda a Secretaria Estadual de Agricultura e as Delegacias Regionais do Ministério da Agricultura.

Mas nenhuma das medidas citadas acima garante 100% de resultado. No mundo todo, a única forma de evitar a contaminação tem sido a criação de áreas ou regiões inteiras livres de transgênicos. Para isto é necessário a mobilização de toda a comunidade.

Cultivo de Transgênicos no Brasil: Como está a situação?

O único cultivo comercial autorizado no Brasil é o da Soja RR, patenteada pela Monsanto.

É preciso lembrar que o Poder Judiciário ainda não definiu a legalidade deste plantio, sendo que até agora, a maior parte das decisões dos juízes neste processo foi no sentido de que a autorização dada pelo Governo foi ilegal. Apesar das decisões judiciais proibindo a comercialização e o plantio da soja RR, o Poder Executivo, através de 03 medidas provisórias convertidas em lei, autorizou o plantio para agricultores que tinham reservado sementes transgênicas para uso próprio nos anos de 2003 e 2004. O governo exigiu que estes agricultores assinassem um documento chamado Termo de Responsabilidade e Ajustamento de Conduta, que

entre outras exigências, responsabilizava o produtor por qualquer dano decorrente do plantio de soja transgênica. Depois, o Congresso Nacional aprovou a Lei de Biossegurança (lei n 11.105), que entrou em vigor em maio de 2005 e permitiu a comercialização de sementes de soja transgênica. Logo após a aprovação desta lei, o Procurador Geral da República entrou com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade contra a lei de Biossegurança. Isso significa que há chances do Poder Judiciário anular varias disposições desta lei, tornando novamente ilegal o cultivo da soja transgênica.

Entenda a discussão judicial sobre a soja RRE Em 1998, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança - CTNBio, órgão do governo responsável por avaliar a segurança das plantas transgênicas, liberou a comercialização da soja RR, espécie de soja patenteada pela Monsanto e re-sistente ao Roundup, principal agrotóxico vendido pela empresa. No entanto, a CTNBio não realizou corretamente as avaliações de risco, e não exigiu nenhum estudo de impacto ambiental realizado no Brasil. Por este motivo, duas associações da sociedade civil: o Instituto de Defesa do Consumidor e o Greenpeace entraram com uma ação contra a CTNBio. A decisão judicial neste processo impediu a comercialização legal da soja transgênica e proibiu a venda de sementes. Até hoje, não há uma decisão final neste processo.

É proibido o plantio de soja transgênica no entorno das unidades de conservação (parques, florestas). Alguns municípios também possuem leis que proíbem o plantio de transgênicos em seus territórios.

Em 2005, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança deu um parecer favorável ao plantio de algodão geneticamente modificado em algumas regiões do Brasil, mas o Ministério da Agricultura e o Ministério do Meio Ambiente ainda não emitiram todas as autorizações necessárias para este plantio. No caso do algodão, os prejuízos para os agricultores são ainda maiores, porque a taxa de contaminação de variedades convencionais ou crioulas é muito maior. Além disso, o algodão é uma espécie nativa do Brasil e pode ocorrer, graças à contaminação, uma grande perda de Biodiversidade. Na Índia, onde o plantio de algodão transgênico tinha sido liberado, o governo decidiu banir este tipo de plantio, graças aos grandes prejuízos que os agricultores estavam tendo.

Pagamento de Royalties

Uma outra consequência do cultivo de sementes transgênicas é o pagamento de “royalties” à empresa que possui a patente das sementes transgênicas. Enquanto a maior parte do cultivo de transgênicos no Brasil era ilegal, a Monsanto fez “vistas grossas” ao plantio de transgênicos e não cobrou royalties dos agricultores. Isso fez com que muitos agricultores acreditassem que esta cobrança nunca iria acontecer. Ao mesmo tempo, caiu o preço do herbicida Roundup para facilitar o uso do pacote “semente transgênica + herbicida”. Em 2003, a Monsanto começou a estabelecer um sistema de cobrança, que, a partir da safra de 2005 foi estendido a todo o país. É muito importante que os agricultores informem-se sobre a relação entre o plantio de transgênicos e o pagamento de royalties, pois isto tem gerado muitos processos judiciais das empresas que vendem sementes (principalmente a Monsanto) contra agricultores no mundo todo.

Royalties

Você leu acima que as sementes transgênicas são patenteadas, por isso os agricultores que a utilizam têm que pagar uma taxa, chamada “royalty”. Mas o que isso significa? Primeiro, é preciso saber o que são patentes.

O que são patentes?

Patente é um direito, reconhecido pelo governo de cada país, que garante ao inventor o **direito exclusivo de explorar sua invenção**, ou seja, um monopólio sobre a invenção.

Se esta invenção for usada por alguém, é necessário autorização do dono do patente, que tem o direito de cobrar uma taxa de quem utilize sua invenção. Esta taxa é chamada de royalty e seu valor é determinado livremente pelo dono da invenção. **Fica mais fácil entender com exemplo...** Thomas Edson viveu no século passado e foi um inventor muito famoso. Uma de suas invenções mais importante e conhecida é a lâmpada elétrica, inventada em 1879. Thomas Edson pediu ao governo dos Estados Unidos que reconhecesse a patente de sua invenção. Assim, durante 20 anos, somente sua empresa, a General Electric podia fabricar e vender lâmpadas elétricas. Se uma outra empresa quisesse, durante este prazo, fabricar lâmpadas iguais às inventadas por Thomaz Edson teria que conseguir uma licença e pagar a ele uma taxa (os royalties). Somente a partir de 1910 outras empresas puderam fabricar lâmpadas elétricas sem a autorização de Thomas Edson. Este direito não é exercido para

sempre, e o tempo varia de país para país. No Brasil, este direito normalmente dura 20 anos. O “direito de patente” existe no Brasil há muito tempo, desde 1830. Normalmente, as patentes eram usadas para garantir direitos de propriedade sobre invenções como máquinas e outros objetos utilizados na indústria. Mas, a partir de 1997, os direitos de patente foram ampliados no Brasil: ficou possível patentear medicamentos, produtos alimentares, os microorganismos geneticamente modificados e os produtos e processos da biotecnologia.

Mas... é possível existir patentes de sementes ou de seres vivos?

Antigamente, as leis brasileiras e também de outros países não permitiam o patenteamento de seres vivos. Mas, em 1997, graças a grandes pressões dos EUA e de empresas estrangeiras, foi aprovada no Brasil uma nova lei sobre patentes: a lei 9.279/1997. Esta lei criou uma exceção à proibição de patentear seres vivos: ficou permitido patentear microorganismos transgênicos. Esta lei considera as **sementes transgênicas** uma forma de invenção, permitindo que elas sejam patenteadas. Isso acontece porque as sementes transgênicas são produzidas por meio de uma tecnologia que pertence a uma empresa. A **soja RR**, por exemplo, possui características que a tornam resistente ao glifosato. Isso ocorre porque cientistas da Monsanto descobriram que se colocassem parte de uma bactéria encontrada no solo na semente, a planta da soja desenvolveria resistência ao glifosato. Assim, a Monsanto pediu ao governo de diversos países que a técnica de introduzir a parte da bactéria na semente e também o produto desta técnica (ou seja, a semente) fossem patenteados. Assim como a tecnologia RR, as empresas desenvolveram uma série de outras tecnologias que permitem o patenteamento de sementes.

As sementes são propriedade de quem?

As sementes não existiram desde sempre. Ao longo da história, os agricultores e, principalmente as agricultoras, domesticaram as plantas selvagens, criando as espécies de alimentos que conhecemos hoje. As técnicas para produzir sementes foram sendo transmitidas através de muitas gerações, através da cultura dos camponeses e das camponesas. Por isso, muitas organizações que representam agricultores são contra o patenteamento das sementes. Os agricultores do mundo todo não venderam o conhecimento que acumularam através dos séculos. A humanidade pode, até hoje, utilizar este conhecimento livremente. São estas sementes, desenvolvidas pelos agricultores e agricultoras, que as empresas de biotecnologia utilizam para “produzir” as sementes transgênicas.

Direitos do Agricultor Existe uma lei internacional - conhecida como **Tratado Internacional sobre Recursos Genéticos para Alimentação e Agricultura** que reconhece a enorme contribuição que agricultores, comunidades locais e indígenas deram para a Humanidade ao criarem as sementes. O Tratado reconhece que estes agricultores têm direito à conservação e ao desenvolvimento dos recursos genéticos que são a base da produção de alimentos no mundo inteiro. Estes recursos genéticos nada mais são do que as sementes e mudas. Este direito dos agricultores inclui:

- *a proteção dos conhecimentos tradicionais de interesse para os recursos genéticos para a alimentação e agricultura, tais como técnicas e saberes desenvolvidos pelos agricultores*
- *o direito de participar em condições de igualdade da distribuição dos benefícios que derivem da utilização dos recursos genéticos para alimentação e agricultura*
- *o direito de participar da adoção de decisões, em nível nacional, sobre assuntos relativos a conservação e utilização sustentável dos recursos filogenéticos para alimentação e a agricultura.*

Atualmente este Tratado está em discussão no Senado Brasileiro. Se for aprovado, o Brasil deverá regulamentar as disposições sobre os direitos dos agricultores.

As donas das patentes

Poucas empresas no mundo todo são donas das patentes das sementes transgênicas. Apenas cinco empresas (Cargill, Monsanto, Du Pont, Syngenta, Bunge e Bayer) dominam 99% do mercado de sementes transgênicas. Somente a Monsanto é dona de 88% das sementes patenteadas no mundo todo. **Todas estas empresas têm como principal negócio a venda de fertilizantes, agrotóxicos, pesticidas e herbicidas.** As sementes transgênicas são mais uma parte do “pacote tecnológico” vendido pelas empresas e fazem parte da estratégia para estabelecer um controle cada vez maior sobre a atividade dos agricultores. **A Monsanto é a empresa que mais possui patentes de plantas transgênicas.** Veja as informações abaixo, organizadas pelo Grupo ETC: Porcentagem de cultivos transgênicos correspondente a Monsanto:

- **Soja transgênica** – *A soja da Monsanto foi cultivada em 91% da área mundial dedicada a soja transgênica em 2004.*
- **Milho transgênico** – *O milho transgênico da Monsanto foi plantado em 97% da área de milho transgênico no mundo durante 2004.*
- **Algodão transgênico** – *O algodão transgênico da Monsanto foi utilizado em 63,5% de toda a área plantada com este cultivo.*
- **Canola transgênica** – *A canola transgênica da Monsanto foi plantada em 59% da área mundial dedicada a este cultivo em 2004.*

Royalties e cultivos não transgênicos

A cobrança dos royalties ou da taxa tecnológica não é uma novidade. Na verdade, desde 1997, é possível cobrar royalties também com a venda das sementes melhoradas desenvolvidas por empresas. Isto é permitido pela “Lei de Proteção aos Cultivares” que passou a ser aplicada em 1997, mesmo ano em que surgiu a Lei de Patentes. A taxa tecnológica, neste caso, é cobrada na venda das sementes e seu preço é embutido no preço da semente. Por este motivo, as sementes “híbridas” produzidas por empresas são mais caras. Assim, o transgênico é ainda mais caro, pois sua taxa vem somada ao valor do híbrido ou da semente melhorada. No entanto, **ao contrário da lei de patentes**, a Lei de Proteção aos Cultivares garante os “direitos do agricultor”: assegurando que este, dentro de seu estabelecimento pode reservar uma parte de sua colheita para uma futura semeadura sem necessidade de prévia autorização ou pagamento de qualquer remuneração a quem desenvolveu a semente. **Ou seja: o agricultor e a agricultora pode guardar e reproduzir sua semente sem ter que pagar de novo.** A lei reconhece ainda a “isenção do melhorista”, admitindo a livre utilização da cultivar protegida para pesquisa, como fonte de variação. Isso significa que, a partir da semente melhorada, os agricultores podem desenvolver outras variações de sementes, continuando o melhoramento. Uma importante previsão desta lei é que ela permite que o pequeno produtor rural multiplique sementes para doação ou troca, exclusivamente para outros pequenos produtores rurais, no âmbito de programas de financiamento ou de apoio a pequenos produtores rurais, conduzidos por órgãos públicos ou organizações não-governamentais, autorizados pelo Poder Público. O produtor – produtora que usar suas próprias sementes tem o mesmo direito ao crédito agrícola que o que compra sementes certificadas.

Só para lembrar....Cultivares: sementes resultantes do trabalho de pesquisa, cruzamentos, utilização de técnicas de engenharia genética ou outras intervenções realizadas pelo homem. **Genes:** pequenas moléculas que integram o “código genético” dos seres vivos e que são responsáveis por suas características físicas. **Royalty:** taxa a ser paga pelo uso de produtos patenteados. **Patente:** instituto jurídico que garante a propriedade sobre inventos. **Empresas de Biotecnologia:** normalmente donas das patentes de sementes e de biocidas, exercem a atividade de pesquisa, transformação e comercialização em larga escala de produtos advindos da natureza, como as sementes.

Atenção!• *O mercado de sementes híbridas convencionais também é muito concentrado e as empresas, mesmo sem utilizar a transgenia, têm desenvolvido variedades que produzem sementes “fracas”, obrigando o agricultor a comprar semente todas as safras. Atualmente as cinco maiores empresas detêm 90% do mercado de sementes de milho. Todas são multinacionais. A Monsanto, por meio da Monsoy (sua filial no Brasil), domina 60% da produção. Em seguida aparecem a Pioneer, agora controlada pela DuPont, com 14%; a Dow (5%); a Zeneca (3%) e a Agr-Evo (2%). Única companhia de capital nacional, a Unimilho reúne 17 empresas de produção de híbridos em franquia com a Embrapa e tem participação de apenas 5% no mercado• O valor dos royalties ou taxa tecnológica é estabelecido pelas empresas, sem qualquer participação do Estado ou dos agricultores.*

Porque estas leis foram aprovadas?

As empresas que desenvolveram as sementes transgênicas, todas localizadas na Europa e nos Estados Unidos, fizeram muita pressão para que os países aprovassem leis de patentes e de “proteção aos cultivares”. Estas leis significaram um grande aumento do poder das empresas sobre a produção e também o aumento da dependência tecnológica dos agricultores em relação às empresas.

Você sabia que:• *85% das patentes concedidas no mundo todo pertencem a empresas dos Estados Unidos, da União Européia e do Japão?• A Empresa estadunidense Monsanto possui 683 patentes reconhecidas pelo Governo Brasileiro, todas relacionadas à Agricultura. A EMBRAPA, empresa pública brasileira possui ao todo 170 patentes. • Em 2001, uma Comissão formada pelo Governo da Inglaterra com especialistas e cientistas de diversos países, concluiu que nos últimos vinte anos, o “nível, a abrangência, a extensão territorial e o papel da proteção à propriedade intelectual se expandiram a um ritmo sem precedentes, prejudicando as economias dos países em desenvolvimento, como o Brasil: Formas de vida são patenteadas; atividades básicas como a agricultura e o atendimento à saúde dependem de produtos cujo uso é limitado pelas regras de proteção aos detentores da tecnologia; pesquisas antes feitas de forma aberta por instituições públicas agora são submetidas ao regime de monopólio garantido pelas patentes.”*

Veja as diferenças do plantio de sementes convencionais e transgênicas:

	<i>Sementes Convencionais comercializadas por empresas</i>	<i>Sementes Transgênicas</i>	<i>Sementes Crioulas</i>
<i>Taxas</i>	O agricultor e a agricultora pagam royalties ou taxa tecnológica quando compra a semente.	O agricultor pode pagar royalties quando compra a semente ou quando entrega a produção. Além disso, precisa firmar um contrato chamado “licenciamento” com a empresa.	As sementes são desenvolvidas e melhoradas pelos agricultores. Não há pagamento de qualquer taxa.
<i>Produção / uso</i>	O agricultor pode guardar sementes, reproduzir e produzir a partir delas, variedades melhoradas, sem pagar nenhuma taxa.	A empresa dona da patente da semente proíbe que o agricultor guarde sementes. Se o agricultor fizer isso pode ser processado pela empresa.	É livre a reprodução de sementes.
<i>Circulação</i>	O agricultor pode trocar sementes com outros pequenos agricultores, desde que em Projeto coordenado por instituições de pesquisa ou organizações não governamentais.	A troca de sementes é crime previsto na lei de patentes.	A troca de sementes é livre.
<i>Adaptação</i>	Desenvolvida em centros de pesquisa e melhoradas para responder a adubação química.	Desenvolvida em laboratório e centros de pesquisa através de processos artificiais. Seus impactos ainda não foram bem estudados.	Adaptada a condições locais e ao manejo pouco dependente de insumos químicos.

Tecnologia para controlar os agricultores

As empresas de biotecnologia desenvolveram um tipo de tecnologia aplicada às sementes que tem como objetivo aumentar ainda mais o controle sobre os agricultores: com a utilização destas tecnologias as sementes que só geram plantas que só produzem grãos estéreis, que não germinam. Isso é possível porque as empresas colocam na semente um gen chamado “terminator”, palavra que em Português significa “exterminador”. Com este tipo de semente, os agricultores são obrigados a comprar semente em todas as épocas de plantio, sempre pagando os royalties para as empresas. Outro tipo de tecnologia é chamada “traitor”. Através desta tecnologia, as empresas fazem com que as plantas somente produzam flores ou sejam resistentes a determinada praga ou doença, por exemplo, se forem tratadas com determinadas substâncias químicas, como agrotóxicos. Pelo que se sabe, graças a grandes pressões de toda a sociedade, esta tecnologia não está sendo utilizada em nenhum país, em decorrência dos graves riscos que ela representa para a biodiversidade e para a agricultura. No Brasil, uma deputada do PFL de Tocantins – Kátia Abreu – apresentou um Projeto de Lei que tem como objetivo autorizar a utilização desta tecnologia por aqui. As empresas Syngenta, DuPont, BASF, Monsanto e Delta & Pine Land possuem patentes sobre a tecnologia terminator.

Contratos com Agricultores

Toda semente transgênica é patenteada. A utilização das sementes transgênicas depende de uma autorização da empresa que detém a patente da semente. Esta autorização é chamada “**licença**” e se faz através de um contrato entre o agricultor e a empresa dona da patente. Para que os agricultores plantem a soja RR, por exemplo, a Monsanto exige que os agricultores assinem um contrato, que contém uma série de condições a serem respeitadas pelo agricultor. **A principal regra do contrato é a proibição de guardar sementes para utilizar na safra seguinte. Além disso, a Monsanto passará a controlar a quantidade de produção vendida pelo agricultor, para que tenha certeza que este não guardou sementes.** Outra condição presente nos contratos é

que a autorização para que empregados da empresa façam vistorias na propriedade do agricultor para que verifiquem se este guardou sementes. Estas vistorias podem acontecer até mesmo 06 anos após o agricultor ter assinado o contrato com a Monsanto. Veja uma parte de um contrato entre agricultores que produzem algodão e a Monsanto:

Se a Monsanto *acreditar com justa razão* que um plantador tenha plantado sementes de algodão guardadas, que contenham traços genéticos da Monsanto, a Monsanto exigirá a fatura, ou *estará confirmado* que os campos foram plantados com sementes recém compradas. Se essa informação não for fornecida em 30 dias, a Monsanto poderá inspecionar e testar todos os campos do plantador para determinar se foram plantadas sementes guardadas de algodão. (*ênfase foi acrescentada*)

Aqui no Brasil....

No Brasil a soja transgênica começou a ser cultivada ilegalmente por volta de 1997/98, principalmente no Rio Grande do Sul. Como não assinou contratos com os agricultores, a Monsanto desenvolveu um “sistema de cobrança” de royalties que começará a funcionar completamente nesta safra. Para poder estabelecer este sistema de cobrança, a Monsanto realizou contratos com quase 100% das cooperativas, cerealistas e empresas distribuidoras de grãos e vendedoras de sementes de várias regiões do Brasil. Este sistema é utilizado apenas para a cultura da soja, já que é a única produção transgênica autorizada no Brasil. Por este acordo, quando o agricultor for comprar semente, as empresas e cooperativas deverão cadastrar todos os dados dos agricultores em um sistema de computadores. Estes dados ficam disponíveis para todas as outras cooperativas, empresas distribuidoras de grãos, cerealistas e para a própria Monsanto. Além disso, ficará cadastrado neste sistema **uma quantia de produção que o agricultor venderá na época da colheita. Esta quantia é calculada de acordo com a média de produtividade de cada região.** Com este controle, a Monsanto poderá saber se o agricultor guardou sementes para a próxima safra. O agricultor que comprar sementes transgênicas, além de se sujeitar ao pagamento de royalties está obrigado a seguir as normas da lei de patentes: * Não pode utilizar o material patenteado (no caso as sementes) sem autorização da empresa dona da Patente. Para cobrar dos agricultores que guardaram sementes para uso próprio, a Monsanto e as cooperativas vão fazer testes também nas sacas de soja entregues pelos agricultores no momento da comercialização. Através deste acordo, a Monsanto já estabeleceu um controle sobre toda a cadeia produtiva da soja na região sul do Brasil e pretende expandir este controle para todo o país já na próxima safra. Mesmo os agricultores que não plantam soja transgênica, estão presos à fiscalização da Monsanto e serão obrigados a fazer os testes de transgenia. Caso a soja seja transgênica, então o agricultor deverá pagar uma taxa sobre a produção. Na safra comercializada no início de 2005, este valor foi de 2% da produção. A cobrança desta “taxa” é considerada uma “indenização pelo uso não autorizado das sementes de soja transgênica” e está prevista na lei de patentes. A Monsanto tem cobrado esta “indenização” desde 2003. **A Monsanto já informou publicamente que aceitará que os agricultores reproduzam sementes para uso próprio somente enquanto não houver semente transgênica certificada suficiente no mercado.** Com o sistema de cobrança em funcionamento em todo o país, ficará fácil para a empresa identificar os produtores que utilizam sementes transgênicas e aplicar a eles as punições pelo uso não autorizado das sementes RR.

Empresas nacionais firmam contratos com Monsanto para reprodução das sementes de soja RR. Uma das estratégias das empresas donas das patentes de sementes transgênicas para dominar os mercados nacionais é estabelecer contratos com empresas locais. As principais empresas produtoras de sementes de soja no Brasil (EMBRAPA, Coodetec e Fundação Mato Grosso) firmaram entre 2003 e 2004 contratos com a Monsanto visando a reprodução de sementes de soja RR e a adaptação destas sementes ao clima brasileiro. O contrato entre as empresas tem validade até 13.09.2014. Por este acordo, as empresas se comprometeram a não utilizar tecnologias semelhantes (de resistência ao glifosato) de outras empresas, o que, sem dúvida, aumenta o poder da Monsanto. Conforme este acordo, a Monsanto deverá pagar à Embrapa, FMT e Coodetec, o valor de 12,5% dos royalties arrecadados em um ano. De acordo com o contrato “os agricultores consumidores de semente de soja também deverão firmar com a Monsanto um contrato de licença de patente para exploração do produto”. O contrato com os agricultores é responsabilidade das empresas vendedoras de sementes. Este fato comprova que

nas próximas safras, os agricultores terão que assinar contratos diretamente com a Monsanto. Através deste acordo, a Monsanto passará a ter, indiretamente, participação em 82,70% do mercado de sementes de soja no Brasil. Na prática, com esses acordos a Monsanto efetivamente consegue uma licença para controlar as sementes, mesmo depois que o agricultor as comprou, plantou e colheu. A lei de patentes estabelece que é crime a utilização de material patenteado sem autorização do dono da patente. Assim, a Monsanto também poderá processar criminalmente os agricultores que utilizarem sementes transgênicas em desacordo com as exigências da multinacional. Sob os contratos da Monsanto os agricultores não podem mais guardar suas sementes para uso posterior, terminando com uma tradição agrícola de mais de 10.000 anos. • *Nos EUA a Monsanto investiga pelo menos 500 agricultores a cada ano por possível violação de patente.* Monsanto X Agricultores No mundo todo, a Monsanto tem processado centenas de agricultores, acusando-os de utilizar sem autorização sua tecnologia. Somente nos Estados Unidos, a Monsanto tem um orçamento anual de 10 milhões de dólares e uma equipe de 75 pessoas contratadas para investigar agricultores. Lá nos Estados Unidos, a Monsanto iniciou 90 processos contra agricultores. Agricultores que replantaram sementes guardadas da Monsanto, por desconhecerem os termos rigorosos do contrato, encararam penalidades financeiras sérias, que levaram alguns a falência e tiraram outros do mercado. Outros agricultores que, conscientemente nunca plantaram sementes geneticamente modificadas, foram penalizados quando foi descoberto que suas sementes estavam contaminadas com material genético patenteado pela Monsanto. Nos Estados Unidos, a Monsanto criou um número de telefone de ligação gratuita que permite que agricultores e comerciantes façam ligações confidenciais para relatar atividades suspeitas de “infração” de vizinhos e clientes. A empresa diz que recebe centenas de ligações e cartas a cada ano sobre esses casos em potencial de infração de patentes. Na contra-mão da solidariedade que existe nas comunidades rurais, a Monsanto estimula a competição e a denúncia entre produtores. **Investigação** Mitchell Scruggs, um agricultor estadunidense, percebeu que a Monsanto estava de olho nele quando notou investigadores em volta da sua loja. Scruggs conta que sua família não podia sair de casa, que era junto da loja, sem ter a sensação de estar sendo observados por câmeras de vigilância. A companhia chegou a ponto de comprar um terreno do outro lado da rua para ajudar na vigilância, e os investigadores vigiavam os clientes da loja de Scruggs de uma distância de apenas 500 pés. Os investigadores também importunaram os clientes, seguindo vá-rios deles até em casa advertindo-os para que não comprassem de Scruggs. Um agricultor que foi seguido até em casa pelos investigadores confessou: “Sempre pensei que eles quisessem chegar nele através de mim.” Aviões e helicópteros freqüentemente passavam no céu, e Scruggs descobriu com as pessoas do aeroporto local, que eles eram alugados pela Monsanto para observar sua loja e as terras em volta. Com isso tudo, e mesmo que a presença dos investigadores fosse óbvia, eles nunca abordaram Scruggs diretamente. Fonte: Monsanto x Agricultores.

Agricultores condenados

Em muitos casos, o resultado final dos processos da Monsanto contra agricultores permanece desconhecido, pois os mesmos terminaram em acordos confidenciais que não podem ser revelados sem arriscar sanções futuras por parte do tribunal. Agricultores que quebram essa regra de sigilo arriscam ter seu acordo anulado, e podem receber uma multa que é bem maior do que sua sentença.

Contaminação e royalties

Os processos promovidos pela Monsanto têm atingido inclusive os agricultores que não plantaram transgênicos, mas tiveram suas lavouras contaminadas. No Rio Grande do Sul, estado em que o plantio de transgênico foi iniciado ilegalmente em 1997-98, já existem casos de agricultores que plantavam soja convencional serem obrigados a pagar royalties. No Canadá, um agricultor de 72 anos, chamado Percy Schmeiser, enfrentou um longo processo judicial que o tornou conhecido no mundo todo. Percy cultivava canola há muitos anos. Ele e sua família haviam desenvolvido algumas variedades adaptadas para sua região e também algumas resistentes a doenças comuns no Canadá. Em 1996, a empresa Monsanto obteve a autorização para a comercialização de sementes de canola transgênica no Canadá. Era a canola *Roundup Ready* (RR) resistente ao herbicida Roundup, semelhante à soja transgênica que é cultivada na Argentina, nos Estados Unidos e no Sul do Brasil. A Monsanto divulgou suas novas sementes transgênicas em algumas feiras e exposições, mas Percy nunca havia se informado direito sobre o assunto. Ele nem ficou sabendo que seu vizinho resolvera plantar a canola transgênica da Monsanto. Em 1998, a Monsanto entrou na Justiça com um processo contra Percy sem que ele tivesse recebido qualquer aviso da empresa. No processo ele era acusado de cultivar canola transgênica sem a licença da Monsanto e, portanto, estar infringindo a patente da empresa. O processo contra Percy foi julgado e ele foi condenado. A decisão do juiz foi baseada em três pontos principais: 1) Não importa como a semente transgênica da Monsanto foi parar na lavoura do agricultor. Pode ter sido por polinização cruzada, pelo vento, por insetos,

pássaros ou pode ter caído de caminhões passando. Mesmo que a semente transgênica tenha chegado na lavoura do agricultor contra a sua vontade, não importa. Se o agricultor não tem a nota de compra da semente ele está infringindo a patente da empresa. 2) Não importa qual a porcentagem de contaminação da lavoura. Se houver alguma contaminação com transgênicos, toda a lavoura passará a ser propriedade da empresa. 3) Todos os lucros provenientes da lavoura do ano em que o agricultor está sendo acusado devem ir para a Monsanto. Mesmo que a lavoura inteira não tenha sido testada, o juiz considera que existe a probabilidade de que a área esteja toda contaminada. Percy teve que pagar 250 mil dólares canadenses por custas processuais. Por ter decidido enfrentar a multinacional multibilionária, Percy e sua esposa gastaram todas as economias que fizeram ao longo da vida e tiveram que hipotecar sua casa e sua fazenda.

O que está acontecendo no Brasil...

A seguir vamos contar algumas situações que estão acontecendo no Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul. **Estas situações demonstram os problemas que o cultivo de soja transgênica vem causando neste Estado.**

Prejuízo... Uma cooperativa de pequenos agricultores no Rio Grande do Sul decidiu separar a produção transgênica da produção convencional, pois ganharia cerca de 10% a mais pela soja convencional. Muitos agricultores plantaram soja convencional, mas na hora de vender a produção foram feitos testes que demonstraram que a soja convencional estava contaminada. Os agricultores não conseguiram vender sua produção por um preço melhor. Os agricultores fizeram uma reunião e descobriram que provavelmente, a contaminação ocorreu pela utilização das máquinas, caminhões, etc, também utilizadas por agricultores que plantaram transgênicos.

Teste errado??! Uma agricultora, também do interior do Rio Grande do Sul não concorda com a produção de soja transgênica: ela não vê qualquer vantagem na produção deste tipo produto, já que a produtividade das lavouras de seus vizinhos que plantaram transgênicos é a mesma que a da lavoura dela, convencional. Além disso, ela sabe que a soja transgênica foi liberada no Brasil, sem os estudos de impacto desta cultura no meio ambiente. Por isso, além de não plantar soja transgênica, Ângela fazia um trabalho de conscientização com seus vizinhos para que eles também não utilizassem sementes transgênicas. Por este motivo, para o plantio que fez em 2003, a agricultora Ângela comprou sementes convencionais certificadas. Quando foi comercializar sua produção, a cerealista fez o teste de transgenia nas sacas de soja. Para sua surpresa, foi informada que o teste tinha tido resultado positivo. Ângela teve que pagar o dobro do preço de royalties e ainda pagar os testes utilizados. A história se espalhou pela cidadezinha e muitos agricultores que não tinham plantado soja transgênica, mas não tinham comprado sementes certificadas, ficaram inseguros e declararam que a soja deles era transgênica. Mais tarde, descobriu-se que o técnico que fez o teste na produção da Ângela, tinha interpretado o resultado de forma errada. A empresa devolveu o dinheiro para a agricultora.

Falta semente!! Para a safra 2005/06, os agricultores do Rio Grande do Sul estão com muitas dificuldades de encontrar sementes de soja convencional para comprar. Muitos, mesmo sem querer, terão que comprar sementes transgênicas e pagar royalties. Variedades de sementes de soja convencional que só existiam no Rio Grande Sul podem desaparecer. Poucas empresas vão produzir sementes convencionais nesta safra.

O que fazer? Toda esta situação é muito grave e perigosa. Um dos principais riscos é que as variedades convencionais e as sementes acabem desaparecendo. Isso aumentará muito o poder das empresas que possuem as patentes das sementes transgênicas e tornará o agricultor ainda mais dependente destas empresas. O agricultor também ficará sem opção e será forçado a plantar sementes transgênicas. Por isso, é muito importante que os agricultores continuem a reproduzir suas sementes, recuperando e continuando a desenvolver as técnicas de produção de sementes. Além disso, a preservação de atividades como a troca de sementes e a criação de bancos de sementes é cada vez mais importante para garantir a autonomia do agricultor. Denunciar cultivos ilegais também é fundamental, pois eles podem prejudicar as lavouras de outros agricultores, especialmente no caso do milho e do algodão.

O que o Governo deve fazer? • Aprovação do Decreto que faz vigorar no Brasil, o Tratado Internacional sobre Recursos Genéticos para Alimentação e Agricultura. (Congresso Nacional) • Criação de áreas ou regiões livres de transgênicos, através de leis específicas para isto. • Apoio a Bancos de Sementes Comunitários, para preservar as variedades crioulas • Criar normas que protejam os agricultores contra contaminação • Incentivar a utilização de sementes crioulas • Fiscalizar as empresas donas das patentes. • Não permitir a liberação de organismos geneticamente modificados que possam contaminar as outras lavouras; • Garantir a participação

dos agricultores e agricultoras nas decisões sobre a questão dos transgênicos;• Fiscalizar a rotulagem dos produtos que contenham transgênicos.

O que a Comunidade pode Fazer:• Debates sobre a questão dos transgênicos para conscientização;• Criação de Bancos de Sementes Comunitários, para preservar as variedades crioulas• Realização de Feiras de Sementes, para aumentar a troca de sementes;• Recuperar variedades de sementes que estão desaparecendo.• Exigir a rotulagem dos produtos transgênicos• Exigir que o Governo faça seu papel;

Leis Importantes:

Lei 11.105/2005 – Lei de Biossegurança. Estabelece a forma como os transgênicos serão liberados no meio ambiente. **Lei 9.279/1997** – Lei de Propriedade Industrial ou Lei de Patentes. Estabelece regras para concessão de patentes, **Lei de Proteção aos Cultivares** – Dá às empresas que produzem sementes ou ao “melhorista”, o direito de cobrar royalties na venda da semente e também de impedir outros que utilizem estas sementes sem autorização. Também reconhece os “direitos do agricultor” de reproduzir e reservar suas sementes.**Decreto 4.680/2003:** obriga a rotulagem dos produtos que contenham organismos geneticamente modificados

Lei 10.711/2005 – Lei de Sementes **Lei 10.814/2005** – Determina em seu art. Que é proibido plantar soja transgênica nas terras indígenas, áreas de unidade de conservação e suas respectivas zonas de amortecimento.

Bibliografia Esta Cartilha contém informações retiradas de:

ALBAGLI, S. Geopolítica da biodiversidade. Brasília, Edições Ibama, 1998.

ALTIERI, Miguel. Sementes Nativas: Patrimônio da humanidade e essencial para a integridade cultural e ecológica da agricultura camponesa. Expressão Popular, 2003

BENBROOK, Charles M. “Genetically Engineered Crops and Pesticide Use in the United States: The First Nine Years.” Biotech InfoNet, Technical Paper Number 7, outubro de 2004.

CARVALHO, Horácio Martins (org). Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade. Expressão Popular, 2003

WILKINSON, J., CASTELLI, P. G., A Transnacionalização da indústria de sementes no Brasil – biotecnologias, patentes e biodiversidade. Rio de Janeiro, ActionAid Brasil, 2000

Informativo Fundacep, ANO XI, n. 14, ago 2004. Cultivares de soja RR provenientes da Argentina versus cultivares nacionais convencionais.

Center for Food Safety. Monsanto x US Farmers. A Report by the Center for Food Safety, 2005. Disponível em www.centerforfoodsafety.org

Foram pesquisados os seguintes sites:

www.etcgroup.org.br www.aspta.org.br www.greenpeace.org.br www.idec.org.br www.mj.gov.br
www.terradireitos.org.br www.monsanto.com.br www.centerforfoodsafety.org

Ficha Técnica

Equipe de Redação e Revisão: Darci Frigo, Diorlei Santos, Gabriel B. Fernandes José Augusto Guterrez, Margareth Maran, Sara Regina Gorsdorf e Maria Rita Reis

Coordenação: Maria Rita Reis

Projeto Gráfico: Mídia Arte

Ilustrações: Roberto Corrêa Gonçalves

Agradecimentos: A Terra de Direitos agradece à Fundação Heinrich Böll e à Fundação Ford pelo apoio na elaboração desta Cartilha. Agradecemos ainda aos agricultores entrevistados no processo de elaboração deste material, que com suas angústias, conhecimentos e percepções sobre a Agricultura nos incentivaram a produzir esta Cartilha, que é apenas uma parte do nosso constante diálogo.

Terra de Direitos

Rua José Loureiro, nº 464, conj. 26, Centro, Curitiba, Paraná CEP 80010-907 Tel 41 3232-4660

Disponível em: http://www.aspta.org.br/publique/media/cartilha_patentes_tdd.pdf